



LeYa

INVEJA

OS SETE PECADOS

INVEJA

como ela mudou a história do mundo

Ela está por trás do Holocausto e da morte de Sócrates, da criação da Capela Sistina, das teorias de Freud e da obra dos Beatles. Saiba como a **inveja** transformou a humanidade.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

“Inveja: como ela mudou a história do mundo” © 2015 Alexandre Carvalho

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Preparação de texto: Fernanda Mello

Checagem de dados: Simone Costa

Revisão: Hed Ferri e Lizandra M. Almeida

Projeto gráfico: Fabio Oliveira

Capa: Retina 78

Imagens de capa: Shutterstock e Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carvalho, Alexandre

Inveja : como ela mudou a história do mundo / Alexandre Carvalho. –São Paulo : LeYa, 2015.

240 p. [(Os Sete Pecados, v. 2 / organizado por Alexandre Versignassi)]

Bibliografia

ISBN 9788544102121

1. Inveja 2. Pecados capitais 3. Comportamento humano 4. Cristianismo – História I. Título II. Versignassi, Alexandre III. Série

15-0453 CDD 179.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Inveja

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com.br

DEDICATÓRIA

*Para Juliana Falcon, minha primeira leitora, chefe de torcida,
meu chão e meu céu – e também o motivo que eu tenho
para fazer inveja a qualquer um*

AGRADECIMENTOS

A Alexandre Versignassi, o George Martin deste livro, pela edição cuidadosa e por todo incentivo e amizade.

A Silvia Regina, Erton, Su, Nan, Rica, Teté e Belinha, meus amores.

APRESENTAÇÃO

UMA HISTÓRIA DE SETE PECADOS

Eles traduzem a natureza humana. Os sete pecados foram concebidos há mais de mil anos pela Igreja, e em um tempo em que não havia nada remotamente parecido com psicologia, mas, mesmo assim, eles retratam a nossa essência. E construíram nossa história, desde o tempo em que ainda nem éramos humanos. A ira, por exemplo, moldou o seu rosto – exato: nossos ossos faciais evoluíram para aguentar pancadas alheias, por isso seu maxilar é mais pronunciado que o de qualquer outro primata. A cobiça, outro pecado capital, nos legou a casa própria. Pois é: graças à gana pelo lucro, existem os bancos. E, sem banco, não há financiamento imobiliário. Outro pecado que faz girar as rodas da economia é a preguiça. Ela mesma, pois da leseira humana surgiram os deliveries de pizza, as escadas rolantes, os controles remotos. A luxúria não fica atrás: da Grécia Antiga ao Tinder, ela nunca conheceu tempos de crise.

Outro pecado, tão gostoso quanto a luxúria, é o responsável por algumas das criações mais sublimes da humanidade. Não fosse a gula, não teríamos o confit de pato, o pastel de feira... Nem as grandes navegações. Outros dois delitos, bem menos saborosos, foram responsáveis por realizações ainda mais exuberantes. Sem doses gordas de vaidade e de inveja, afinal, não teríamos as Pirâmides, a Capela Sistina, o iPhone.

O mundo está moldado à imagem e semelhança dos pecados capitais, justamente porque eles são um espelho do que temos de mais profundo nas nossas mentes. Esta série veio para contar a história deles. Ou melhor, as sete histórias. São sete volumes, cada um mostrando a saga da humanidade à luz de um dos sete pecados. Aproveite!

Alexandre Versignassi, organizador

INTRODUÇÃO

A GENI DOS PECADOS

“A nossa inveja dura sempre mais tempo que a felicidade daqueles que invejamos”, disse François de La Rochefoucauld, um cronista francês do século XVII. E ela também é uma merda, como você sabe. Pudera: fantasiar o sucesso alheio e sofrer com isso é pior do que parece. Um estudo de 2009, feito pelo Instituto Nacional de Ciência Radiológica de Tóquio, identificou por ressonância magnética onde a inveja é processada no nosso cérebro: e é na nobre região do córtex cingulado anterior, uma parte da massa cinzenta logo atrás da testa, também responsável por identificar a dor física¹. Ou seja: sentir inveja pode ser tão doloroso quanto levar socos de verdade.

Mas a inveja também pode dar alegrias, como bem sabe o torcedor de futebol que seca o time rival. Segundo o mesmo estudo, o estriado ventral, que é a região do cérebro na qual processamos a sensação de prazer, também opera a Schadenfreude. Oi? Esse termo alemão, sem correspondente em qualquer outra língua, descreve a emoção prazerosa que o invejoso sente diante de um tropeço da pessoa invejada. Quem fizer questão de traduzir a palavra pode pensar em “bem feito!” ou coisa que o valha.

Mas por que a seleção natural daria passagem a um sentimento tão mesquinho? A princípio, não deveria fazer sentido: a evolução das espécies é particularmente hábil em descartar características inúteis para a preservação dos genes. Por exemplo: sentir prazer com o sexo é útil para a perpetuação da nossa espécie, já que a expectativa pelo prazer nos deixa propensos a gastar tempo e energia promovendo o encontro entre óvulos e espermatozoides dentro dos nossos corpos. Não existe nada mais útil para a propagação de genes, claro. Por isso, sentir prazer com o sexo está enraizado no sistema nervoso de todas as formas de vida – à exceção das que se reproduzem por brotamento. Em suma: o pecado da luxúria tem uma boa desculpa científica.

O da gula também: quem não sente prazer nenhum com comida corre o risco de morrer de subnutrição – e aí, adeus, genes. Nada mais natural, então, que esse prazer às vezes escape ao controle. Mesmo os pecados capitais mais perversos têm uma utilidade evolutiva razoavelmente nítida. A ira é boa para autodefesa. A avareza (ou cobiça por bens materiais) serve para estocar recursos para os dias de vacas magras. A preguiça, para guardar energia – e tê-la disponível em um momento em que a força for realmente necessária. Já a vaidade... Sempre é bom para os negócios da vida ter uma autoimagem positiva. Tudo isso você verá nos próximos livros desta coleção.

Mas, ei: e a inveja, a protagonista deste volume? A danada é basicamente um sentimento ruim provocado pela quebra da imagem positiva que cada um tende a fazer de si mesmo. Essa ruptura acontece quando você detecta que está em uma situação aparentemente menos favorável que a de outra pessoa. A única função da inveja, então, é fazer com que a gente se sinta pior do que estava antes de senti-la. Nada mais inútil, certo? Mas como é que a inveja fincou residência no nosso cérebro, se ela não serve para nada de bom?

A resposta é que não devemos jogar pedra na inveja. Ela tem uma função, sim. E preciosa. É que esse sentimento nem sempre faz você andar para trás. Às vezes, é justamente o contrário. Segundo os psicólogos evolucionistas David M. Buss e Sarah E. Hill, quando nossos antepassados se comparavam desfavoravelmente a seus semelhantes, isso os ajudava a criar uma avaliação sobre o próprio desempenho na busca de recursos para a sobrevivência². Se um *Homo sapiens* primitivo voltava da caça com um bisão, e outro com dois passarinhos, esse segundo podia até quebrar o tacape de inveja. Mas, com a cabeça mais fria, devia ser capaz de raciocinar o óbvio: opa, também posso ir além dos dois passarinhos. Esse tipo de pensamento, associado à dor emocional, pesada, pode ter sido essencial para a preservação de seus genes ao longo dos milênios. E, certamente, para a longevidade da inveja, que garantiu seu cantinho na bagagem da evolução – e nas nossas vidas.

Esse sentimento é universal, atemporal e parte importante da história do mundo. Como você verá neste livro, a inveja desgraçou, banuiu ou matou, sem limites geográficos, heróis, artistas, cientistas, povos inteiros. Mas ela também ajudou a desenvolver essa máquina bípede movida a oxigênio que é

você. Em parte, somos um aprimoramento do que foram nossos antepassados porque a inveja nos ensinou a caçar melhor do que nossos rivais, a plantar melhor, a desenvolver uma ciência superior, a criar músicas mais sofisticadas... A pensar melhor. E a caprichar em nossas selfies no Facebook. Porque é melhor matar do que morrer de inveja.

Boa leitura.

[1](#) Hideko Takahasi et al. “When Your Gain Is My Pain and Your Pain Is My Gain: Neural Correlates of Envy and Schadenfreude”. In: Science. Instituto Nacional de Ciência Radiológica de Tóquio, 2009.

[2](#) David M. Buss e Sarah E. Hill. “Evolutionary Psychology of Envy”. In R. Smith (Ed.) Envy: Theory and research. Oxford University Press: Nova York, 2008. pp. 60-70.



**OSTRACISMO: A INVEJA COMO
POLÍTICA DE ESTADO**

A Grécia Antiga tinha um imposto sobre grandes fortunas bem peculiar: o ostracismo, uma forma de banimento social movido pela inveja – o sentimento que também esteve por trás da pena de morte de Sócrates.

"A cada bela impressão que causamos, conquistamos um inimigo."
Oscar Wilde, escritor irlandês

“Faz parte.” Esse bordão multiuso foi repetido pelo Brasil todo em 2002. Não havia circunstância difícil que não rendesse um “faz parte”: broxada, demissão, troca de fralda na madrugada, pênalti perdido... Era a aceitação resignada, humilde até, de qualquer chatice indissociável da vida. Quem popularizou a frase curta foi o campineiro Kleber Bambam, que recorria a ela sempre que era mandado para paredões da primeira edição do *Big Brother Brasil* – e ele teve de encarar quatro. A surpresa foi a sequência de nocautes por parte de Bambam nos paredões, mandando embora concorrentes mais bonitos, charmosos e inteligentes que ele – e faturando o grande prêmio no final. Surpresa porque o fortão Bambam não é exatamente o tipo de sujeito sagaz, que poderia manipular a audiência a votar na permanência dele no programa. Infantil foi o termo mais suave que a mídia lhe dedicou. Os colegas de jogo comparavam seu comportamento ao de uma criança de oito anos. Lá pelas tantas, sentindo-se isolado na casa, adotou uma boneca feita de lata e um pedaço de madeira como melhor amiga: a Maria Eugênia. E chorou na frente do país inteiro quando tiraram o brinquedo de perto.

Mas por que os espectadores foram banindo gente tão mais interessante do que o sujeito? Não seria melhor acompanhar a trama com personagens mais espertos, e com diálogos mais inspiradores do que “faz parte”? Para Luiz Alberto Py, psicanalista que trabalhou no acompanhamento dos participantes, Bambam venceu por ser o menos invejável dos concorrentes. Em outros tipos de programa, o público costuma ficar ao lado dos estrategistas, das mulheres mais bonitas, dos homens mais sedutores. Mas, na primeira edição do *reality show*, foi diferente: a inveja da audiência baniu um a um os arquétipos de bem-sucedido. O mesmo aconteceu no BBB4, que coroou a ex-babá Cida dos Santos, e no BBB6, que teve como

campeã a auxiliar de enfermagem Maria Nilza – outros dois exemplos de ausência de glamour.

Mas talvez não precisasse de psicanálise para explicar esse comportamento do telespectador. Porque ele já tem pelo menos 2.500 anos – quando o paredão se chamava ostracismo, a política de banimento aplicada em Atenas, a maior cidade-estado da Grécia Antiga. Os cidadãos atenienses, assim como os fãs do *Big Brother*, mandavam para o exílio pessoas consideradas bem-sucedidas demais. Bem-sucedidas a ponto de, imaginavam os gregos, ameaçar a continuidade da democracia com sua rede de influências.

Um relato diz que o político Aristides, “eleito” para o ostracismo em 482 a.C., havia sido parado na rua por um fazendeiro ignorante, sem ser reconhecido. O homem lhe pedia que votasse no próprio Aristides para o exílio. O político, então, sem se identificar, perguntou o que Aristides teria feito de mau ao cidadão, para que se engajasse em uma campanha pelo seu banimento. “Nada, nem o conheço. Só não aguento mais todo mundo dizendo que ele é ‘o justo’.” Diante da resposta, Aristides não disse uma palavra. Apenas escreveu o próprio nome na cédula da época – um pedaço de cerâmica – e o entregou ao “seu eleitor”.

Parece injusto? Claro que era injusto. E revoltava muita gente. Para Aristóteles, por exemplo, a instituição equivalia a “excluir as melhores espigas de um milharal”, uma vez que, vira e mexe, servia para exilar os cidadãos mais extraordinários de Atenas.

BANIMENTO LIGHT

Assim como as eleições para cargos executivos no Brasil, o ostracismo tinha primeiro e segundo turnos. O primeiro era anual, e nele os cidadãos de Atenas decidiam se deveria acontecer um ostracismo naquele ano. Se a maioria achasse que não precisava, ficava por isso mesmo. Se ganhasse o *sim*, a eleição iria para o segundo turno. E aí cada um podia votar em quem quisesse.

Os nomes dos candidatos eram escritos em *óstracos* – daí o nome ostracismo –, cacos de cerâmica, geralmente quebrados de algum vaso, que tinham a vantagem de ser mais baratos do que o papiro e o couro, os papéis

da época. No dia do ostracismo, uma parte da Ágora (o mercado central) era fechada com um cercado de madeira, com dez entradas representando as dez tribos de Atenas. O ateniense que quisesse participar devia levar seu caco de vaso à entrada relacionada à sua tribo.

O voto não era obrigatório. Um cidadão, então, devia ter um motivo muito forte para sair de casa a fim de expulsar alguém da cidade. Na Atenas daquele período, só podia votar quem fosse cidadão. E só era considerado cidadão quem fosse homem adulto – com mais de 18 anos –, filho de pai e mãe atenienses. Mulheres não tinham direitos políticos. Nem estrangeiros, nem escravos – duas “minorias” que chegavam à metade da população.

A condenação obrigava o “ostracizado” a um exílio de dez anos – nesse período, nada de pôr os pés em Atenas. Mas sua propriedade era preservada, ele podia até continuar lucrando com ela. E, dez anos depois, tinha o direito de voltar e recuperar sua cidadania.

Mesmo com esses atenuantes, dá para pensar que o ostracismo era uma crueldade sem tamanho. Principalmente levando em conta que vitimava sempre os cidadãos mais ilustres da pólis (o termo para as cidades-estados gregas). Mas é preciso entender o contexto.

A prática surgiu como uma alternativa mais branda aos banimentos violentos praticados antes das reformas políticas que levaram à democracia – quando conflitos entre grupos de elite resultavam em exílios definitivos, sem direito a mais nada. Essas expulsões, e as vinganças que elas provocavam entre os aristocratas banidos, criavam instabilidade em Atenas – o que freava o desenvolvimento da cidade.

Vale dizer que a elite da Grécia arcaica era composta por grandes proprietários de terras e rebanhos, que mandavam nas cidades-estados, assumindo tanto os poderes políticos quanto os judiciários. Só que eles não se bicavam, e a disputa de poder acabava em um braço de ferro sem fim: o perdedor era expulso da cidade à força, se armava para uma vingança e, quando conseguia tomar o poder, logo mandava embora o rival... Também à força. Duas diferenças marcantes entre a política de exílio do período arcaico, oligárquico, e o posterior ostracismo é que, na primeira, o banimento ocorria em massa – ia todo mundo que fosse ligado ao grupo rival – e a pena não tinha data para expirar. Já no segundo, o democrático, o banimento era individual – só um infeliz – e tinha duração estabelecida de dez anos.

Mas a principal divergência é outra: no período arcaico, todo banimento nascia de um combate entre aristocratas – ninguém do povo metia o bedelho. Já o ostracismo era uma decisão de todo o conjunto de cidadãos da pólis. Os votos dos mais ricos e dos demais cidadãos que não fossem escravos (pequenos comerciantes, artesãos etc.) tinham peso igual – ainda que as mulheres não pudessem votar, mas essa é outra história. O curioso é que a mudança do regime de poucos para o governo de (quase) todos foi implementada por um cidadão que já havia sido banido da cidade.

ALERTA ANTITIRANO

Considerado “o pai da democracia”, Clístenes já tinha experimentado o gosto ruim de ser expulso. Quando perdeu uma disputa de poder para Iságoras, um adversário apoiado por Esparta, acabou mandado embora da pólis – juntamente com 700 famílias consideradas antiespartanas. Só que, na época, as raízes da democracia já estavam virando uma frondosa oliveira em Atenas – consequência de reformas anteriores, realizadas por Sólon, outro importante arquiteto do projeto democrático. Com isso, o povo ateniense não queria mais saber de ser governado por um lacaios de Esparta – a cidade guerreira da Grécia. A reação veio em forma de uma multidão furiosa cercando a Acrópole, expulsando os soldados espartanos da cidade e obrigando Iságoras a dar no pé. De quebra, exigiram a volta do homem que tinha prometido dar continuidade às ideias de Sólon. Clístenes teve, assim, seu caminho aberto pelo próprio povo, e, em contrapartida, garantiu aos cidadãos direitos inéditos na história da humanidade.

A grande revolução foi dar ao povo o poder de decidir diretamente sobre tudo em Atenas. Nada de deputados ou vereadores: a democracia, em seu berço, era direta. Do filho de família nobre ao sapateiro mais humilde, todos podiam falar em público na assembleia, sugerir novas leis e votá-las. E as votações aconteciam como na escola: ganhava a proposta quem recebia um número maior de mãos levantadas. Mais direto que isso, impossível.

Permitir que o povo legislasse em causa própria foi mais do que um gesto de grandeza de Clístenes: foi também uma decisão estratégica. Afinal, a comunidade não abdicaria mais do gostinho de mandar na cidade, e isso faria com que grupos de elite perdessem a motivação para guerrear pelo

poder – ou para tirar Clístenes de lá. Melhor ainda: seus rivais expulsos, Iságoras e o rei espartano, pensariam duas vezes em tramar uma revanche, porque a briga não seria mais para tirar alguém do cargo de arconte – a maior função executiva. A revanche agora teria de ser contra todo o povo ateniense. Complicado.

Paralelamente, a criação do ostracismo também visava proteger Atenas das garras de novos tiranos. Seu objetivo inicial era afastar pessoas tão poderosas que pudessem se entusiasmar com a ideia de mandar em tudo sozinhas – gente considerada inimiga da democracia. E isso explica a razão de ser daquele primeiro turno da votação, em que os cidadãos simplesmente decidiam se *deveria haver* um ostracismo. Na grande maioria das vezes, os eleitores resolviam que não tinha necessidade – tanto que o primeiro ostracismo efetivo só aconteceu 20 anos depois de iniciadas as votações. O fundamental era que o povo fosse ouvido. O fato de a pergunta *ser feita* anualmente tinha um efeito simbólico assustador: era um lembrete às elites de que o povo tinha o poder de expulsar, sempre que quisesse, qualquer suspeito de tramar uma ditadura. Era um sinal de alerta antitirania, e também uma lição de humildade.

O problema é que a falta de um espírito humilde não é exclusividade de tiranos cruéis. É também uma característica de heróis de guerra, de grandes estadistas e de pensadores ilustres – que sofreram na mão de um eleitorado movido pela inveja.

OS PIKETTYS DA GRÉCIA ANTIGA

No princípio da adoção do ostracismo, seu objetivo era mesmo esse aí que você acabou de ler: um recado aos tiranos em potencial de que era o povo quem governava. Só que, com o tempo, o foco foi se alargando. E logo passaria a atingir pessoas cujo comportamento social – e sexual também – fosse objeto de desaprovação popular.

Na lista negra dos comportamentos reprováveis, a ostentação de sucesso ficava no topo. A superexposição também. Até porque é fácil misturar notoriedade excessiva com excesso de poder. A aula de modéstia do ostracismo começou a atingir pessoas que se destacavam demais – fosse por seus feitos na guerra, por uma atuação política marcante ou até por serem

muito ricas. Por exemplo, o político Mégacles, que era tio de Péricles, o maior governante da Grécia clássica, foi enviado para o ostracismo em 486 a.C. com um índice de rejeição espantoso: de um total de 60 mil eleitores em potencial, 4 mil preencheram seus óstracos com o nome dele, muitos desses com ofensas graves escritas. As principais acusações eram contra seu estilo de vida exuberante, cercado de luxos. Em cinco óstracos descobertos por pesquisadores, Mégacles é malfalado por ser dono de muitos cavalos – um indício de fortuna excessiva na época. Qualquer semelhança com as ideias do economista francês Thomas Piketty, que defende uma taxa global sobre as grandes fortunas, não é mera coincidência. O próprio Piketty reconhece que o dinheiro levantado com esse tipo de imposto não faria grandes coisas pelos cofres públicos, já que seria pouco perto do que as nações já arrecadam normalmente. Funcionaria mais como um aviso de que juntar riqueza *demais* não é moralmente certo.

Bom, um alvo típico desses Pikettys da Grécia Antiga respondia pelo nome de Temístocles (524 a.C.–459 a.C.), político e general de Atenas – o militar que liderou a vitória sobre os persas na grandiosa Batalha de Salamina. E também comandou a reconstrução das muralhas atenienses – a principal defesa da cidade – e impediu de todo jeito que Esparta assumisse a liderança da Grécia. A recompensa por tantas realizações? O herói de guerra foi “ostracizado” em 470 a.C. E morreu no exílio. “O mais provável mesmo é que a causa do ostracismo de Temístocles fosse a inveja”, conclui a historiadora Sara Forsdyke, especialista em Estudos Clássicos da Universidade de Michigan.

Motivos para os invejosos havia de sobra. Temístocles era um homem vaidoso, exibido, que gostava de bajulação. E ainda fazia por merecer. Quando criança, já impressionava os professores. Nos intervalos entre as aulas, enquanto os outros meninos iam brincar, o pequeno improvisava discursos – geralmente, de defesa ou acusação de um coleguinha. Tanto que um de seus educadores previu: “Você não será jamais coisa pequena, algum dia será um grande bem ou um grande mal”.

Apesar de sua mãe não ser ateniense, Temístocles conseguiu se inserir na política – um caminho natural para sua capacidade e desejo de poder. O historiador Plutarco, autor da biografia do herói, escreveu que seu personagem, “em ambição, superava todos os homens”. Mas era um ambicioso de bom coração. Seu programa político ia sempre na direção de

valorizar o homem comum. Ele chamava cada cidadão pelo nome, e logo ganhou popularidade e ascensão na pólis. Chegou a arconte, além de comandante das forças atenienses.

E era um homem de visão: quando foram descobertas minas de prata em Maroneia, o político pediu que, contrariando o hábito de distribuir os lucros entre os cidadãos, a assembleia usasse os rendimentos para a construção de cem barcos de guerra. Seu ibope era tanto que todos concordaram com ele – e abriram mão do dinheiro. Assim foram construídas as galeras que enfrentaram os persas de Xerxes em Salamina, a batalha que consolidou o prestígio de Temístocles como general – mas que foi também sua perdição.

FALEM MAL, MAS FALEM DE MIM

Ao fim da guerra com os persas, os generais gregos se reuniram para deliberar sobre prêmios de bravura em batalha. Todos apontaram a si mesmos como os mais valentes, veja só. Mas todos reconheceram o valor de Temístocles, cada um apontando-o como *o segundo melhor* depois de si mesmos. Esparta, a segunda cidade-estado mais poderosa da Grécia, também encheu o ateniense de elogios, reconhecendo sua sabedoria e conduta. E assim a escala Richter da inveja foi ficando do tamanho do Monte Olimpo. Piorou quando Temístocles, como era de seu feitio vaidoso, aceitou presentes espartanos. Trazendo para a nossa realidade, seria como se Neymar, antes da Copa, divulgasse *selfies* com uma camisa da Argentina dada por fãs portenhos.

Mas a glória do grego ainda tinha lenha para queimar. Segundo Plutarco, quando Temístocles surgiu nos Jogos Olímpicos que se sucederam à batalha, os espectadores simplesmente ignoraram quem estava competindo – só queriam saber do líder ateniense. “Apontando-o para os estrangeiros, admirando-o e aplaudindo-o, entre outras expressões de alegria. A um ponto que ele, muito satisfeito, disse aos amigos que estava colhendo os frutos de todos os seus trabalhos para os gregos.”

Temístocles não perdia uma chance de se gabar: dirigindo-se ao filho, disse que o menino era a pessoa mais poderosa do país, “porque os atenienses mandam no resto da Grécia, eu mando nos atenienses, sua mãe

manda em mim e você manda na sua mãe”. É claro que essa história de *mandar nos atenienses* não pegou bem.

Mas a gota d’água veio quando ele mandou construir um templo dedicado a Palas Atena – a deusa da sabedoria – ao lado da própria casa. Chamou o lugar de “O melhor conselheiro”, dando a entender que o tal sabe-tudo, capaz de oferecer os melhores conselhos para Atenas, era ele. E nem fez força para disfarçar: construiu uma estátua de si próprio ali mesmo.

Era a munição que os invejosos estavam esperando. O ostracismo de Temístocles foi um dos campeões de votos. Mais de dois mil cidadãos atenienses fizeram questão de dar um basta no prestígio, na influência e no poder do homem que, anos antes, havia salvado Atenas de ser invadida pelo Império Persa. Sobre a decisão da cidade, disse o historiador Plutarco: “Os atenienses o baniram, fazendo uso do ostracismo, para rebaixar sua eminência e sua autoridade, assim como faziam costumeiramente com todo aquele que achassem poderoso demais ou, por sua grandeza, desproporcional à igualdade exigida em um governo popular. Porque o ostracismo foi instituído não tanto para punir o réu, e sim para mitigar e pacificar a violência do invejoso, que se delicia em humilhar homens ilustres e, ao desgraçá-los, dar vazão ao próprio rancor”.

Exilado da pólis que tanto defendeu, Temístocles só encontrou abrigo onde menos se esperava: nos braços do antigo adversário. Xerxes, admirador das proezas do grego, recebeu-o com entusiasmo, na esperança de contar com seus serviços nas futuras batalhas dos persas. No dia em que Temístocles se apresentou como possível aliado, fez a alegria do rei. Horas depois, ao ficar sozinho com amigos, Xerxes brindou tamanha sorte. E disse que rezava aos deuses, nas palavras de Plutarco, “para que todos os seus inimigos tivessem a mesma mentalidade dos gregos, insultando e expulsando seus homens mais corajosos”.

Esses dois personagens históricos recomeçaram como novos melhores amigos, mas o bicho pegou quando o rei persa intimou o grego a agir contra a própria cidade. A atacar Atenas, seu berço e testemunha de sua grandeza, Temístocles preferiu o suicídio.

O CRISTO DA FILOSOFIA

A comparação aqui não é forçada: Sócrates (469 a.C.–399 a.C.) é mesmo o Jesus do pensamento filosófico. Tanto que dividiu a história entre antes e depois dele (os filósofos pioneiros são conhecidos como *pré-socráticos*); conquistou discípulos (Platão, o mais importante deles, foi também seu porta-voz, já que Sócrates não deixou nada escrito); foi julgado e condenado por suas ideias... Tudo como o *Novo Testamento* narra ter acontecido com Cristo.

Mas Sócrates teve um Judas bem diferente daquele dos Evangelhos: ele mesmo. O filósofo foi traído pela própria habilidade de fazer seguidores e influenciar pessoas. O magnetismo da sua capacidade intelectual, associado a uma insistência em ficar se gabando disso, despertou a inveja raivosa que culminou no seu julgamento e morte. Um suicídio lento, assistido – e planejado, como você verá logo mais.

O que a maioria sabe é o fim dessa tragédia: o filósofo é condenado pelo júri ateniense a dar fim à própria vida, bebendo cicuta – planta da família das umbelíferas, altamente venenosa. Mas o que ele fez para chegar a esse ponto? E será que merecia?

Sócrates podia estar matando inimigos políticos, podia estar roubando rebanhos... Mas nunca fez nada disso: era de paz, e só queria saber de ficar de conversa na pólis. Nem tinha fortuna para cair na malha fina do ostracismo. Até porque Sócrates não trabalhava – sobrevivia de uma pequena herança deixada pelo pai, escultor. “Sua pobre esposa, Xantipa, a esquecida heroína da saga socrática, ficou com a reputação de megera, talvez por ser obrigada a criar os filhos com pouco dinheiro”, afirmou o jornalista americano I.F. Stone, em seu livro *O Julgamento de Sócrates*. “Mas o filósofo nunca foi tão pobre a ponto de ter que arranjar um emprego ou praticar um ofício.” Diz-se, inclusive, que andava descalço e não era muito de tomar banho.

A figura de Sócrates jamais deixaria imaginar que pudesse ser alvo de inveja. Seu corpo era o ideal de beleza grega, só que de cabeça para baixo: tinha as pernas finas e tortas, era barrigudo, careca, de nariz grande e achatado. E não queria saber de trocar de roupa: vestia sempre a mesma túnica velha, coberta por um manto puído. Agora some esse retrato do inferno à falta de banho... Segundo seu colega Antífon, “um escravo obrigado a viver daquela maneira teria feito de tudo para fugir”.

O verdadeiro talento de Sócrates estava mesmo era no bate-papo. Ele aproveitava o ócio criativo para desenvolver sua dialética labiríntica: o método socrático, forma que inventou para *parir ideias* – uma referência à profissão de sua mãe, que era parteira. Abordava qualquer um na rua fazendo perguntas de todo gênero, a maioria sobre a natureza das coisas – da virtude, da verdade, do amor... No começo, as pessoas não reparavam que tinham caído em uma armadilha. Sócrates começava louvando a inteligência da vítima, dizendo que ela, por ser pessoa muito esclarecida, podia ajudá-lo a entender melhor determinado tema. O interlocutor, sentindo-se o rei da cocada preta, concordava em lhe dar as pedidas explicações. E aí... Logo se arrependia.

Isso porque bastava a primeira resposta – a uma indagação do tipo “O que é o amor?” – para Sócrates questionar a explicação e disparar um arsenal de novas perguntas. Sempre aparentando ingenuidade, sempre bancando o coitadinho, ele ia desconstruindo as certezas de seu interlocutor e revelando suas contradições. O homem disposto a debater com Sócrates quase sempre terminava tonto. E chegava a um limite em que era exposto ao ridículo, reconhecendo a própria ignorância sobre o tema da conversa.

Sócrates mostrava a Atenas que ninguém na cidade-estado sabia de nada. E que ele era o mais sábio de todos, por saber que não sabia de nada. “Só sei que nada sei.”

Claro que chamar todo mundo de burro não o ajudava a fazer amigos entre os poderosos. Mas, ainda assim, isso não seria motivo para sua condenação. Até porque os filósofos eram vistos como figuras excêntricas – e muitas vezes viravam motivos de chacota. Na comédia *As Nuvens*, de Aristófanes – o maior dramaturgo grego da época –, o filósofo é retratado como especialista em intestino de mosquito e outras bobagens, em uma crítica que ria da capacidade de Sócrates de convencer qualquer um de qualquer coisa.

O que teria então provocado a inveja das pessoas diante desse sábio feio, pobre, sujinho e chamado de maluco? É o que vamos ver agora.

Já um senhor de 70 anos, Sócrates foi levado a julgamento pelas seguintes acusações: corrupção da juventude e impiedade – que tinha a ver com desdenhar dos deuses de Atenas e inventar novos deuses. Mas atente para esses dois poréns:

1) Sócrates pode até ter influenciado seus seguidores a ter um pensamento antidemocrático (e influenciou, como veremos). Mas ele nunca levantou um dedo para derrubar o governo. Nem sugeriu a alguém que o fizesse.

2) Sócrates dizia que tinha um “demônio particular”, que o aconselhava em tudo. Mas ele nunca jogou pedra em templo, incendiou altar, chutou uma estátua que fosse dos deuses *oficiais*.

Essa diferença entre o dizer e o fazer é muito importante nesse contexto, porque Atenas, como vimos, era uma democracia em estado bruto, na qual a liberdade de expressão era uma conquista a ser preservada. Ao penalizar Sócrates por transmitir suas ideias, os acusadores iam contra os próprios valores da cidade. O que prova que o buraco era mais embaixo.

O que havia era inveja. E ela era a brasa que sustentava as duas acusações.

CORRUPTOR DE MENORES

Alcibíades, quando era só mais um adolescente apaixonado pelas ideias do filósofo, um belo dia teve a coragem de sabatinar Péricles, seu tio – e também o maior estadista da Grécia daqueles tempos. Encheu-o de perguntas *à la* Sócrates sobre a natureza da lei. Mas sua intenção não era aprender nada. Pelo contrário; ele queria colocar em dúvida a legitimidade da democracia ateniense, da qual Péricles era uma bandeira. Um jogo perigoso, é claro...

Sabe-se de Alcibíades que ele tinha de bonito o que Sócrates tinha de feio. Além de sedutor, era bem-nascido, vaidoso e fanático por autopromoção. Sua fama pelo bom desempenho em batalhas e a superexposição lhe renderam uma ameaça de ostracismo – que ele conseguiu manobrar de modo que a pena recaísse sobre outro coitado. Já durante uma campanha militar, foi chamado de volta a Atenas para responder a um processo. Mas amarelou. Fugiu e, com a fuga, foi condenado à morte por *contumácia* (a recusa em comparecer à justiça por questão criminal, delito grave na época). Refugiado em Esparta, também conquistou popularidade por lá, e passou a incentivar os espartanos a guerrear contra sua própria terra natal, Atenas. Colecionando confusões ao longo de sua

vida nômade, Alcibíades morreu na Pérsia, assassinado nos braços de uma prostituta.

Esse certamente era um dos exemplos que serviam de base para a acusação de corrupção da juventude contra Sócrates. Mas, apesar de arrivista e maquiavélico, Alcibíades foi um Gandhi perto de outro aluno do filósofo, que se tornaria um dos principais pesadelos dos democratas atenienses.

O DISCÍPULO TIRANO

Assim como outros jovens ouvintes de Sócrates, Crítias vinha de família rica, de nobres com tendências oligárquicas. Era tido também como muito bonito e com talento para a filosofia e a literatura. Mas logo deixaria essa veia artística de lado para se dedicar ao que gostava de verdade: a política. E, como político, era opositor ferrenho da democracia – caso, aliás, de boa parte dos jovens ouvintes de Sócrates. Achava mesmo que a dura vida espartana estava mais próxima do regime ideal do que as liberdades praticadas em Atenas. Crítias faria sucesso na Alemanha nazista.

Sua trajetória antidemocrática levou-o ao exílio, mas, quando sua cidade-estado sucumbiu na Guerra do Peloponeso, e Esparta – a vencedora – exigiu que Atenas formasse um governo com 30 cidadãos simpáticos aos espartanos, Crítias foi uma escolha óbvia. Foi chamado de volta e se tornou expoente dos Trinta Tiranos, que a partir dali mandavam e desmandavam na cidade.

Foi justamente aí que sua vocação para Hitler prosperou. Durante o curto período em que esteve no poder – oito meses, o suficiente para Atenas retomar o controle –, o grupo de Crítias assassinou 1.500 atenienses. Os Trinta começaram matando democratas, *essa raça inferior*. Em seguida, como afirmaria Aristóteles em um relato sobre a época, voltaram-se contra “as classes melhores”, e “mandaram matar os que se destacavam por fortuna, berço ou reputação”. Diferente do que costumava acontecer no ostracismo, não foi a inveja que motivou a carnificina contra ricos e famosos. Os Trinta Tiranos queriam eliminar possíveis focos de oposição – e (por que não?) de quebra ficar com os bens de suas vítimas.

Sócrates desaprovou os atos dos Trinta Tiranos. E começou a criticar publicamente a ditadura e seus assassinatos a rodo. “Parece-me estranho que um vaqueiro que deixa seus bois diminuírem em número e emagrecerem não admita ser mau vaqueiro; porém, mais estranho ainda é que o estadista que torna seus cidadãos menos numerosos e piores não sinta vergonha nem se considere mau estadista.”

A fala do professor maltrapilho não demorou a chegar aos ouvidos de Crítias – e ninguém mais do que ele sabia do poder revolucionário das palavras de Sócrates. Logo, o pupilo convocou o mestre para um alerta: ele tinha acabado de criar uma nova lei, que proibia o ensino da *techne logon* (a arte do discurso racional). Traduzindo: o filósofo estava proibido de conversar com os jovens.

Atenas acabaria recuperando o poder sobre a própria cidade, restauraria a democracia e varreria os tiranos do mapa – matando Crítias no processo. Mas, apesar do enrosco de Sócrates com as proibições dos Trinta (que ele, aliás, nunca obedeceu), ninguém em Atenas perdeu de vista que a onda de assassinatos foi conduzida por um aluno seu. E nem que o filósofo realmente costumava falar mal do regime democrático. Era só questão de ligar os pontos.

FAXINA NA SOCIEDADE

Sócrates dizia que o poder deveria ser exercido por “aqueles que sabem”, e gostava de citar uma passagem da *Iliada* em que Odisseu diz que “só deveria haver um governante, um rei”. Sua cidade ideal faria a China maoísta parecer um colégio alternativo. “Todos os habitantes com mais de dez anos de idade serão enviados para os campos, os reis-filósofos se encarregarão das crianças, subtraindo-lhes os costumes de seus pais e educando-as segundo seus próprios costumes e leis.” Ele idealizava uma sociedade desinfetada com cândida, afastando as crianças de seus pais e expulsando quem já estivesse “contaminado” pelas ideias antigas.

Só que a própria manutenção da democracia é o que livrava Sócrates do tribunal. Porque, em Atenas, os cidadãos tinham pleno direito de liberdade de expressão. Só em um regime democrático o filósofo poderia sabatinar poderosos, influenciar os jovens e viver uma vida de vagabundagem e bate-

papo sem ir para a cadeia por isso. É aí que sua condenação não faz sentido.

Ou faz. Porque essas habilidades de Sócrates doíam na unha encravada dos invejosos do andar de cima. Principalmente o fato de ser um ímã irresistível para os jovens e pregar que sua filosofia valia mais do que a educação oferecida pelos pais.

Foi a suspeita de que um filho se interessava mais pelas ideias do filósofo do que pelos ensinamentos paternos a fissura que deu vazão à inveja de um desses pais ressentidos – que por acaso também era um dos homens mais poderosos de Atenas.

O ACUSADOR

Dos três acusadores de Sócrates, só um era famoso em Atenas: Ânito era um próspero dono de curtume que se tornou um dos grandes nomes na resistência armada da cidade contra os Trinta Tiranos. O homem teve prejuízos feios quando suas propriedades foram confiscadas pelos ditadores – e conquistou enorme prestígio depois da restauração da democracia, por não aproveitar sua influência política para se vingar de quem tinha roubado o que era dele.

Por que esse líder democrata, aplaudido por perdoar seus inimigos, iria querer levar Sócrates ao tribunal? Havia mais motivos que os fantasmas de Crítias e Alcibíades.

Sócrates uma vez disse a Ânito que ele não devia limitar a educação do filho (que era seguidor do filósofo) ao ofício de tratar o couro de animais. E ainda afirmou que os filósofos, como ele, tinham muito mais condições de ensinar virtude aos jovens do que seus pais, mesmo que estes fossem figuras ilustres da sociedade. Na discussão, Sócrates desafiou Ânito a citar um único homem famoso que tivesse sido bom professor dos próprios filhos. Foi aí que o pai ofendido – vendo-se prestes a cair no habitual ridículo dos que discutiam com o filósofo – interrompeu a conversa com um aviso que mal disfarçava uma ameaça: “Sócrates, tenho a impressão de que você difama as pessoas com leviandade. Se quer um conselho, ouça-me: seja mais cuidadoso. Talvez seja mais fácil, na maioria das cidades, fazer mais mal do que bem às pessoas”.

Quando o filósofo foi condenado à pena de morte, foi contra Ânito que ele expressou suas poucas indignações em relação ao julgamento. E ainda jogou uma maldição contra o dono de curtume. “Por falta de um conselheiro esclarecido, [o filho de Ânito] será presa de alguma tendência vergonhosa e haverá de ir longe no vício.” Não deu outra: o rapaz virou um cachaceiro (ou melhor, *vinolento*, já que os gregos bebiam vinho) – “inútil para a cidade, para os antigos e para si próprio”, nas palavras de Xenofonte, biógrafo de Sócrates que mais associou seu julgamento à inveja dos acusadores.

SUICÍDIO PREMEDITADO

A segunda acusação dizia que Sócrates não acreditava nos deuses de Atenas e ainda introduzia novos deuses. A primeira parte era patética. O filósofo logo tratou de lembrar aos jurados que cumpria com suas obrigações de devoto, e que todos os cidadãos eram testemunhas disso. “Todas as vezes em que fiz meus sacrifícios nas cerimônias e nos altares públicos, quem estivesse presente por lá me viu.”

Mas a inveja estava guardada como uma bomba-relógio na segunda parte da acusação, que se baseava no fato de que Sócrates dizia ter um espírito guardião, que o aconselhava para tudo.

A ideia de que Sócrates seria agraciado por um deus só dele era demais para os que não suportavam o filósofo. Mas o fator explosivo estava em como Sócrates se defendeu dessa acusação: em vez de atenuar a relevância do deus de estimação, começou a contar vantagem.

“Revelei a muitos de meus amigos os conselhos que me foram dados pelo deus, e jamais aconteceu de os acontecimentos demonstrarem estar eu enganado”, afirmou, com o sorriso dos autossuficientes. Segundo Xenofonte, a fala bastou para que houvesse barulho entre os jurados “por inveja de saberem-no merecedor de preferências até mesmo dos deuses”.

A revolta do júri não fez Sócrates recuar – pelo contrário, foi aí que ele se empolgou. Disse a todos que um amigo tinha ido ao Oráculo de Delfos – onde os gregos antigos iam em busca de esclarecimentos místicos sobre o futuro ou sobre perguntas sem resposta – e voltado de lá com a informação

de que “não havia homem mais livre, mais justo e mais sensato” do que Sócrates.

Aí você imagina: se o réu está sendo vítima de um complô de invejosos, o mais indicado é que banque o humilde durante o seu julgamento. Assim tentaria, no mínimo, conseguir uma pena mais leve. Mas não: o filósofo preferiu uma linha de defesa baseada no ataque, vangloriando-se o tempo todo. “Muitos cidadãos que almejam a virtude escolhem associá-la a mim. E por que será que, embora todos saibam que eu não tenho dinheiro para retribuir a um presente, tantas pessoas ainda desejem me presentear?”

A verdade, na interpretação de Xenofonte, é que Sócrates brinca com a inveja dos jurados, e só age assim porque tem um único objetivo naquele julgamento: o suicídio. Sim, o pai da filosofia viu naquelas acusações – que ele considerava levianas – a possibilidade de ter uma morte tranquila e sem sofrimento (lembrando que já tinha 70 anos). Foi o que disse a Hermógenes, um de seus discípulos mais próximos: “Se minha existência se prolongar, sei que as debilidades da velhice virão inevitavelmente – minha vista enfraquecerá, meu ouvido se tornará menos aguçado, demorarei mais para aprender e me esquecerei mais depressa do que aprendi. (...) Se for condenado agora, terei o privilégio de morrer de uma morte que, segundo os que entendem dessa questão, é não apenas a mais fácil como também a que menos transtornos causa aos amigos de quem morre”.

Sócrates foi sábio até no fim. Mais interessado em morrer do que em se defender, soube manipular os jurados para que a inveja fosse a força predominante em seu julgamento. Um exemplo disso é que, na Atenas da época, não cabia ao júri determinar a pena do réu. Os jurados só podiam escolher entre a sugerida pela acusação (a morte) e uma penalidade alternativa proposta pela defesa. Como vimos, Sócrates não matou ninguém, não pegou em armas contra o governo nem depredou uma estátua sagrada... Se pedisse para ser exilado, por exemplo, sua opção seria naturalmente aceita – era o que costumava acontecer nesses casos.

Mas, quando indagado sobre qual pena achava que merecia, Sócrates mais uma vez foi arrogante: propôs como *punição* ser... nomeado herói da cidade. E, como tal, que tivesse o direito de ter almoços grátis no Pritaneu – até o fim de seus dias. O Pritaneu era o edifício onde os magistrados e os vencedores dos Jogos Olímpicos recebiam homenagens e banquetes. Era muita cara de pau. E ele recebeu a pena de morte.

Com a sentença, os jurados tiveram sua ira aplacada. E Sócrates também conseguiu o que queria. Seu fim foi suave, com o veneno lentamente adormecendo as partes de seu corpo, rodeado por admiradores. E sua conhecida ironia, que tanto ódio provocou nos invejosos de sua dialética, permaneceu até o último momento. Quando pediu para sua esposa Xantipa deixar a sala de execução, para se poupar de vê-lo morrer, ela gritou, inconformada: “Mas você é inocente!”. Ao que ele respondeu: “E você preferia que eu fosse culpado?”

INVEJINHA



NO PURGATÓRIO DE DANTE

A Divina Comédia inventou o cenário definitivo para a remissão dos pecados – um lugar que não existe nas escrituras. E mandou os invejosos para lá.

Uma estação de *rehab* da alma – no meio do caminho entre os tridentes de Satã e as harpas celestiais. Pouco se sabe sobre o purgatório que vá além dessas generalizações. A Igreja nunca foi específica sobre o local onde pecadores *recuperáveis* cumprem pena antes da admissão no céu. O que as pessoas fazem por lá enquanto esperam o “ok, pode subir”? Como são os castigos pelos pecados cometidos em vida? Aliás, tem castigo mesmo? Já que a Igreja não explicou direito, coube a um poeta medieval oferecer uma imagem pormenorizada e aterrorizante do purgatório – mais com cara de inferno que de antessala do paraíso: o florentino Dante Alighieri (1265 – 1321), autor de *A Divina Comédia*.

A obra de Dante – uma epopeia poética dividida em cem cantos e mais de 14 mil versos – tem importâncias artística e histórica insuperáveis. O poeta praticamente inventou a língua italiana ao legitimar o toscano das ruas em

vez de escrever em latim. E inaugurou a tradição de grandes obras sobre o amor³ – que até então era tema coadjuvante em relatos sobre guerras e perfis heroicos.

Na *Comédia* – que só virou “*A Divina*” depois que o autor morreu –, Dante descreve sua jornada pelo inferno, o purgatório e o paraíso em busca de sua amada Beatriz. (Na vida real, o poeta só viu a musa um par de vezes, ainda adolescente, e mal lhe dirigiu a palavra.)

O inferno é a parte mais impressionante e colorida – e fez a fama da aventura dantesca. Cheia de imagens terríveis – e de uma criatividade para o horror digna de um Stephen King – é a passagem em que Dante aprisiona gulosos, avaros, ladrões, suicidas, traidores e praticantes de sexo anal masculino. Todos culpados por pecados que, na visão do florentino, são indesculpáveis. Os tiranos, por exemplo, nadam em um rio de sangue fervente que lhes cobre até a altura dos olhos. Os perdulários são dilacerados eternamente por cadelas raivosas.

Já o purgatório surge em forma de montanha, com círculos ascendentes – cada um dedicado a um pecado capital. Os culpados de inveja vão para o segundo círculo, um lugar que, na fantasia brilhante de Dante, não é tão menos terrível do que uma temporada no tártaro. Os invejosos têm os olhos costurados com arame, para que não invejem ninguém em seu processo de purificação. E se apoiam nos ombros uns dos outros, “como os mendigos cegos que, nos festejos religiosos, esperam a esmola sem pedi-la, contando apenas com o efeito da exibição de sua miséria”. Se já havia consenso de que a inveja era um sentimento *contrário a Deus*, Alighieri transformou os lamentos dos pecadores em uma obra de arte que atravessou os séculos. E inspirou de Shakespeare ao cinema contemporâneo. “Saber de outrem os danos / mais que a minha ventura, me sorria”, confessa uma das almas invejosas ao autor-viajante.

Além do impacto da obra em si, a descrição que Dante fez do purgatório ganhou popularidade enorme por causa das lacunas da Igreja em torno do “terceiro lugar”. A maior delas: não tem purgatório na *Bíblia*. Nem no *Antigo* nem no *Novo Testamento*. Nem nada que se pareça remotamente com a coisa.

O lugar começou a tomar forma com os primeiros pensadores do Cristianismo, principalmente Clemente e Orígenes (século III), que achavam

que ir para o inferno era dureza demais – uma condenação só para pecadores incorrigíveis. Mas e quem cometia um pecadinho venial de vez em quando? Não dava para mandar direto para o céu, mas havia de ter um lugar intermediário para eles. Uma arquibancada, para sentar no chão duro, mas sem o aperto, o calor e a troca de suores da geral. A ideia desse meio-termo pegou, e passou a ser adotada por fiéis e sacerdotes ao longo dos séculos. Mas faltava oficializar o purgatório, coisa que só aconteceu no Concílio de Trento (século XVI), que colocou de vez a abstração geográfica no mapa do ideário cristão.

Curiosamente, essa e outras decisões do Concílio foram, mais do que tudo, respostas à Reforma Protestante de Martinho Lutero – confirmando tudo o que os reformistas negavam. Lutero esperneava que o purgatório, inexistindo nas escrituras, seria só uma maneira que a Igreja inventara para faturar uma grana. Isso por causa de outra invenção polêmica das autoridades religiosas: as indulgências. Um pecador rico à beira da morte podia se safar do inferno deixando uma parte gorda de sua fortuna para a Igreja. O barulhinho das moedas desviaria imediatamente o caminho de sua alma para o purgatório, onde a salvação era questão de paciência. Um santo negócio.

³ Apesar de a obra ter inaugurado a tradição do amor como protagonista, não dá para culpar Dante pelas comédias românticas do cinema. A “*Comédia*” do título não quer dizer que o livro seja engraçado – e não é, está mais para uma mistura de gêneros entre romance e terror. Na época, o termo só significava que a história acabava bem (Dante termina no paraíso), em oposição às tragédias, sem final feliz.



**PALAVRA DO SENHOR:
A INVEJA NA *BÍBLIA***

Quando mordeu o fruto proibido, Eva inaugurou uma linhagem de invejosos no livro sagrado – e o Cristianismo se encheu de assassinatos entre irmãos e de caça às bruxas. Mas a inveja só entrou para a lista dos pecados capitais graças ao inventor do canto gregoriano.

"O coração tranquilo é a vida da carne; a inveja, porém, é a podridão dos ossos."
Provérbios 14:30

Junho de 2014, *Anno Domini*. Chega à caixa de mensagens do *podcast Ask Pastor John* uma súplica por orientação espiritual: "Pastor, o que o senhor diria a um cristão que assiste ao programa de TV a cabo *Game of Thrones*?". A preocupação do fiel tem a ver com as cenas de nudez e sexo da série de fantasia da HBO.

Aflições de cunho moral? Vontade de pecar com a prima? Pergunte ao pastor John! O pregador batista John Piper, autor de mais de 50 livros sobre a vida cristã, responde sobre quase tudo em seu *podcast*: "Devo aceitar o convite para ir a um casamento gay?", "Dá para conciliar criacionismo e evolucionismo?", "Tudo bem um fiel votar no Obama?", "O que faço com meu noivo viciado em pornografia?"... Na busca dos devotos por aconselhamento também não faltam dúvidas sobre as liberalidades do entretenimento cultural. E foi assim que surgiu a pregação "12 perguntas para se fazer antes de assistir a *Game of Thrones*". Segundo Piper, a regra é clara: não dá para acender uma vela para Deus e outra para George R. R. Martin: "Quanto mais eu me aproximo da morte e de encontrar Jesus frente a frente, para prestar contas da minha vida, mais firme é minha resolução de nunca, intencionalmente, assistir a um programa de TV ou filme, ou acessar um site, nos quais eu saiba que vou ver fotos ou cenas de nudez. Nunca!". Logo na primeira das 12 questões, ele alerta que assistir a *Game of Thrones* é um ato equivalente a colocar Cristo de volta na cruz.

As analogias extremas e o conservadorismo fazem a fama do líder religioso, que é teólogo do movimento neocalvinista e um estouro de popularidade nos Estados Unidos – Piper tem blog, *podcast* e quase 700 mil seguidores no Twitter. São centenas de milhares de fãs ávidos pelas mensagens linha-dura do pastor. Quando um tornado assustou os participantes de uma conferência da Igreja Evangélica Luterana da América, que debatia qual deveria ser a posição da Igreja sobre a

homossexualidade, Piper afirmou que o furacão era só uma primeira ameaça de Deus contra novidades no assunto. Em um de seus livros, o pastor apontou o caminho da cozinha ao tratar do lugar da mulher na sociedade – lembrando que a esposa deve se submeter, “com alegria e inteligência”, à liderança natural do marido.

Então dá para ficar curioso sobre qual seria o sermão puritano se o mesmo fiel viesse com esta pergunta: “Pastor, devo deixar meus filhos lerem o *Gênesis*?”. Porque, se houvesse audiovisual na época, as aventuras de Caim, Abraão e companhia no primeiro dos textos bíblicos não ficariam devendo nada ao coquetel de sexo e violência das séries mais *pecaminosas*.

Quer ver? Quando a mulher de Ló – sobrinho do patriarca Abraão – vira uma estátua de sal ao olhar para Sodoma e Gomorra, as filhas ficam com pena do pai, por ele não ter tido até então um filho homem. A solução? Embebedam o velho, vão para a cama com ele e conseguem o que queriam: as duas engravidam de meninos – que são ao mesmo tempo filhos e netos de Ló. Além de incesto, há prostituição, estupro e o famoso trecho que deu origem ao termo “onanismo”, que significa “vício da masturbação”: Onã, contrariado por ter de transar com a cunhada para dar descendência ao irmão falecido, adota a tática de derramar o sêmen no chão – não exatamente o método contraceptivo mais indicado.

Mas o lado barra-pesada do *Gênesis* vai além das práticas sexuais heterodoxas. O livro tem mais violência em família que em toda a trilogia *O Poderoso Chefão* – uma compilação de traições e crimes motivados pela inveja de seus personagens. É inveja de quem escolhe melhor os presentes para Deus, inveja pelos direitos de primogenitura, inveja por causa de uma roupa colorida – e até pela fertilidade alheia. E o que o pastor John responderia a um ouvinte que admitisse esse pecado capital? Pena máxima: para ele, o sentimento é réu principal no *assassinato do filho de Deus* – uma menção a passagens dos Evangelhos que afirmam que sacerdotes invejosos teriam entregado Jesus aos romanos. “Toda vez que você acordar de manhã e perceber um sentimento de inveja começando dentro de você, ajoelhe-se em oração, com a *Bíblia* no colo, e comece a ler imediatamente”, orienta Piper. Não foi o que fez a primeira mulher da Criação.

Tentada pela serpente, Eva inveja a sabedoria divina e come do fruto da única planta proibida do Jardim do Éden: a árvore do conhecimento do bem

e do mal. Além de inaugurar essa coisa chamada pecado, a mulher envolve o marido na contravenção. E dá um exemplo de inveja a ser seguido por seu filho mais velho. Caim fica invejoso quando o Senhor dá mais bola às oferendas de seu irmão caçula (ovelhas) do que às dele (frutos da terra). Não adiantaria argumentar que, talvez, Deus não fosse vegetariano: Caim chama Abel para o campo e mata o irmãozinho.

A psicopatia invejosa de Caim pode parecer chocante, mas é descrita muito brevemente na *Bíblia* – Abel surge e desaparece completamente do livro em uma dúzia de linhas. E o que sobra para o fratricida? Cair na estrada, fundar um povoado – e inaugurar o fisiologismo: “Caim edificou uma cidade, e lhe deu o nome do filho, Enoque” (*Gênesis*, 4: 17). Essa sequência – que vai do assassinato de um irmão à fundação de uma cidade – faz parte de uma tradição dos mitos antigos, e não está só na *Bíblia*. Aparece também nas lendas de outras metrópoles da Antiguidade, como na origem de Roma: Rômulo, filho bastardo do deus Marte, mata o irmão gêmeo, Remo, e se torna o único soberano da futura capital da Itália.

Em um estudo sobre Caim e Abel sob a ótica da inveja⁴, Angela Y. Kim, então pesquisadora do departamento de Teologia da Universidade de Notre Dame (EUA), explicou que a ideia de separação permanente nas lendas de fratricídio tinha relação com situações em que um grupo familiar ficava grande demais para viver em um mesmo local. Nesse caso, o padrão de rivalidade entre irmãos funcionava sociologicamente como uma forma de garantir a sobrevivência. “Quando um grupo cresce até certo tamanho, o ambiente não é mais capaz de sustentar todos os seus membros. Esse estresse leva a um conflito e a uma divisão na comunidade, a tal ponto que parte do grupo procura se estabelecer em um lugar diferente.” O boca a boca sobre essas separações de clãs assumia ares muito mais *bíblicos* com a simbologia do derramamento de sangue entre irmãos – era bem mais memorável do que dizer: “não tinha comida para todo mundo, então o pessoal ficou de cabeça quente, achamos melhor arrumar outro canto”.

Com ou sem carnificina, a rivalidade entre irmãos é um dos temas preferidos do livro sagrado. Absalão, filho do rei Davi, arma uma emboscada para matar Amnon, que havia estuprado a própria irmã deles (*II Samuel*, 13). Abimeleque, para reforçar sua autoridade e virar rei, mata seus 70 (!) irmãos (*Juízes*, 9). E, voltando ao *Gênesis*, Esaú e Jacó travam

um conflito cheio de pegadinhas e ameaças pelos direitos concedidos ao filho mais velho – Jacó obriga o irmão a lhe vender o título de primogênito em troca de comida.

E é da descendência desse Jacó trapaceiro que surge o relato de inveja mais vibrante do primeiro livro da *Bíblia*. Uma história com tudo para render um bom roteiro de filme: tem uma cilada em família, uma separação que parece eterna, um herói clássico, uma jornada de aventuras e reviravoltas. E um final feliz, ao sabor dos melhores melodramas.

JOSÉ E SEUS IRMÃOS

A história de José, bisneto de Abraão, é marcada pela inveja antes mesmo do seu nascimento. Raquel, a mãe do menino, só engravida quando seu marido já é pai de 11. Jacó gostava mesmo era de Raquel, mas a infertilidade da esposa o faz espalhar seus genes primeiro em outras barrigas. Para começar, na da irmã dela, Lia. Uma, duas, três... sete vezes. A eficiência do útero de Lia, lá pelas tantas, enche Raquel de inveja – e acaba sobrando uma TPM sem-fim contra o marido: “Dá-me filhos, senão eu morro” (*Gênesis*, 30:1). Para que a irmã não conte tanta vantagem, Raquel exige que Jacó tenha filhos também com uma serva – e vêm logo dois. Lia contra-ataca e coloca uma de suas próprias empregadas no rolo – fechando esse pentágono amoroso e enchendo a casa com mais duas crianças.

Até que... “Lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a tornou fecunda” (*Gênesis*, 30:22). Olha o José aí chegando... Apesar de ser apenas o 12º filho, o temporão vira o preferido de Jacó – já que era fruto da mulher que ele amava. Raquel ainda teria um segundo neném, Benjamim, e morreria ao dar à luz o caçula dessa família gigante. Mas, ainda assim, José se mantém como menino dos olhos do pai – e alvo da inveja mortal dos mais velhos. “Vendo, pois, seus irmãos, que seu pai o amava mais do que a todos eles, odiavam-no, e não lhe podiam falar pacificamente” (*Gênesis*, 37:4). Jacó presenteia seu preferido com uma túnica colorida e ainda o orienta a ser um espião entre os filhos, com a missão de fazer relatórios das vagabundagens e farras dos outros. A gota d’água vem quando José, na mais santa inocência, desembesta a contar um sonho em que os irmãos se curvam diante de sua presença.

Além de filhinho do papai, José vira dedo-duro e contador de vantagem. Na tradição sanguínea do *Antigo Testamento*, era praticamente impossível que tudo isso não terminasse em massacre. E, de fato, os irmãos cogitam trucidar José. Só são impedidos porque Ruben – o primogênito – convence-os de que a pena de morte seria radical demais para alguém da família. Ok, por que não vendê-lo como escravo, então? A gangue logo mancha a invejada túnica colorida com o sangue de um cabrito, para dar a entender ao pai que o menino teria sido devorado por uma fera. E vende o garoto para negociantes a caminho do Egito.

É nesse ponto que começa a jornada heroica do nosso protagonista. Para não encher de detalhes uma narrativa que você pode ler diretamente na *Bíblia*, vamos acelerar as próximas cenas, como em um *trailer* de Hollywood – pelo menos a parte em que o rapaz de Canaã vai de prisioneiro a presidente do Egito em um intervalo de poucas páginas do *Gênesis*.

JOSÉ NO EGITO (O TRAILER)

Cena 1 – José é revendido pelos negociantes ao capitão da guarda do faraó.

Cena 2 – José trabalha como mordomo, diante do olhar satisfeito do capitão. Ao fundo, na mesma cena, a mulher do oficial sorri maliciosamente para José.

Cena 3 – A mulher tenta seduzir o empregado. “Ora, José era formoso de porte e de semblante” (*Gênesis*, 39:6). Como, além de boa-pinta, José era bom-caráter, ele recusa o convite sexual.

Cena 4 – A mulher, que não aceita a rejeição, diz ao marido que ela é que foi paquerada. José é preso.

Cena 5 – Na prisão, conhece ex-funcionários do faraó e interpreta sonhos dos colegas de cela: o copeiro será solto e terá o emprego de volta, enquanto o padeiro será enforcado. E, claro, é exatamente isso que acontece.

Cena 6 – O grande faraó do Egito tem seus sonhos também. Sonha que sete vacas magras e feias devoram outras sete, gordas e bonitas. Sonha

ainda que sete espigas miúdas e queimadas devoram outras sete, bem mais fotogênicas.

Cena 7 – As cenas de canibalismo bovino e vegetal perturbam o faraó, que é aconselhado pelo copeiro a buscar o hebreu, com fama de tradutor onírico. José chega e logo mata a charada. Virão sete anos de fartura seguidos de sete anos em que, plantando, nada dá. Aconselha o faraó a economizar na riqueza para não faltar na miséria.

Cena 8 – O faraó gosta tanto da explicação que dá a José o cargo de principal governante do Egito. Música apoteótica, fim.

A INVEJA REDENTORA

Aqui no epílogo a gente desacelera de novo, para falar do reencontro de José com seus irmãos – e da maneira como o nosso herói reflete sobre o papel da inveja em sua epopeia.

Tudo se dá justinho como ele interpretou nos sonhos faraônicos: correm sete anos de bonança seguidos de outros sete de penúria. Como o Egito poupa, o povo não passa dificuldade. Pelo contrário, o país começa a receber caravanas de outras terras – multidões de famintos atrás do trigo egípcio. Uma dessas famílias visitantes é a de Jacó. Vão para lá dez irmãos invejosos de José com a missão de voltar com comida.

Se fosse um filme do Quentin Tarantino, esta seria a hora da vingança sangrenta. Mas a história de José e seus irmãos é uma fábula de perdão – e um ensinamento sobre a complexidade da relação fraternal.

José logo reconhece os irmãos que o venderam como escravo – mas não é reconhecido por eles. De início, brinca um pouco com o medo dos manos, acusando-os de serem espiões, mas, no fim, organiza um grande almoço e termina por revelar sua identidade, em uma reconciliação dramática. Mas não sem antes ver os irmãos curvarem-se diante de sua autoridade – concretizando o sonho que, anos antes, tinha começado toda a encrenca.

No fim, a lição de grandeza: José avalia que toda a crueldade que sofreu na mão dos irmãos teria sido, na verdade, uma estratégia divina para que ele fosse ao Egito e – com tudo o que aconteceu em seguida – tivesse condições de ajudar sua família no momento de maior necessidade. Para

ele, foi a inveja que, pelos caminhos misteriosos de Deus, salvou a descendência de Jacó de morrer de fome.

MIMADINHOS

Assim como na saga de José, as histórias de rivalidade invejosa entre irmãos espelham uma situação real, e que tem explicação científica: a infância arrastada do ser humano. Comparativamente, passamos muito mais tempo sob os cuidados dos pais do que os filhotes de outros mamíferos. E isso, apesar de ajudar no desenvolvimento da inteligência e proteger as crianças, tem um efeito colateral negativo: faz com que as experiências capazes de provocar brigas dentro de casa sejam mais recorrentes. Quem disse foi a maior autoridade do planeta em matéria de inveja: o sociólogo austríaco Helmut Schoeck, autor de *Envy – A Theory of Social Behaviour* (em tradução livre, *Inveja – Uma Teoria do Comportamento Social*).

Schoeck explicou que a infância em família é o campo primário em que a pessoa aprende a provocar conflitos e tem suas primeiras experiências dolorosas de inveja. “Precisamos encarar a história da inveja sob a ótica dos impulsos agressivos filogenéticos [relacionados à evolução das espécies], encontrados também em animais sem irmãos. Eles já estão presentes no organismo, mas, no homem, como resultado de sua infância excepcionalmente prolongada, dentro do campo social de sua família, [esses impulsos] são refinados e modificados de forma a produzir o fenômeno típico da capacidade de invejar.”

E por que vivemos tanto tempo sob as asas dos pais? Segundo um estudo⁵ liderado pelo departamento de Antropologia da Universidade Northwestern, de Illinois (EUA), a culpa é do nosso cérebro superdesenvolvido. Você já olhou para um bebê e notou aquele cabeção desproporcional? Bem, não é por acaso. Como nossa demanda de aprendizado é muito grande, o organismo privilegia o cérebro na distribuição de energia durante os primeiros anos de vida. Com isso, o resto do corpo cresce em ritmo mais lento comparado a outros mamíferos – mais parecido com o ritmo dos répteis. E essa estrutura frágil continua dependente da proteção dos pais até seu amadurecimento tardio.

Voltando à rivalidade invejosa entre irmãos, ela não preocupa apenas psicólogos e estudiosos do desenvolvimento. A briga dava dor de cabeça até nos povos mais primitivos – que respondiam à questão com simpatias e ritos igualmente primitivos.

Nas pesquisas de Schoeck aparecem casos macabros, como o dos índios guatemaltecos. Quando nascia uma criança na tribo, eles batiam com uma ave no corpo do irmão mais velho – tanto, e de forma tão violenta, que o pássaro morria no processo. O ritual traumatizante tinha a intenção de absorver magicamente a hostilidade que, sem o mata-frango, seria dirigida ao irmão mais novo.

Já entre os dobuans, da Nova Guiné, os irmãos eram proibidos de dormir lado a lado a partir da adolescência. Os pais achavam que a proximidade fazia com que circulasse entre eles um sangue venenoso, resultando em fratricídio. Não que os meninos não tivessem motivos para briga. Na tribo, o pai transmitia seus poderes mágicos e seus aprendizados para um único filho – mesmo que tivesse uma dúzia de herdeiros em potencial. E ninguém ficava sabendo com antecedência qual seria o escolhido. Essa imprevisibilidade quanto à herança fazia com que os irmãos vivessem puxando o tapete um do outro.

Mas nenhum desses métodos era tão surreal quanto o de alguns aborígenes da Austrália central. Quando nascia um segundo filho, mãe e primogênito devoravam – literalmente – o recém-nascido. Assim, na hora em que outra criança nascia, com um intervalo de tempo maior, os sentimentos de ciúme já estavam atenuados. Azar do número dois.

Apanhar com uma galinha, almoçar o irmão mais novo... Tais métodos educativos poderiam ser evitados se as comunidades de humanos – inclusive as mais sofisticadas – consertassem uma falha cultural de comunicação: o tabu contra uma confissão aberta de inveja. Segundo Helmut Schoeck, se a criança tivesse a capacidade de alertar sobre atitudes paternas que causam inveja, a relação entre os irmãos seria de mais paz e amor. “Nenhuma criança avisa seus pais quanto a um passo em falso deles, dizendo algo como ‘se você der/permitir isso a Jack, eu vou acabar invejando meu irmão’.”

Em vez de admitirmos o sentimento negativo – ou o risco dele, provocado pelos pais –, preferimos falar em termos abstratos sobre injustiça, mérito e igualdade de direitos. Ou pior: guardamos a mágoa e não falamos nada. E a

próxima atitude pode ser chamar Abel de lado e descer-lhe a mão – coisa que, como mostra a *Bíblia*, pode resultar em consequências drásticas.

DEMÔNIOS & BRUXAS S/A

Um tataravô dos dragões de RPG já aparecia com riqueza de detalhes nas páginas da *Bíblia*: é Leviatã, um monstro marinho do caos primitivo. A descrição do bicho feita no *Livro de Jó* é de tirar o sono de criança: “De sua boca irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. (...) Ele faz ferver o fundo do mar como chaleira, e a água fumegar como vasilha quente cheia de unguentos. Atrás de si, deixa uma esteira brilhante, e a água parece cabeleira branca. Na terra, ninguém se iguala a ele, pois foi criado para não ter medo. Ele se confronta com os seres mais altivos, e é o rei das feras soberbas” (*Jó*, 41:19-34).

Quando os cristãos começaram a classificar diabos, o terrível Leviatã acabou definido como o demônio da inveja. Mas a associação desse monstro com o pecado capital não aconteceu da noite para o dia. O primeiro texto a pintar demônios com perfis específicos podia até ter entrado na *Bíblia*, mas acabou ficando de fora. Foi o *Testamento de Salomão*, obra apócrifa (termo para as escrituras preteridas quando a Igreja decidiu quais livros fariam parte da *Bíblia* oficial), supostamente escrita pelo grande rei do *Antigo Testamento* – só que não, já que se estima que o texto date de séculos após a conclusão do Templo de Salomão.

Nessa obra, o rei faz um tipo de entrevista de RH com demônios escravizados graças a um anel mágico, presenteado pelo arcanjo Miguel. Quando consegue capturar Belzebu, o príncipe dos demônios, Salomão passa a mandar em todos os outros espíritos demoníacos – e coloca o inferno inteiro para trabalhar de graça na construção do templo. Nas entrevistas, cada um deles fala de sua especialidade – o tipo de mal que pode causar. Por exemplo, Obyzouth, “o demônio feminino de cabelos despenteados”, ronda pelo mundo à noite para estrangular bebês na hora do parto.

Esse texto pioneiro da demonologia teve muitos sucessores durante a Idade Média, período em que os religiosos viviam caçando bruxas por todo lado – já que uma das fantasias mais comuns era chamar supostas feiticeiras

de cúmplices do demônio. Um exemplo notável desses tratados é o *Compêndio das Bruxas*, do século XVII, em que o sacerdote italiano Francesco Maria Guazzo revela as 11 fórmulas ou cerimônias que antecedem o voto a Satã, além de fazer descrições tórridas sobre as relações carnis entre humanos e súcubos – um demônio causador de tormentos psicológicos de ordem sexual.

Mas e a inveja na história da demonologia? Ela entra em 1589, quando um bispo alemão chamado Peter Binsfeld resolve fazer sua própria classificação de demônios e tem a ideia de associar cada um deles a um pecado capital. Além de relacionar Leviatã à inveja, o bispo de Trier liga a luxúria a Asmodeus, a gula a Belzebu, a ganância a Mammon, a preguiça a Belphegor, a ira a Azazel e o orgulho a ninguém menos que Lúcifer. Pronto: entre diabos mais e menos conhecidos, o cristão já tinha a quem culpar quando caísse em tentação.

Doutor em demonologia, Binsfeld era tão diabólico quanto os bichos-papões que inventou de categorizar. O bispo foi um influente teólogo do catolicismo *hardcore* – em uma época em que ser linha-dura era bem mais radical do que praguejar contra o nudismo em seriados de TV. Autor de *A Confissão de Warlocks e Bruxas*, ele foi um famoso caçador de feiticeiras, e defendia que as confissões das pobres mulheres fossem aceitas mesmo se arrancadas sob tortura. Pioneiro da delação premiada, ele também estimulava os suspeitos a denunciar vizinhas e parentes que tivessem um pé na bruxaria.

Se “a mulher é o negro do mundo”, como cantava John Lennon, falando sobre desigualdade e preconceito, na Idade Média a situação era bem mais complicada. Qualquer habilidade que se destacasse ou mesmo um comportamento anticonvencional podiam ser vistos como parceria com o tihoso. E quantas mulheres talentosas não foram condenadas por bruxaria devido à inveja de uma vizinha? Ou pior: da Igreja. Quando elas se destacavam na preparação de medicamentos naturais, em um mundo sem indústria farmacêutica, ou como parteiras, em uma época sem hospitais, as autoridades religiosas logo levantavam o chicote. Torturavam as coitadas até que elas confessassem qualquer coisa que o torturador sugerisse: que bebiam sangue humano, organizavam sacrifícios de bebês ou faziam sexo anal com demônios. E as confissões, claro, só botavam lenha na fogueira. Na fogueira mesmo, já que uma das penas habituais era ser queimada viva.

Com a confissão, ficava *provado* que as mulheres diferentes eram bruxas – e isso justificava mais perseguições e assassinatos com o selo da Igreja.

Mas o disque-denúncia da época funcionava do lado inverso também. Helmut Schoeck explicou que, em parte dos julgamentos por bruxaria na Europa medieval, o acusado estava lá porque era suspeito de invejar alguém, e tentar prejudicar o invejado com sua magia. Só gradualmente o invejoso passou a ser o acusador e as acusadas, pessoas que se destacavam pelo talento, pela beleza, pela virtude.

O curioso é que mexer com magia nem sempre era considerado demoníaco. Nobres e religiosos de alta patente podiam ser alquimistas, e aí eram respeitados como autênticos cientistas – mesmo que em seus estudos invocassem demônios e preparassem feitiços. As obras da alquimia que investigavam o mundo sobrenatural eram chamadas de grimórios. Um desses foi escrito por um papa, Honório III (1150 – 1227), e era cheio de receitas de magia. A explicação para não chamarem os poderosos de bruxos é que eles estariam apenas *manipulando aquilo que Deus criou*. Já se uma camponesa descobrisse uma erva capaz de curar pedra nos rins... Fogo nela!

SUPERPECADOS: POR QUE SETE? POR QUE CAPITALIS?

Qual é o seu número favorito? Para o *nerd* Sheldon Cooper, da *sitcom* americana *The Big Bang Theory*, não tem para ninguém: 73 é “o Chuck Norris dos números”. Isso porque é o 21º número primo, enquanto seu espelho, 37, é o 12º – uma dupla inversão. Mas, na vida real, o campeão de preferência, com quase 10% dos votos, é aquele mesmo que a Igreja definiu para sua relação de pecados capitais: o número sete.

Os dados são de uma pesquisa on-line feita pelo escritor britânico Alex Bellos com 30 mil pessoas e publicada em seu *best-seller Alex Through the Looking-Glass* (Alex Através do Espelho, sem edição nacional). O autor, famoso pelas obras sobre matemática – e sobre o futebol brasileiro também –, perguntou ao público qual seria o número favorito de cada um e por quê. As respostas variaram entre as com alguma lógica, as estapafúrdias e as de valor afetivo. Um respondente disse amar o número seis porque, nos seus discos preferidos, a sexta canção é sempre a melhor. Mas a enquete foi só

um ponto de partida para Bellos falar sobre as conotações culturais dos números e a razão de alguns serem mais populares do que outros. E assim nos ajudar a entender por que temos sete pecados capitais em vez de seis, dez ou 73.

O sete já sai ganhando por ser ímpar. Tanto no Ocidente quanto no Oriente, os números ímpares são mais imbuídos de um significado espiritual. E isso tem a ver, mais uma vez, com a forma como o nosso cérebro funciona. Em um estudo da Pace University⁶, de Nova York, o psicólogo Terence Hines colocou os participantes para reagir diante de duplas de números em uma tela. A dupla poderia ser de dois números pares, dois números ímpares ou um de cada. As pessoas foram instruídas a apertar um botão só quando vissem duplas de pares ou de ímpares – nunca na combinação mista. O resultado surpreendente foi que os participantes demoraram 20% a mais para reagir quando surgia uma dupla de ímpares. A conclusão foi a de que o ímpar tem a capacidade misteriosa de fazer a mente parar para pensar. Ou seja: um sete é mais apto a colocar pensamentos místicos na sua cabeça do que um oito.

Essa tendência fisiológica ao ímpar se juntou a uma tradição cultural em torno do número sete que vem desde antes da *Bíblia* – e se expande para além das fronteiras do cânone judaico-cristão. O zigurate – templo em forma de pirâmide dos babilônios – foi construído em sete níveis, representando os sete planos da existência. Surya, o Deus-Sol do Hinduísmo, viaja pelo céu em uma carruagem puxada por sete cavalos. E os muçulmanos, na peregrinação a Meca, devem dar sete voltas em torno da Kaaba – seu local de adoração.

As escrituras do Cristianismo também abundam de sete quaisquer-coisas: na *Bíblia*, elas vão desde o descanso do Criador no sétimo dia até o último livro, o *Apocalipse* – uma obra marcada tanto pelo terror do fim do mundo quanto pela numerologia. Há lá os setes selos, as sete trombetas, as sete igrejas da Ásia que receberão sete cartas apocalípticas e ainda os sete anjos que tinham as sete últimas pragas, contendo a ira de Deus. Não existe um consenso definitivo sobre o porquê da predominância do sete nos contextos religiosos. Mas há pistas. Primeiro, sete é o número de astros que os antigos identificavam no céu e sabiam não se tratar de estrelas: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, mais a Lua e o Sol (que é uma estrela, claro, mas

disso ninguém fazia a menor ideia). Outra hipótese, até mais provável: sete é o número de dias que duram as fases da Lua. Um número que o relógio cósmico teima em marcar. “Logo”, concluiria qualquer bom observador antigo, “deve ter algo de divino”.

Na hora de fechar a conta dos grandes pecados, enfim, o sete era mais que uma escolha óbvia: ele reforçava um legado que atravessa toda a história da humanidade.

O INÍCIO, O FIM E O MEIO

Os primeiros a pensar na divisão entre pecados cotidianos e aqueles (quase) sem salvação foram dois autores dos primeiros anos do Cristianismo: Tertuliano (160-220 d.C.), que era filho de um centurião romano, e Orígenes de Alexandria (185-253 d.C.), considerado o teólogo mais importante daqueles tempos. O primeiro distingue entre pecados perdoáveis – raiva, mentira e descumprimento de promessa – e imperdoáveis – homicídio, adultério, blasfêmia e negação da religião. Já o alexandrino divide os pecados entre os que não levam à morte – bebedeira, ócio, insulto e vaidade – e os mortais – homicídio, adultério (de novo), fornicção, avareza e idolatria. A diferença entre os dois pensadores é que Tertuliano achava que os pecados graves não tinham perdão, enquanto Orígenes era mais flexível: admitia que o pecador pudesse se salvar pagando uma penitência.

Não demorou muito para que essas divisões rendessem uma lista dos pecados *top*. E ela foi feita primeiro pelo grego Evágrio Pôntico (346-400 d.C.), um monge que difundiu as ideias de Orígenes pelo Egito e traçou uma relação das *doenças espirituais* que podiam afligir o ser humano. E, veja só, eram oito:

- 1 – Gula
- 2 – Luxúria
- 3 – Avareza
- 4 – Melancolia
- 5 – Ira
- 6 – Acídia

- 7 – Vaidade
- 8 – Orgulho

A lista tem ordem crescente: quanto mais a falha significava uma fixação por si mesmo (vaidade, orgulho), mais o pecador estaria se afastando de Deus. Seria menos grave encher o bolso de bem-casado no casamento do que passar o dia compartilhando fotos de sunga em uma praia exclusiva.

Já no século VI, as ideias de Evágrio chegaram aos ouvidos de um dos papas mais importantes da história: Gregório Magno (540-604 d.C.). Nascido em Roma, o pontífice é considerado o grande responsável pela evangelização dos anglo-saxões das Ilhas Britânicas, um movimento que acabou levando a fé cristã também à Holanda e à Alemanha. Foi ainda quem lançou nas cerimônias religiosas um gênero de música vocal de uma melodia só que hoje atrai fiéis e turistas ao Mosteiro de São Bento, no Centro de São Paulo: o canto gregoriano.

Mas o mais importante de seu legado – bom, pelo menos para este livro – é que Gregório incluiu a inveja entre os pecados capitais. E mesmo assim conseguiu diminuir a lista. Integrou a vaidade ao pecado do orgulho, colocou acídia no guarda-chuva da melancolia, e aí chegou ao número mágico dos sete pecados. Só que a sua lista ainda não foi a definitiva: na Idade Média, a Igreja substituiria a melancolia pela preguiça, chegando à formação clássica que temos até hoje:

- 1 – Gula
- 2 – Avareza/cobiça
- 3 – Luxúria
- 4 – Ira
- 5 – Inveja
- 6 – Preguiça
- 7 – Vaidade

Entre Gregório e a lista final, os sete pecados foram fixados de vez à tradição cristã pelo frade napolitano Tomás de Aquino (1225-1274), filósofo que conciliou Cristo e Aristóteles, e foi tão influente que virou santo e tema de música do Jorge Ben Jor – “Assim Falou Santo Tomás de

Aquino”. O frade explicou ao mundo a razão desses pecados serem *capitais*, e por que a inveja é um sentimento tão ruim.

A palavra *capital* tem origem no termo latino para cabeça (“*caput*”). Um pecado capital seria, portanto, a cabeça que tem embaixo de si outros pecados subordinados. Aquino cita seu predecessor Gregório ao dizer que “os vícios capitais são como capitães, e os vícios que deles provêm são como exércitos”. Os filhos da inveja, segundo o frade, são os pecados menores da fofoca, da detração, do ódio, da aflição pela prosperidade alheia e da alegria com a derrota do invejado (justamente a *Schadenfreude* da língua alemã, como vimos na introdução deste livro).

Dentre os pecados maiores, a inveja recebeu dedicação especial do frade-filósofo, que escreveu um artigo só sobre ela em sua obra *De Malo*. “Invejar implica algo contra a caridade, pois é próprio do amor de amizade querer o *bem* do amigo como se fosse para si mesmo. Porque o amigo é como se fosse outro eu.” E ainda cravou a melhor explicação de todos os tempos sobre a essência da inveja: “Há certos pecados que se cometem por tristeza”.

⁴ Angela Y. Kim. “Cain and Abel in the Light of Envy: A study in the history of the interpretation of Envy in Genesis 4.1-16”. University of Notre Dame, 2001.

⁵ Christopher Kuzawa. “Metabolic Costs and Evolutionary Implications of Human Brain Development”. Northwestern University, 2014.

⁶ Terence Hines. “The Odd Effect and Multiple Meanings in English of the words ‘Odd’ and ‘Even’”. Pace University, 2010.

INVEJINHA



O “NÃO” DE MICHELANGELO

Sem a inveja de um rival do artista, o teto da Capela Sistina talvez acabasse nas mãos de outro pintor. Ou continuasse como era antes: um mero céu estrelado.

Imagine pintar um quadro de 1.100 metros quadrados. Sozinho. Em cima de andaimes a 16 metros do chão, equivalente à altura de um prédio de cinco andares. E com a *tela* sobre a cabeça, o que só permite duas alternativas: ficar com torcicolo ou trabalhar deitado – em nenhuma delas dá para escapar da tinta pingando no olho. Ah, e o cliente é ninguém menos do que o poder em pessoa – o papa. No caso, um papa mandão que não para de esfregar o cronograma no seu nariz.

Foi sob essas condições de empregado chinês que o renascentista Michelangelo Buonarroti (1475-1564) passou quatro anos da vida. E assim produziu um dos maiores tesouros artísticos da humanidade: o teto da Capela Sistina, no Vaticano.

Bem ao lado da Basílica de São Pedro, a capela é, desde o fim do século XV, o lugar onde os cardeais se reúnem para o conclave, quando escolhem

os novos papas e a TV mostra aquela fumacinha branca saindo de uma chaminé. Graças à pintura do artista de Florença, também é uma das maiores atrações turísticas do mundo. A cada ano, mais de 5 milhões de pessoas saem de lá com dor no pescoço, para não perder nenhum detalhe da obra-prima: uma montagem caleidoscópica de passagens da Criação, do Dilúvio e de imagens de profetas.

Hoje, é difícil especular como seria esse teto sem o perfeccionismo e a determinação hercúlea de Michelangelo. Antes dos afrescos desse escultor-pintor-engenheiro-poeta, quem olhava para cima na capela só via a representação de um céu cheio de estrelas. E talvez fosse assim até hoje, se a inveja não contaminasse o Vaticano.

Quando o papa Júlio II convocou Michelangelo para o trabalho, a primeira resposta do artista foi: “Nem pensar!” – atitude quase suicida. Se o papa não insistisse muito, e o florentino não recobrasse o juízo – ele considerou até fugir para Constantinopla –, o teto teria outro pintor. E a imagem famosa de Deus encostando o dedo indicador no de Adão – a cena central e mais famosa dos afrescos – nunca existiria. Mas talvez o renascentista nem fosse o plano A do papa para o serviço.

Segundo seu biógrafo Giorgio Vasari, pessoa muito próxima e confiante do artista, Michelangelo estava de má vontade porque tinha uma certeza absoluta: só recebeu a encomenda por efeito da inveja da concorrência – que haveria influenciado as decisões do papa. E a obra seria uma armadilha.

Essa ideia não surgiu exatamente com o teto, mas antes, por causa de um túmulo, quando o artista já tinha suado a testa em outro serviço para o pontífice: um mausoléu, onde Júlio II pudesse descansar cheio de pompa quando chegasse a sua hora.

Essa também era uma obra grande, que exigiu de Michelangelo muito planejamento e viagens a Carrara atrás dos famosos mármore da região. Só que o arquiteto Bramante, invejoso da proximidade do florentino com o papa, teria convencido o chefe da Igreja a desistir do negócio. O argumento: construir a própria tumba tão cedo apressaria a dona Morte. Melhor deixar as edificações para mais tarde.

Michelangelo ficou revoltado com o cancelamento. Tinha certeza de que a frustração dos seus planos vinha da inveja de Bramante – outro grande nome da Renascença, o homem que projetou a Basílica de São Pedro.

Então, quando o papa o convidou para o trabalho na Capela Sistina, o artista enxergou o ponto com nó de Bramante. Porque, embora fosse de um talento completo, o próprio arquétipo do artista polivalente, Michelangelo mal se considerava um pintor na época. Ele era famoso como escultor, já aclamado por verdadeiros milagres artísticos, como a *Pietà* e a estátua de *Davi*. Pintura? Não era o prato da casa. E havendo – como havia – tantos grandes pintores naquela Itália onde os gênios brotavam de todo canto, por que Júlio II escolheria justamente ele, “o escultor”? E ainda para um trabalho colossal que parecia irrealizável a qualquer ser humano. Provavelmente, foi mesmo a influência nefasta do rival antevendo seu fracasso. Uma arapuca armada para desmoralizar Michelangelo.

Para a sorte da humanidade, o gênio acabou topando o desafio. E tudo deu certo: a obra foi um sucesso e o artista, bem pago. Se o biógrafo tinha razão – não há documentos que provem por A + B que o papa foi mesmo manipulado por Bramante –, a inveja deu o melhor presente possível para a história da arte ocidental: determinou que a tarefa caísse nas únicas mãos capazes de transformar aquela abóbada de igreja em um feito inigualável. E o teto mais visto do mundo ficou como ele é até hoje. Para azar do seu pescoço.

INVEJINHA



PUXANDO O TATAME

A inveja no Japão feudal: fofoca e intriga entre as pioneiras da literatura japonesa.

A primeira blogueira do mundo nasceu e morreu mil anos atrás, quando o Japão vivia seu período Heian e prosa e poesia floresceram no país. Sei Shônagon era uma dama da corte em Quioto, e um dia ganhou de presente da chefe, a esposa do imperador Ichijô (980-1011), uma pilha de papéis – artigo de luxo na época. Com eles, escreveu um monumento da literatura clássica japonesa: *O Livro do Travesseiro*.

A obra, que serviu de base para o filme *O Livro de Cabeceira*, do gaulês Peter Greenaway, tem mais de 300 textos curtos. Alguns não passam de duas linhas, com as impressões poéticas da autora sobre o que é agradável e desagradável, feio e bonito, suas praias preferidas, suas festas inesquecíveis (tem diversas listas de preferências), os tipos de gente que ela desaprova – e o dia a dia da corte também. Sim, como em um diário de adolescente. Ou, pensando em exemplos mais século XXI, como em blogs e Tumblrs. Se escrevesse um milênio mais tarde, Shônagon encheria de *selfies* um trecho como este, em que enumera *coisas que fazem palpitar o*

coração: “Lavar os cabelos, maquiar-se e vestir quimonos aromatizados. Mesmo em um lugar onde não haja ninguém especial para nos ver”.

Tanto amor próprio e a personalidade vistosa de Sei Shônagon, que se orgulhava abertamente de seus dotes intelectuais, pegavam mal com as japonesas introvertidas. E especialmente com uma que era tão boa escritora quanto ela, mas que lhe invejava a popularidade: Murasaki Shikibu, autora de *Narrativas de Genji*, o outro grande cânone da literatura clássica do Japão, considerado por muitos como o primeiro romance da história.

Também uma dama da corte imperial, Shikibu tinha um estilo mais grave, oposto à coloquialidade alegre de Shônagon – e com ênfase na “elegância da dicção”, segundo as pesquisadoras Geny Wakisaka e Madalena Hashimoto Cordaro, professoras do Centro de Estudos Japoneses da USP. Mas essa elegância toda vira barraco quando a dama se refere explicitamente à sua rival, na obra *Diário de Murasaki Shikibu*: “Não há quem, como Sei Shônagon, tenha ares de tudo saber e seja incrivelmente orgulhosa de si. Acha-se tão inteligente...”. Entre alfinetadas e pancadaria sem disfarce, Shikibu sai de trás do biombo e revela o sonho maior do invejoso: um fim terrível para a concorrente. “Aqueles que apreciam se achar superiores dessa forma devem tomar cuidado, pois se degradarão aos poucos até acabar mal. Como poderia o futuro terminar bem para pessoas desse tipo?”

Em seu livro, Shônagon já parecia antever os tijolos da inveja voando na sua direção: “Essas falas não me atingem”, postou – ou melhor, escreveu.



PRÊMIO NOBEL DE RANCOR

Para maldizer um vencedor da maior premiação da ciência, vale até fazer anúncio no New York Times. Mas é melhor se o rival não ganhar.

Quando Carlos Chagas bateu na trave do Nobel de Medicina, tinha torcida contra entre os médicos daqui. Diagnóstico: o sucesso alheio dói mais que pedra nos rins.

"Cada vez que um amigo meu faz sucesso, eu morro um pouquinho."

Gore Vidal, escritor americano e eterno candidato ao Nobel
(que nunca ganhou).

Foi um engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil quem chamou a atenção do médico sanitarista Carlos Chagas (1879-1934) para a praga: Lassance, cidadezinha a pouco mais de 270 quilômetros de Belo Horizonte, tinha muitos barbeiros. O apelido do inseto vem da estratégia de ataque do *Triatoma infestans*, um tipo de percevejo hematófago (que se alimenta de sangue): a picada mira geralmente o rosto, a parte descoberta enquanto a vítima dorme em casas de pau a pique – esconderijo preferido do bicho.

O ano era 1908, e Chagas era então pesquisador especialista em malária, sediado no Rio e mandado para o norte de Minas com a tarefa de investigar um estranho fenômeno entre a população mais humilde. As pessoas estavam caindo doentes, muitas morriam – e ninguém sabia por quê. Taquicardia, insuficiência cardíaca, fraqueza, febre, inchaços no corpo... Se a saúde de um povo humilde de uma cidade pobre dificilmente atrairia cientistas do Rio de Janeiro na época, havia um motivo econômico para justificar a viagem: a doença misteriosa estava atrapalhando a construção da ferrovia que ligaria o sul ao norte do Brasil. Com tanto trabalhador doente, as obras tiveram de ser interrompidas. E aí quem pagaria a conta?

Falava-se em sífilis, mas Chagas achava que não era isso. Relações sexuais implicam gasto de energia – e energia era tudo que aquela gente enfraquecida não tinha. Devia ser outra coisa. E o comentário do engenheiro sobre o incômodo que eram aqueles insetos de zona rural ficou na cabeça do médico.

Se não era a malária, e se também não era a sífilis, Carlos Chagas achou que valia a pena investigar os donos do pedaço: os barbeiros. E logo descobriria que esse percevejo tem maus modos: faz cocô no ponto da picada assim que suga o sangue da vítima. Era preciso saber o que o bicho andava comendo, então. Analisando o tubo digestivo do inseto no

microscópio, Chagas descobriu ali tripanossomas – e de um tipo que nunca tinha visto antes. Opa, será que esses parasitas provocavam doenças? Para tirar a prova, o médico mandou barbeiros para sua sede em Manguinhos, o instituto criado por Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. O objetivo: testar a hipótese em macacos de laboratório. O resultado: uma das cobaias ficou doente. Ao examinar seu sangue, Chagas encontrou lá o mesmo tripanossoma – que, em homenagem a seu mentor Oswaldo Cruz, foi batizado de *Trypanosoma cruzi*.

Mas, calma, doença que pega em macaco talvez não pegue em gente. O passo seguinte era investigar se a população enferma de Lassance também tinha o parasita no corpo. E tinha. Rufar de tambores... Carlos Chagas havia descoberto uma doença nova, totalmente desconhecida por quem quer que fosse. E a revelação era mais incrível do que parece.

O extraordinário é que, em uma tacada só, Chagas descreveu o ciclo completo de uma moléstia infecciosa – caso único na história da medicina: descobriu ao mesmo tempo uma nova doença, o parasita que a provoca, identificou o vetor (o barbeiro), a forma de transmissão e as manifestações clínicas. Barba, cabelo e bigode.

Era o início da glória. No Uruguai e em El Salvador, o mal de Chagas foi diagnosticado conforme as definições do brasileiro. E até os alemães ficaram impressionados: ele recebeu o Prêmio Schaudinn de protozoologia, do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo.

Foi então que veio o primeiro flerte: em 1913, graças a Pirajá da Silva, professor da Universidade da Bahia, Carlos Chagas teve seu nome incluído entre os indicados para o Prêmio Nobel. Se dava pé? Pela regra dava. No testamento de Alfred Nobel – o inventor da dinamite que deixou sua fortuna para a criação do prêmio –, o sueco explicou que os laureados deveriam ser aqueles cujas contribuições mais beneficiassem a humanidade, e que parte do dinheiro seria dada a quem tivesse feito a descoberta mais importante nos campos da fisiologia e da medicina. O resto iria para os feitos extraordinários em física, química, literatura e na promoção da paz – categoria cara a Nobel, já que ele tinha ficado rico desenvolvendo explosivos, mas não queria ser visto pela posteridade como um promotor da violência, e sim o contrário. Segundo os critérios, de qualquer forma, o brasileiro estava no páreo.

Mas não seria daquela vez. O laureado do ano foi o francês Charles Richet, “em reconhecimento ao seu trabalho em anafilaxia” (reação alérgica cujo efeito mais grave, o choque anafilático, matou a cantora Clara Nunes).

Ninguém achou estranho. Em 1913, Chagas era ainda desconhecido no resto do mundo – e a repercussão da recém-batizada Doença de Chagas ainda estava restrita ao Brasil e arredores, com uma ou outra exceção. Só que, a partir dali, a carreira do médico de Manguinhos subiu a ladeira.

Com a morte de Oswaldo Cruz em 1917, o presidente do Brasil, Venceslau Braz, nomeou Chagas seu sucessor no instituto. Mais três anos, e o médico já alcançava o topo da pirâmide profissional: era nomeado primeiro diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, criado por Eptácio Pessoa. O cargo era equivalente a ser ministro da Saúde no Brasil de agora. Parecia o ápice, mas ele ainda tinha para onde subir.

Em 1921, Carlos Chagas foi o primeiro brasileiro da história a receber o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Harvard. E foi justamente nesse ano que surgiu sua segunda grande chance de triunfo internacional: uma nova indicação ao Prêmio Nobel.

As chances, então, eram maiores. A importância da revelação do mal de Chagas já se somava a uma popularidade em torno do nome de seu descobridor: prestígio na Europa, conferências, premiações, nomeações, um intercâmbio com americanos para reformas sanitárias no Brasil, o cargo de ministro da Saúde. Se não chegava a ser um *popstar*, como Albert Einstein – de quem chegou a ser anfitrião durante uma visita a Manguinhos –, Chagas já era um cidadão do mundo, reconhecido na comunidade científica global.

Agora vai, diria com socos no vácuo um Policarpo Quaresma – personagem ufanista de Lima Barreto. Mas não foi. Mais uma vez, os suecos não se sensibilizaram com a Doença de Chagas. E o Brasil voltou para a longa fila dos eternos candidatos ao primeiro Nobel. Só para efeito de humilhação, a Argentina tem quatro, o Chile tem dois, e até Peru e Colômbia já levaram os seus.

Talvez o Brasil não fosse a bola da vez em 1921. Talvez a Suécia ficasse muito longe para se importar com uma doença latino-americana. Ou talvez houvesse um motivo mesquinho por trás de tanta bola na trave. Por ocasião dos 90 anos do artigo sobre a Doença de Chagas, a pesquisadora da USP Marília Coutinho publicou um texto na *Folha de S.Paulo*⁷ afirmando que o

brasileiro tinha levado uma rasteira da própria comunidade médica daqui – que não suportava os louros do sanitarista. Já nos anos anteriores à segunda indicação ao Nobel, um grupo “antichagas” vinha se revezando nos ataques ao trabalho e às condutas do cientista. E o desgosto dessa ala ia aumentando à medida que Chagas acumulava cargos e honrarias, palestras e viagens internacionais. Na vanguarda do pelotão de invejosos estava o misto de escritor, médico e político carioca Afrânio Peixoto (1876-1947). “Quando o Departamento de Saúde Pública foi criado, o poderoso Peixoto tinha a pretensão de dirigi-lo. Com a nomeação de Chagas, tornou-se o mais virulento inimigo do descobridor da tripanossomíase”, explicou Marília Coutinho.

Chagas ganhava um rival ressentido. Este, ao lado de outros desafetos, levantou uma polêmica de grandes dimensões na Academia Nacional de Medicina em 1922. O grupo colocava em dúvida a descoberta de Chagas. Diziam que ninguém, afinal, conhecia os doentes – será que existiam mesmo? E pior: falavam que Chagas espalhava uma imagem negativa do Brasil no exterior ao exagerar os efeitos da doença.

Questionado de todo lado, chamado de mentiroso e com a honra em jogo, Chagas defendeu-se da melhor forma possível: pediu que uma comissão da Academia julgasse as acusações. E que avaliasse 40 doentes de Lassance – sim, aquela gente existia de verdade e estava muito doente. Um longo ano depois, a comissão deu seu parecer: “a descoberta dessa tripanossomíase representa um fato do mais alto alcance científico”.

Chagas tinha vencido. Sentiu-se mais aliviado ainda quando recebeu uma carta assinada pelo presidente Epitácio Pessoa, que lhe garantia que todo aquele ataque não era mais do que a pura inveja indisfarçada: “A mediocridade não perdoa o talento como a treva não perdoa a luz”. Palavra do presidente. Mas se engana quem acha que o grupo de Peixoto falhou.

“Depois da disputa da academia, a doença de Chagas caiu no esquecimento: não foi mais discutida e foi pouco pesquisada. Sumiu dos currículos médicos”, escreveu a pesquisadora da USP. A má impressão ficou. E as seguidas ações da patota antichagas tiveram um efeito internacional talvez difícil de compreender na época, mas que o historiador argentino Sierra-Iglesias – em uma biografia sobre outro pesquisador da doença de Chagas, Salvador Mazza – apontou sem meias-palavras: “Em 1921, [Chagas] estava indicado para o Prêmio Nobel de Medicina, mas,

quando tudo sugeria que fosse outorgado, influências inconfessáveis se impuseram. O instituto sueco havia se dirigido a organismos científicos do Brasil, coletando dados sobre sua personalidade, sua obra, mas alguns de seus próprios compatriotas o desaconselharam”⁸.

POR QUE NÃO EU?

Se o olho gordo sobre Carlos Chagas já era grande sem o Nobel, ele que se defendesse de vodus, caso ganhasse o prêmio. Em valores de 2015, o laureado – se ganhar sozinho – fatura 8 milhões de coroas suecas, o equivalente a quase 3 milhões de reais. E mais importante (e lucrativo) que isso: ganha uma aura de infalibilidade. Se transforma da noite para o dia em um guru de renome mundial. Alexander Fleming, que ganhou o Nobel de Medicina em 1945 pela descoberta (um tanto por acaso) da penicilina, disse que não merecia a premiação, mas que estava adorando a fama que vinha junto. Nos dez anos posteriores à conquista, Fleming foi convidado a se tornar membro de 89 sociedades científicas, recebeu 18 prêmios, 13 condecorações, 26 medalhas e 25 títulos honorários. Para um cientista, é como fazer aniversário todo dia no bar preferido – com os amigos pagando a sua conta. E isso, claro, não deixa ninguém indiferente. Nem os rivais.

“A aventura científica transborda competição, batalhas e injustiças”, afirma o professor de radiologia Morton A. Meyers, autor do livro *Prize Fight – The Race and The Rivalry To Be The First in Science* (A luta pelo prêmio – a corrida e a rivalidade para ser o primeiro em ciência, sem edição nacional). “Os cientistas são tão propensos ao orgulho, à ganância, à inveja e à ambição quanto o resto de nós.”

Isso nunca ficou tão explícito quanto em 2003, quando Paul Lauterbur e Peter Mansfield dividiram o Prêmio Nobel de Medicina “por suas descobertas no campo das imagens de ressonância magnética”.

A divulgação dos laureados aconteceu em uma segunda-feira de outubro. Quatro dias depois, o jornal *The New York Times* veiculou um anúncio de página inteira com a imagem de Alfred Nobel virada de cabeça para baixo, e a seguinte exclamação: “O vergonhoso erro deve ser corrigido”. A publicidade, a um custo de mais de 100 mil dólares, tinha a assinatura da empresa do médico americano Raymond Damadian (1936-), que três

décadas antes tinha patenteado o primeiro *scanner* para ressonância magnética. O texto do anúncio desvalorizava a importância dos estudos premiados, dizendo que não passavam de um aprimoramento técnico daquilo que o próprio Damadian tinha feito antes. E ainda sugeria o seguinte: os dois vencedores deveriam devolver o prêmio, a não ser que ele, Damadian, recebesse uma parte do reconhecimento – hipótese irreal, uma vez que a decisão do Nobel é irrevogável.

Na ocasião, Horace Judson, historiador de ciência, censurou o comportamento do cientista, lembrando que “não existe Prêmio Nobel para chorões”.

O ressentimento explícito de Damadian contraria a imagem que o mundo faz dos cientistas – a de abnegados estudiosos em prol do bem da humanidade. Mas seu desabafo público era só uma versão escandalosa do que realmente existe nos porões dos laboratórios. “O cientista geralmente é visto como desligado, objetivo, desapaixonado. Nada mais longe da verdade que isso”, diz Meyers. “A alegria da descoberta, a exaltação de revelar uma lei da natureza não é suficiente para ele. (...) As disputas sobre quem chegou lá primeiro geralmente revelam como o temperamento, a ambição pessoal e os antagonismos influenciam o curso dos eventos.”

Foi o que aconteceu com Raymond Damadian, um cientista importante – e até brilhante – que, na ânsia de ser o centro das atenções, acabou prejudicando a opinião pública sobre o próprio trabalho. Com uma capacidade incrível de chatear o próximo, em campanha ostensiva e permanente para receber o Nobel, Damadian abusava da autopromoção. E se dava mal sem entender por quê. (Em comparação com alguém do próprio meio, ele passava uma imagem exatamente oposta à do primeiro Prêmio Nobel de Física, Wilhelm Röntgen, o descobridor do raio X, que ao receber a premiação se limitou a responder com uma palavra só: “obrigado”.)

Para mostrar ao mundo que foi o primeiro a fazer uma ressonância magnética de corpo inteiro para o diagnóstico de câncer, Damadian organizou uma coletiva de imprensa em 1977, precedida da divulgação de um comunicado cheio de exageros e conclusões prematuras. A coletiva não lembrava em nada a sobriedade das apresentações científicas. A proposta era que os jornalistas testemunhassem a primeira aplicação da técnica. E um sócio do cientista de fato entrou no equipamento para que a imprensa visse uma imagem de tórax aparecer na tela do vídeo. Mas um repórter notou que

a data em um canto da imagem era de outro dia. Ué, mas não seria *ao vivo*? A credibilidade do médico saiu arranhada do evento, e as manchetes da manhã seguinte colocaram em dúvida a sua realização.

Fato curioso é que a fama que Damadian tanto invejava – e que deixou Alexander Fleming mal-acostumado – também é vista com aversão por alguns ganhadores do Prêmio Nobel. O oba-oba é tanto que aborrece quem não consegue achar normais os holofotes na direção do rosto. Em entrevista à revista *Paris Review*, o português José Saramago, vencedor na categoria literatura em 1998, disse: “Eu não vou me submeter às obrigações do Nobel como se fosse campeão de um concurso de beleza, que precisa ficar se exibindo em tudo quanto é lugar”.

Mais bem-humorada foi a solução do inglês Francis Crick, vencedor em 1962 pela identificação da estrutura do DNA. O cientista ficou tão incomodado com os insistentes convites e solicitações que escreveu a seguinte carta-padrão, a ser enviada como resposta a quem lhe escrevesse: “O Dr. Crick agradece pela sua carta, mas lamenta não poder aceitar seu convite gentil para que ele: mande um autógrafo / envie uma foto / cure a sua doença / seja entrevistado / fale no rádio / apareça na TV / faça um discurso em um jantar / dê um depoimento / ajude você com um projeto / leia o seu manuscrito / faça uma palestra / participe de uma conferência / seja presidente / vire editor / escreva um livro / aceite um título honorário”.

AS INJUSTIÇAS DO NOBEL

Olho gordo é o que não falta no prêmio mais respeitável do mundo. Mas vale lembrar: muito picareta já levou mesmo esse caneco para casa. E aí o pecado que fica para os colegas não agraciados nem é o da inveja, mas o da ira mesmo. De qualquer forma, vale dar uma passada pelas maiores sacanagens do Nobel.

Uma das mais notórias começou no seio da família Kennedy. Rosemary era a terceira dos nove filhos do clã iniciado pelo senhor Joseph Kennedy no começo do século XX, só um ano mais nova que John, o futuro presidente dos Estados Unidos. Mas, naquela família de líderes e predestinados, ela não era um cisne. Tinha dificuldade de aprendizado,

escrevia da direita para a esquerda, não gostava de esportes. Era mais devagar em tudo – e descontraída, sem a aura nobre dos irmãos. Para a mãe, as deficiências de Rosie faziam dela uma menina especial – um presente de Deus. Para o pai, Joe, a filha era um embaraço – algo a ser escondido. Mais ainda quando a garota virou mulher: Rosie se revoltava contra tanta reserva e superproteção, às vezes com violência. Jogava objetos no chão, queria sair sozinha à noite. Fugia. E os pais temiam que engravidasse na rua. Um escândalo era questão de tempo. Até que Joseph Kennedy encontrou a solução. Escondido da esposa, levou a filha, de 23 anos, para os cuidados de Walter Freeman, o maior propagador de uma técnica que prometia acalmar pessoas ansiosas e hiperativas: a lobotomia.

Freeman ficou famoso pelo método de martelar um picador de gelo – a arma de Sharon Stone em *Instinto Selvagem* – sobre o globo ocular do paciente, crânio adentro, até separar as vias que ligam os lobos frontais a outras regiões do cérebro. O cirurgião tinha até um “lobotomóvel”, que usava para viajar pelo país, operando pessoas e divulgando suas técnicas. Realmente, os pacientes ficavam calminhos depois da intervenção – os que não morriam na hora. Rosemary Kennedy saiu da cirurgia incapaz de pronunciar mais do que poucas palavras. Perdeu toda a capacidade mental e o equilíbrio dos movimentos. Virou um zumbi. Para sempre.

Assim como a irmã de John Kennedy, dezenas de milhares de pessoas foram lobotomizadas só nos EUA entre os anos 1930 e 1950 – quando essa operação medieval teve seus anos dourados. Um risco que, felizmente, pessoas bipolares, depressivas ou hiperativas já não correm mais: hoje a técnica é considerada um dos capítulos mais abomináveis e cruéis da história da psiquiatria. Parece óbvio. Só que, antes que as mutilações e as mortes de pacientes levassem à condenação do tratamento, a lobotomia ganhou um Prêmio Nobel.

No que pode ser considerado o maior arrependimento do Instituto Karolinska – a universidade sueca que escolhe o vencedor –, o Nobel de Medicina de 1949 foi entregue ao neurologista português António Egas Moniz “pela descoberta do valor terapêutico da *leucotomia* em certas psicoses”. *Leucotomia* era o nome original da lobotomia.

Olhando aqui do século XXI, parece até que o comitê do Nobel é que tinha enlouquecido. Mas não. A perspectiva convencional na época era de que as doenças mentais tinham a ver com alguma enfermidade física do

cérebro (uma visão diferente da de hoje, que vê os distúrbios psiquiátricos como algo infinitamente mais complexo, impossível de ser tratado com intervenção cirúrgica, à base de bisturi). Tanto era assim que um dos primeiros a parabenizar Moniz pelo Nobel da castração cerebral foi o jornal *The New York Times* – que em editorial agradeceu com entusiasmo ao *ensinamento* de que devemos “olhar com menos reverência para o cérebro. Ele é só um órgão grande... Não mais sagrado do que o fígado”. Pode enfiar o picador de gelo, então.

Premiar o inventor da lobotomia não foi o único escorregão dos suecos, claro. Em 1926, o dinamarquês Johannes Fibiger foi laureado por ter descoberto a causa do câncer: *um verme*, segundo seus estudos. O causador da doença mais temida pela humanidade seria um protozoário que ele chamou de *Spiroptera carcinoma* – parasita que o cientista identificou em tumores de ratos com câncer de estômago. Tremenda bola fora. Hoje sabemos bem que o câncer é um *tilt* nas células, não uma doença causada por parasitas.

Três anos antes, o Nobel havia premiado o canadense Frederick Banting e o escocês John James Macleod pela invenção da insulina – a salvação dos diabéticos. O motivo era justíssimo. Só erraram a pessoa. Macleod não tinha feito quase nada, além de ceder o laboratório.

Freud não ganhou o Nobel de Medicina – apesar de ter sido indicado 32 vezes. Gandhi não recebeu o Nobel da Paz. Machado de Assis não levou o de Literatura. Aliás, nessa última categoria, parece que quem vota no Nobel é uma comissão de amnésicos: Tolstói, Tchekhov, Marcel Proust, James Joyce, Virginia Woolf, Ezra Pound, Mark Twain, Joseph Conrad... Todos esquecidos.

Entre os brasileiros, aquele considerado o maior injustiçado nem é Carlos Chagas, mas o físico curitibano César Lattes (1924 – 2005). Em 1935, o japonês Hideki Yukawa fez a previsão teórica do méson pi, uma estranha partícula subatômica, parente do próton – e levou o Nobel de 1949 por isso. Bom, ainda nos anos 1940, o jovem Lattes foi o principal pesquisador e autor do artigo que comprovava experimentalmente a existência da partícula. Era mais do que suficiente para garantir um prêmio, segundo a tradição da academia sueca. E, olha só, o Nobel até veio – mas não para Lattes. Os louros pela descoberta do méson pi ficaram com o inglês Cecil

Powell, que tinha apenas ajudado na redação do artigo de Lattes, mas contava com o status de chefe da equipe.

Outra batida na trave foi a de Jorge de Lima (1893–1953). Em 1947, um consultor do Nobel ficou impressionado com a obra do poeta. Era o sueco Artur Lundkvist, que acabou convencendo a academia a lhe dar o Nobel de Literatura de 1958 – havia muita gente na fila antes. Só que a morte chegou primeiro, em 1953. E o Nobel tem a regra de não premiar postumamente. Faz parte..

[7](#) Marília Coutinho. “O Nobel perdido”. *Folha de S.Paulo*. 1999.

[8](#) As manifestações de inveja no caso de Carlos Chagas são incontestes – Peixoto e aliados passaram recibo após recibo. Mas tem outro lado nessa história, que vai contra a interpretação de Sierra-Iglesias, que é a adotada por este livro. Vamos a ela: “Não há documentos que comprovem a especulação de que o Comitê Nobel tenha se dirigido a instituições brasileiras e que essas tenham desaconselhado a premiação”, diz o patologista José Eymard Homem Pittella, em artigo para a *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. “O episódio da oposição a Carlos Chagas é profundamente lamentável, mas não deve ter influenciado a decisão.” Até porque o auge do conflito entre Chagas e o grupo de Afrânio Peixoto – a polêmica na Academia – se deu em 1922, quando o Nobel já era leite derramado.

A indicação de Carlos Chagas ao prêmio de fato foi examinada pelo professor de medicina forense Gunnar Hedrén, um dos participantes do comitê sueco naquele começo dos anos 1920. Ele chegou a fazer um relatório aos demais membros da comissão julgadora, mas a candidatura não passou dessa fase eliminatória.

Conhecendo um pouco do histórico de escolha do Prêmio Nobel, dá para entender melhor por que o brasileiro não levou. Entre todos os indicados para a categoria de Medicina no período 1901-1951, há 1.132 dos Estados Unidos, 930 da França e 914 da Alemanha. Os sete países que vêm em seguida com maior número são europeus. Da América do Sul, só Argentina e Brasil aparecem no finzinho da tabela – e, que os argentinos não nos ouçam, é um massacre: 48 indicações e uma premiação para eles; quatro indicações a ver navios para o nosso lado.

O que esses números representam é que, nas primeiras décadas do Prêmio Nobel, indicados e vencedores quase nunca vinham de fora do eixo Estados Unidos-Europa. Além disso, em 1921, Chagas concorria com apenas uma indicação – e de um professor de oftalmologia brasileiro. Entre seus concorrentes, havia o endocrinologista francês Eugène Gley, descobridor das funções da tireoide, com 11 indicações, e seu conterrâneo Émile Roux, bacteriologista cofundador do Instituto Pasteur, com nove indicações. E, mesmo assim, nenhum deles levou o Prêmio Nobel naquele ano. Aliás, ninguém levou. O fato de o Nobel de Medicina estranhamente não ter tido vencedor em 1921 ajuda a alimentar a teoria da conspiração contra Chagas. Mas não é bem assim. Desde que o Nobel começou a premiar cientistas brilhantes em 1901, houve vezes em que a comissão julgadora simplesmente decidiu que ninguém no mundo da medicina merecia ganhar daquela vez. Já tinha acontecido em 1915, 1916, 1917 e 1918. Além da falta de grandes novidades no setor, havia uma explicação econômica: a direção do Karolinska achava na época que precisava poupar recursos para construir um instituto de pesquisa que ajudasse a conferir de perto as novas descobertas de cada indicado. Ainda que Chagas ultrapassasse concorrentes mais conhecidos do que ele – e com muito mais indicações –, também precisaria derrotar a vontade do Nobel de guardar dinheiro no próprio bolso.

Difícil, né? Mas ainda podia ser pior: quando o mal de Chagas apareceu, médicos do mundo todo estavam olhando em outra direção. Na época, a descoberta de uma nova doença restrita à América Latina automaticamente ficava em segundo plano diante de preocupações mais imediatas da comunidade de pesquisadores europeus e norte-americanos. A atenção da medicina no Hemisfério Norte, naquele início de século XX, estava voltada para as colônias na Ásia e África e para suas doenças tropicais – que podiam afetar também os colonizadores, uma preocupação em causa própria. Já o barbeiro de Minas estava longe demais para usar a bochecha dos suecos como penico.

INVEJINHA



... DO PÊNIS

Mas também tem inveja do útero, do seio, da vagina...
Depende da teoria psicanalítica. Escolha a sua.

“A grande questão que nunca foi respondida, e que eu mesmo ainda não fui capaz de responder, apesar dos meus 30 anos de pesquisa da alma feminina, é: ‘o que as mulheres querem?’” A pergunta poderia vir de um amigo seu reclamando da namorada, mas é de Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise. Com seus estudos do inconsciente humano, Freud inventou uma ciência totalmente nova e colocou o mundo inteiro no divã. Mas tinha dificuldade com o “continente obscuro”, como ele se referia às mulheres. Não era por falta de tentativa.

Em 1905, o austríaco lançou um de seus estudos mais polêmicos, que até hoje rende discussão: *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* – 25ª posição na lista dos “100 Livros do Século XX” do jornal francês *Le Monde*. Falando sobre o desenvolvimento psicosssexual e sua relação com a infância, Freud chocou papais e mães mundo afora ao apontar zonas erógenas nos bebês e discutir novidades como “o onanismo do lactante”. Na época, foi acusado até de pornógrafo por trechos como este: “As crianças

que tiram proveito do estímulo erógeno da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoque violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, possa exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, produzem sensações de volúpia ao lado de sensações dolorosas”.

Mas é justamente nessa obra – objeto de revisões do autor nas décadas seguintes – que Freud aborda um dos conceitos mais famosos do seu legado: a inveja do pênis. Com o tempo, o termo ganhou um significado popular alternativo, fazendo referência a mulheres que querem tanto protagonismo quanto seus pares. Mas a visão de Freud é outra coisa.

Segundo a teoria, meninos e meninas começam achando que todos têm pênis, eles e elas. Isso porque a mulher na infância tem seu próprio brinquedo sexual para chamar de piu-piu: o clitóris. Como, porém, a menina se dá conta de que o brinquedo dela é praticamente invisível em comparação com o pênis do irmãozinho, eis que surge a tal inveja infantil – e a menina passaria a querer ser menino também.

Freud achava que essa *castração* em uma infância falocêntrica, evoluindo para a difícil afirmação de uma sexualidade própria na puberdade, era fonte de neuroses na mulher adulta. Mas nunca faltou quem visse essa parte da psicologia freudiana como algo não muito diferente da história da costela de Adão: um mito claramente machista.

Um dos primeiros grupos a reagir à visão de Freud foi justamente o das mulheres. Aos pais zelosos da inocência de seus filhos juntaram-se às primeiras pensadoras do feminismo, todas contra a teoria da sexualidade de Freud – ou, no mínimo, contra o seu suposto machismo. Elas sugeriram que há outro lado dessa moeda.

Sabe a história de que homem com carro grande quer compensar o pinto pequeno? Segundo a alemã Karen Horney (1885 – 1952), uma das primeiras a pôr defeito na perspectiva de Freud, a analogia só errou de órgão sexual: todo o desejo masculino de grandes realizações seria uma compensação mesmo, mas pela impossibilidade de dar à luz. Seria a inveja do útero. Para ela, essa inveja é até mais evidente do que a inveja do pênis, já que o homem teria uma necessidade maior de depreciar o papel da mulher do que o contrário.

Mesmo tendo morrido antes que o movimento feminista ganhasse o mundo, Horney mudou a forma como a psicologia enxergava as diferenças

de gênero – e acabou dando embasamento teórico para as militantes dos anos 1960 e as cyberativistas do século XXI. No ensaio *O Problema do Masoquismo Feminino*, ela reclama que a cultura encoraja as mulheres a serem dependentes do homem, por motivos ligados a dinheiro, prestígio, proteção e até afeto. Elas seriam tratadas, segundo Horney, como meros objetos de beleza à disposição de homens supervalorizados pela sociedade. E mesmo assim a inveja seria deles.

Esse desejo masculino oculto de ter corpo de mulher – ainda que sem virar transformista – teria um defensor no holandês Hendrik Ruitenbeek (1928-1983), um dos primeiros psicanalistas a defender a igualdade de direitos para os homossexuais. No livro *Psychoanalysis and Male Sexuality* (A psicanálise e a sexualidade masculina, sem edição nacional), o autor diz que o homem também sofre de uma inveja da vagina: um desejo de parir, urinar como mulher e se masturbar de forma diferente da consagrada por adolescentes que se trancam no banheiro. Segundo ele, essa inveja provocaria misoginia em homens neuróticos.

E tem mais. Subindo dos países baixos para cima do umbigo, outro conceito importante na história da psicanálise foi a inveja do seio – finalmente um tipo que independe do sexo do invejoso. A teoria, aliás, foi descrita por uma verdadeira especialista em inveja: a vienense Melanie Klein (1882-1960), autora do clássico *Inveja e Gratidão*. O sentimento viria, segundo ela, de um instinto agressivo existente desde que nascemos, que se traduz na criança por uma revolta contra o peito que a amamenta – mas que nem sempre amamenta na hora em que o neném abre o berreiro. Para Klein, essa inveja do seio materno que não quer compartilhar seu leite seria a mãe de todas as invejas. Ou o pai, vai saber...



COMO A INVEJA PARIU HITLER

O sucesso profissional da comunidade judaica na Alemanha deu um novo gás ao antissemitismo: a inveja econômica. Um sentimento que engatilhou a maior barbárie de todos os tempos.

"O necessário é prometer ao invejoso a destruição ou o confisco dos bens dos outros; com isso, não há necessidade de prometer nada que seja construtivo."

Helmut Schoeck, sociólogo austríaco

O "*Glückliches Neues Jahr!*" ("feliz Ano-Novo!") para muitos judeus berlinenses foi inesquecível no Réveillon de 1880. Ficaram na lembrança não o clima de festa na capital, mas os gritos enfurecidos que ecoavam pelas ruas geladas do inverno: "Fora, judeus! Fora, judeus!" Era o cartão de visitas de bandos de jovens que espancavam cidadãos de origem judaica nas calçadas e barravam a entrada dos cafés. O quebra-quebra tinha sido estimulado pelos discursos de um político racista chamado Ernst Henrici, que exigia resistência popular contra o que chamava de "ameaça racial". E ficou marcado na turbulenta história da metrópole alemã.

A violência dessa virada de ano não era fato novo. Mas os tumultos de 1880 tinham, sim, uma motivação diferente. O mito do judeu assassino de Jesus já não era o que mais importava. O problema agora era outro: o judeu professor universitário, o judeu gerente de banco, o judeu advogado, comerciante, médico, jornalista... o judeu concorrente.

No período que durou da emancipação dos judeus na Alemanha – no começo do século XIX, quando ganharam condições básicas de igualdade no mercado de trabalho – ao terror nazista, a impressionante ascensão social dos judeus alemães provocou um ódio muito mais caracterizado entre seus compatriotas gentios, especialmente os das classes mais baixas: uma convicção íntima de que aquele "povo inferior" não podia ganhar mais do que eles, ter casas mais sofisticadas, joias, obras de arte, roupas mais elegantes... Ou pior ainda: ser chefe do povo alemão.

Enquanto em uma época já secularizada a tradição religiosa foi perdendo força como ponto de conflito, o ressentimento de alemães pobres contra judeus mais bem-sucedidos alimentou como nunca o antissemitismo na Alemanha. E isso levou a um ímpeto revanchista que se estendeu de operários humildes a políticos de ultradireita, de pequenos vândalos a

grandes delinquentes a serviço de Hitler – passando por cientistas obcecados em encontrar uma teoria contra esse complexo de inferioridade. Um rancor geral que formou o *zeitgeist* tolerante com o maior crime contra a humanidade da história moderna.

Mas, para chegar a esse cenário pré-câmaras de gás, vale lembrar que a inveja econômica foi um dos últimos motivos a entrar na fila dos variados pretextos que fizeram, ao longo dos séculos, com que seres humanos perseguissem e assassinassem outros seres humanos de uma religião diferente. A lista vai de amigar judeus com o capeta até acusá-los de envenenar a água e disseminar doenças. O que não muda nunca é a mitomania do acusador.

OS SUSPEITOS

Nascido em Fortaleza, Gustavo Barroso (1888-1959) foi um escritor prolífico, autor de mais de cem livros, e que viria a se tornar presidente da Academia Brasileira de Letras – cargo que ocupou nos biênios 1932-1933 e 1949-1950. Hoje, seu nome batiza escolas pelo Brasil. Mas em nenhum desses colégios o nome do autor é registrado completo: Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso. Talvez isso seja por causa do Adolfo, capaz de dar pistas sobre outro fato da biografia do escritor, mais marcante que qualquer um dos livros escritos por ele: a identificação com um xará alemão.

Barroso foi um dos líderes da Ação Integralista Brasileira, movimento criado pelo político Plínio Salgado e inspirado no fascismo italiano. De perfil ultranacionalista, com rituais e simbologia copiados das Forças Armadas, os integralistas se apresentavam fardados e se cumprimentavam com uma versão tupi do *Heil Hitler: anauê!*, que significa “Você é meu irmão”. Defensores do movimento acabariam repudiando a ligação com os nazistas, mas o padrão de autoritarismo, estética militar e grito de guerra deixa pouco a negar – principalmente por causa de Gustavo Barroso, que somaria ao movimento o ingrediente *sine qua non* do nazismo: o ódio aos judeus.

No seu livro *História Secreta do Brasil* (1936), o autor defende que as características negativas da nossa índole têm uma explicação só: a

miscigenação com judeus. “A esse sangue judaico, que inúmeras vezes se misturou com o sangue cristão, deve quiçá a maioria dos brasileiros os defeitos que lhes são apontados: falta de fixidez no caráter, inclinação a não levar nada a sério, capacidade de deformar todas as ideias, indisciplina inata.”

Barroso ainda foi tradutor e maior defensor no Brasil da autenticidade de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, um livro russo em formato de ata de um congresso em que sábios judeus e maçons construiriam um projeto conspiratório para dominar o mundo. Só que o livro era uma fraude – inventada para fortalecer o czar Nicolau II contra seus adversários políticos. Mas o brasileiro enxergou nessa história da carochinha uma prova incontestável de que judeus estão aí só para sabotar a vida alheia e conquistar mais poder – e o mundo, se deixarem. Como nos trechos dos *Protocolos* que revelam uma estratégia curiosa da conspiração judaica: enfraquecer os cristãos estimulando o pileque. “Subverteremos as fontes de produção, habituando os operários à anarquia e às bebidas alcoólicas, recorrendo a todas as medidas possíveis para afastar da terra os cristãos inteligentes.” Em uma nota de rodapé da tradução, Gustavo Barroso afirma que, nos países de grandes massas camponesas, os judeus monopolizam o comércio de bebidas alcoólicas, “propagando com rara habilidade o vício da embriaguez”. Goebbels não diria melhor.

Mas as acusações do escritor cearense são só uma pitadinha de sal no Mar Morto de maledicências contra judeus, que de jeito nenhum foram exclusividade da Alemanha nazista. Sua perpetuação talvez venha justamente de começarem no conjunto de livros mais importante da história: a *Bíblia*.

No *Novo Testamento*, os primeiros autores do Cristianismo queriam marcar território, estabelecendo sua distância da matriz judaica. Então, no Evangelho de João, os semitas são chamados de filhos do Diabo. E Mateus escreveu o trecho que tanta dor de cabeça traria a judeus do planeta ao longo dos séculos: “Estando o povo [de judeus] reunido, perguntou-lhe Pilatos: qual quereis que vos solte? Barrabás ou Jesus, chamado o Cristo? Pois sabia que por inveja o haviam entregado” (*Mateus*, 27:17-18). Bom, todo mundo sabe no que deu esse plebiscito instantâneo: um ladrão com indulto e o profeta da Galileia pregado na cruz. E assim o texto alivia a barra de Pilatos e joga nas mãos dos judeus o sangue de Cristo. (O que

provavelmente tinha mais a ver com evitar encrenca com o verdadeiro algoz, o Império Romano, muito mais perigoso para a sobrevivência daqueles primeiros cristãos.)

O cisma aumentou no século IV, quando o imperador Constantino se converteu à fé cristã e a nova Igreja pôde se aliar ao poder de Roma. Era a oportunidade de o Cristianismo se distanciar de vez do Judaísmo – e se firmar como religião predominante no mundo civilizado.

João Crisóstomo (347 – 407), arcebispo de Constantinopla e considerado um dos pais da Igreja, reforçou a lenda do judeu errante, um dono de curtume (ou sapateiro, dependendo da versão) que moraria em Jerusalém na época de Cristo. Ao ver Jesus carregando sua cruz na sexta-feira da Paixão, o judeu o teria xingado e ironizado. E em resposta receberia uma maldição do filho de Deus: estava condenado a vagar pelo mundo sem nunca morrer, até o fim dos tempos. Crisóstomo ainda pregava que uma sinagoga era um templo de demônios e um abismo de perdição. Palavras de um homem considerado santo.

Mas o antissemita mais influente da história foi o pai da Reforma Protestante, a fonte de onde bebem até os evangélicos do século XXI: Martinho Lutero (1483 – 1546). Já no fim da vida, inconformado com a recusa dos judeus em se converterem, Lutero escreveu *Dos Judeus e suas Mentiras* (1543), livro no qual desce o sarrafo nas tradições e no comportamento judaico da primeira à última página, sem economizar em associações escatológicas. Em um exemplo bem gráfico da coisa, ele diz que os judeus estariam cheios das fezes do diabo, nas quais chafurdariam como porcos. Ou ainda: “Se Moisés fosse vivo, seria o primeiro a incendiar as escolas judaicas. Não só as escolas, suas casas também deveriam ser destruídas (...) Os judeus deviam ser reunidos sob um mesmo teto, como em uma estrebaria”. Essas palavras soariam como ópera aos ouvidos nazistas.

Não por acaso, Hitler disse em sua autobiografia, *Minha Luta*, que o reformista protestante era uma das três maiores personalidades da história da Alemanha. E Julius Streicher, oficial nazista julgado em Nuremberg, defendeu-se no tribunal dizendo que, no jornal racista que publicava, nunca escrevera nada que Lutero não tivesse dito antes. Aliás, o capanga do *Führer* seguiu tão à risca o discurso luterano que também publicou livros infantis antissemitas, como *Der Giftpilz* (O cogumelo venenoso), que

ensinava crianças na escola sobre como os judeus maltratam animaizinhos, entre as vilanias de sempre.

Séculos antes, na Idade Média, os judeus já eram considerados culpados pela Peste Negra e viviam na fila das fogueiras da Inquisição, lado a lado com hereges e bruxas. O imaginário popular gostava de pintar o judeu com chifres e rabos, organizando rituais sacrílegos com o sangue de criancinhas cristãs ou envenenando poços. E sempre, sempre, tramando conspirações secretas.

Esse quadro de judeus-diabos afogando bebês seria difícil demais de sustentar no século XIX. Então, para substituir essas imagens de contos de fadas na perseguição crônica aos judeus, os alemães descobriram dois novos caminhos, muito mais modernos e até com verniz científico: a higiene racial e uma exigência de equiparação no trabalho e nos negócios diante de “concorrentes desleais” – a fantasia delirante e criminosa que os alemães inventaram para justificar sua inveja econômica.

TERRA DAS OPORTUNIDADES

Podia não se parecer com a pátria prometida por Deus a Abraão, mas os judeus viveram na Alemanha um período incrivelmente promissor no século XIX – paradoxalmente começando com derrotas do seu país no campo de batalha. Como consequência da Revolução Francesa – que colocaria a Prússia e a Áustria em conflito armado contra a poderosa França – e das Guerras Napoleônicas, o chamado Sacro Império Romano-Germânico foi oficialmente dissolvido em 1806. Significava o fim do Primeiro Reich – esse, sim, durou mil anos – e, com ele, de um modo de vida ainda apegado a valores medievais – camponês, artesão e profundamente religioso. A recriação da Alemanha a partir daí passou por uma modernização das leis e da economia e pela emancipação dos judeus, que até então eram proibidos de quase tudo. Na Prússia vencida por Napoleão, uma lei garantiu a todos os cidadãos o direito de trabalhar no negócio que bem entendessem, independentemente de classe, local de nascimento ou religião. A ideia era estimular o empreendedorismo e a concorrência – fazer o dinheiro girar.

Parecia bom para todo mundo, certo? Mas muitos cristãos alemães não viam o lado meio cheio do copo. Camponeses tradicionalmente submissos

aos seus senhores feudais e aos padres estavam longe de entender conceitos básicos de livre iniciativa. Já os judeus não tinham nada a perder. Mesmo com a hesitação generalizada de aceitá-los como compatriotas legítimos, em igualdade de direitos e oportunidades, os judeus passaram a ter proteção legal contra a violência. E podiam lutar de igual para igual em outra arena basilar de uma ascensão social em grupo: o mundo dos negócios – como demonstra uma série de dados da obra *Why the Germans? Why the Jews?* (Por que os alemães? Por que os judeus?), do historiador e cientista político Götz Aly.

Principalmente entre 1810 e 1870, os judeus passaram da condição de oprimidos para a de cidadãos de sucesso na Alemanha – e em uma velocidade assombrosa. O maior ícone dessa mudança de classe foi a inauguração, em 1866, da Nova Sinagoga, na região central de Berlim – uma edificação suntuosa, cuja cerimônia de abertura contou com a presença do chanceler Otto von Bismarck.

Essa subida, como costuma acontecer, veio graças à educação. Em 1880, um revoltado político antissemita, Adolf Stoecker, publicou um panfleto intitulado *O Judaísmo Moderno na Alemanha e em Berlim em Particular*, reclamando que os judeus estavam presentes de maneira desigual nas instituições de ensino superior, e que isso, “preocupantemente”, tinha a ver com a determinação desse povo em melhorar seu status no país: “Mesmo os judeus pobres sacrificam tudo o que têm para dar aos seus filhos uma boa educação”. O que parece ser um elogio de Stoecker estava mais para um desabafo e um alerta. Mas em uma coisa o político estava certo: os judeus estavam fazendo uma limonada com os limões que recebiam como oportunidades. E assim alcançavam o topo da pirâmide social.

O estatístico Arthur Ruppin, que fundaria a Associação para Estatísticas Judaicas em 1904, publicou uma série de estudos no começo do século XX sobre a presença dos judeus no sistema educacional alemão. Suas conclusões mostraram um abismo entre o desempenho destes e dos seus colegas gentios. Ele notou que, em 1869, quase 15% dos alunos em fase preparatória para a universidade vinham de famílias judias, embora elas só representassem 4% da população.

E aí não tem magia nenhuma: quem estuda mais consegue uma carreira melhor – se permitirem. “Os judeus não viravam artesãos”, explicou Robert Wistrich, professor de história da Hebrew University. “Eles se tornavam

editores de jornais, empresários, banqueiros... Membros da elite. O antissemitismo também deve ser visto como uma reação da inveja profissional, porque nenhum grupo na sociedade europeia, em um espaço tão curto de tempo, teve uma transformação tão grande de status.”

Além disso, muitos dos trabalhadores gentios começaram a ter chefes judeus. Sinal disso é que, em 1895, metade de todos os judeus presentes no mercado de trabalho alemão tinha seu próprio negócio. Não é de se estranhar então que, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, judeus ganhassem, em média, cinco vezes mais que seus pares cristãos.

Tem mais. Aly mostra que, de acordo com um censo feito em Berlim em 1867, embora os judeus só fossem 4% da população, eles representavam 30% dos pais de família que contratavam professores particulares para os filhos. Ou seja: a riqueza retroalimentava mais riqueza, já que os judeus tornavam-se mais educados (e aptos aos melhores postos de trabalho) a cada geração.

Num levantamento feito vários anos antes, em 1840, 15 de cada cem crianças judias morriam logo no primeiro ano de vida, enquanto entre as não judias esse número aumentava para 21. Segundo o departamento de estatísticas do governo, isso tinha explicação: “A esposa judia não tem de trabalhar pesado fora de casa, então preserva melhor sua energia ao longo da gravidez e enquanto amamenta, além de observar o bebê de perto”.

Se o status profissional e o estilo de vida já são temas em que a inveja naturalmente está presente, imagine quando um povo historicamente perseguido, xingado, associado a práticas satânicas e ao assassinato de Jesus começa a prosperar assim.

Já no início da emancipação dos judeus, quando eles começavam a usufruir dos direitos recém-conquistados, os antissemitas mostraram que as coisas não seriam tão fáceis. Começando em agosto de 1819, os tumultos Hep-Hep foram uma série de ações violentas, mais ou menos coordenadas, que tiveram início na Baviera e resultaram em assassinatos e na destruição da propriedade de judeus por diversas cidades alemãs. Quando a polícia era chamada, costumava chegar tarde demais, de propósito – ou não dava as caras. Os terroristas não eram grupos paramilitares preparados para matar – eram gente simples da população alemã: artesãos, professores e donos de pequenos comércios. Justamente as pessoas que começavam a se sentir

ameaçadas pela concorrência e preferiam que os judeus voltassem a seu status medieval – o de párias da sociedade.

Nesse mesmo ano de 1819, na publicação antissemítica *Der Judenspiegel* (O espelho judeu), o escritor Hartwig von Hundt-Radowsky defendeu as agressões afirmando que, onde quer que os judeus tomassem o controle do comércio e da indústria, a região se tornaria terra arrasada. Segundo ele, o sucesso judaico “em todas as atividades lucrativas, guiado por um humanismo mal-interpretado, conferiu a eles a liberdade de escolher seus próprios negócios, o que também foi uma licença para mergulhar os cristãos na miséria”. Radowsky ainda argumentava que uma providência deveria ser tomada o quanto antes, já que os judeus teriam “uma ilimitada capacidade de se reproduzir como coelhos”.

Até o compositor erudito Richard Wagner (1813-1883) – que teve a grandeza de sua obra manchada pelo antisemitismo – demonstrou preocupação com a concorrência. Em seu ensaio *O Judaísmo na Música* (1850), ele atirou no varejo e no atacado. Foi específico ao atacar o trabalho de um músico judeu em especial: Felix Mendelssohn, o autor da música que abre dez em cada dez casamentos de cristãos até hoje, a marcha nupcial, que é parte da suíte *Sonho de uma Noite de Verão*. “Mendelssohn nos mostrou que um judeu pode ter a mais rica abundância de talentos e ser um homem da mais vasta cultura, mas, mesmo com todas essas vantagens, ainda ser incapaz de proporcionar aquele impacto profundo em nossos corações e almas que esperamos da arte.”

Pior: ainda um compositor longe do auge da fama, Wagner insistia na importância de limpar a música alemã dos “efeitos nocivos” de toda e qualquer influência judaica. “No atual estado das coisas, o judeu já está mais que emancipado. Ele tem mandado em tudo, e vai continuar mandando enquanto o dinheiro permanecer a força na face da qual todas as nossas realizações e lutas perderão seu vigor”, concluiu. Falando sobre o antisemitismo do compositor, aliás, o intelectual palestino Edward Said escreveu em seu livro *Paralelos e Paradoxos*: “Uma mente madura deve ser capaz de admitir a coexistência de dois fatos contraditórios: que Wagner foi um grande artista e, segundo, que Wagner foi um ser humano abominável”.

Embora a selvageria e as difamações contra judeus bem-sucedidos se repetissem, faltava algum elemento que recuperasse a autoestima dos

alemães. Quebrar a vitrine da lojinha do seu Isaac podia dar uma satisfação momentânea a um arruaceiro invejoso. Mas o vidro seria consertado – e o comerciante continuaria em uma situação melhor que a de quem atirou a pedra. Ao menos até que os estudos de um primo de Charles Darwin dessem aos antissemitas a sua pedra filosofal e panaceia absoluta: a eugenia. Uma ciência aberta a todo tipo de interpretação, mas que para os alemães confirmaria a superioridade da suposta “raça ariana” (um rótulo pseudocientífico, criado para denominar as etnias loiras do norte da Europa). Mas, mais do que isso, essa ciência falsa justificaria ações discriminatórias e apontaria o caminho para a “solução final”.

CIÊNCIA RACISTA

Uma sociedade de super-homens geneticamente perfeitos – puros-sangues humanos criados a partir do aperfeiçoamento contínuo de sua árvore genealógica. A ideia não é de Hitler nem do doutor Frankenstein, e sim do inglês Francis Galton, que tinha o mesmo avô que o autor da teoria da evolução das espécies. Inspirado pela “seleção natural” do parente famoso, Galton surgiu com a ideia revolucionária de uma “seleção artificial” para o aprimoramento do homem. O antropólogo definiu o termo eugenia como “o estudo dos agentes que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente”. Galton acreditava que a espécie humana podia melhorar se evitasse “cruzamentos indesejáveis”. Por “indesejáveis”, entenda inter-raciais.

Não faltou cientista contestando as ideias polêmicas do britânico: Galton teria sido completamente tendencioso em sua análise da hereditariedade. Mas mesmo assim a teoria virou sensação na Europa. E, claro, a eugenia serviu como uma luva nas mãos dos racistas alemães – devidamente adaptada para atender à demanda local, enfatizando a supremacia da raça ariana em oposição às minorias. Em 1927, acadêmicos fundaram em Berlim o Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia – que teve entre seus membros mais famosos um médico nazista que viria a passar uma temporada no Brasil e morreria em Bertiooga (SP): Josef Mengele, o “anjo da morte”.

Mas foi o diretor do instituto, Eugen Fischer, quem surgiu como uma celebridade científica na época, promovendo a ciência racial. Anos antes, em 1913, ele já tinha publicado o primeiro de seus “estudos bastardos”, analisando filhos de homens holandeses com mulheres africanas. Com mensurações do corpo e avaliações de ancestralidade, sua conclusão foi a de que a mistura de raças diminuía a qualidade do material genético humano – e devia ser desestimulada a todo custo. Suas ideias influenciariam a legislação criminosa do governo nazista contra os judeus – e o próprio Hitler o nomearia reitor de universidade em Berlim.

Mas não foram só os judeus que pensaram por conta das teses de Fischer. Como um ensaio para o que viria a ser o Holocausto, os alemães começaram a aplicar a eugenia negativa – a que devia impedir que seres inferiores se reproduzissem – em cobaias humanas da população em geral. Desde 1934, foram esterilizados mais de 350 mil alemães – homens e mulheres. E entre 1940 e 1941 o Terceiro Reich mandou mais de 70 mil alemães arianos com deficiências físicas e mentais para câmaras de gás. Mas ainda podia ter sido pior.

Se não fosse a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, esse número de mortos e esterilizados seria absurdamente mais expressivo. Em 1941, os estatísticos Siegfried Koller e Heinrich Kranz calcularam que aproximadamente 1,6 milhão de alemães “incapacitados para a vida em comunidade” deveriam ser submetidos a um “tratamento especial”. O objetivo era manter os corpos do povo alemão livres de impurezas. A dupla chamou esses supostos incapazes de “bolcheviques biológicos” e incluiu nesse grupo os “traidores do Estado” (pessoas que haviam cometido o crime de fazer sexo com alguém de outra etnia), mulheres que praticaram abortos, ninfomaníacas, viciados em drogas, alcoólatras e prostitutas. Na verdade, bastava ter qualquer defeito congênito para acabar na fila de esterilização. Não eram perdoadas nem deformidades leves, como lábios leporinos e pés tortos.

Mas, como a humanidade logo viria a saber, os judeus continuavam entre os alvos preferenciais. Escrevendo para a revista *Mein Heimatland* (Minha terra natal), Eugen Fischer explicaria a essência do seu trabalho como cientista: “O mundo pensa que estamos combatendo os judeus só para nos livrar de uma concorrência financeira e intelectual. Ao contrário, nossa luta é para salvar a raça que criou o espírito germânico e limpá-la dos

elementos estrangeiros e racialmente discrepantes, que ameaçam desviar nosso desenvolvimento espiritual para outras direções. As consequências serão duras, na verdade terríveis para muitos indivíduos honrados. Mas haverá algum sacrifício grande demais para salvar um povo inteiro?”.

Nem é preciso ler nas entrelinhas, já que Fischer logo de cara tenta negar os motivos reais por trás da ciência racial. Com ela, a matança de judeus não tinha mais de ser explicada no contexto religioso, político ou como reação ao sucesso alheio. “A categorização da raça permitiu aos alemães ignorar ou negar todas as coisas boas que os judeus poderiam ter feito como cidadãos bem-educados, empreendedores inteligentes, artistas, cientistas, colegas de trabalho ou proprietários da loja da esquina”, explica o historiador Götz Aly.

Com a popularização dos estudos lançados décadas antes pelo primo de Darwin, o alemão antissemita não precisava mais se sentir diminuído pelo sucesso do concorrente judeu. Por mais que este último tivesse dinheiro, um negócio bem-sucedido ou fosse mais culto, agora estava “cientificamente provado” que ele era de uma “raça inferior”. Pois ninguém é mais elevado que o homem ariano – esse arquétipo do ideal grego de beleza e sabedoria. Ainda que se tratasse de um operário semianalfabeto e com barriga de cerveja.

NOVA ORDEM, NOVAS LEIS

OK, a inveja econômica agora se somava à base teórica da ciência racial. Mas faltava ainda uma ação de governo que, inspirada nesses dois fatores, transformasse em lei o que os antissemitas estavam loucos para ouvir: judeu bem de vida é uma ilegalidade contrária ao bem-estar do povo alemão. Götz Aly explica que, por um lado, todas as associações e partidos antissemitas que apareceram na Alemanha desde 1880 já lutavam pelo protecionismo econômico. Todos exigiam “justiça e igualdade de condições” para a maioria cristã. Mas foi só nos anos 1930, com a ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) ao poder, que essa equação ficou completa. A partir dali, por meio de uma sucessão de novas leis restritivas, ser judeu bem-empregado ou dono de negócio passava a ser crime.

A norma que tirou milhares de judeus alemães de seus empregos públicos em 1933 foi chamada de Lei para a Restauração do Serviço Civil Profissional. Em 1937 viria o dispositivo que permitia a expropriação dos bens e propriedades dos judeus, com o inacreditável nome de Lei da Compensação por Danos Feitos ao Império Alemão pelos Judeus. Já um decreto de 1938 sentenciava os judeus a uma punição coletiva de 1 bilhão de marcos alemães: era o Decreto a Respeito do Pagamento Compensatório pelos Judeus de Nacionalidade Alemã.

Era mais que *Schadenfreude* – aquela alegria interna de ver a pessoa invejada se dar mal. Era ganhar na loteria com o bilhete pago pelos outros. Os judeus passaram a ser tirados de suas casas para serem encaminhados a algum gueto, onde deveriam se espremer com outras famílias, geralmente no mesmo cômodo. Isso liberava as casas e apartamentos dos judeus no mercado, colocando imóveis de primeira linha à disposição dos alemães a preços baixos. Sem falar que as casas já vinham mobiliadas.

O fato é que, ao permitir que os alemães tivessem lucros materiais com a expropriação dos judeus, os nazistas compravam a cumplicidade – ou no mínimo o silêncio – de quem não era antissemita.

Ainda em 1933, demissões em massa de professores judeus resultaram em contratações, igualmente em massa, de candidatos não judeus que esperavam por vaga. E daí para frente isso virou padrão para qualquer atividade. Comerciantes gentios começaram a lucrar quando seus competidores judeus foram proibidos de ter negócio próprio. Empresários cristãos herdaram os contratos e os clientes da concorrência judia – assim como seus armazéns e depósitos.

No fim de 1935, havia 915 bancos privados na Alemanha, sendo que 345 eram propriedade de judeus – de novo: uma fatia vinda dos 4% da população controlava 38% dos bancos. Mas foi por pouco tempo, claro. Em 1939, ano do início da Segunda Guerra, todos já tinham sido absorvidos por instituições financeiras arianas.

O fato é que, apesar de os judeus serem minoria na população, o estudo e o sucesso profissional fizeram com que eles tivessem uma representação significativa na economia alemã. Quando os nazistas roubaram seus empregos e negócios, a maioria ariana recebeu no colo as conquistas econômicas dessa minoria. Um jogo sujo, mas extremamente rentável, que

deixou o governo de bem com todo mundo no país – todo mundo que fosse considerado ariano, claro.

BAYERN 7 x 1 HITLER

Acusar de antissemitismo todo o povo alemão daquele período que antecede a Segunda Guerra Mundial seria uma inverdade. Após o êxito nazista nas eleições para o *Reichstag* (o Parlamento) em 1930, a principal organização judia da época – a Associação Central de Cidadãos Alemães de Crença Judaica – afirmou que “seria errado igualar esses 61 milhões de eleitores [dos nazistas] a 61 milhões de antissemitas”. Mas a verdade é que a maioria não se opunha a que tirassem até a roupa do corpo dos judeus, por medo de se tornar *persona non grata* de um regime sanguinário, porque se lucrava com essas medidas ou ainda porque se achava que o enosco não era da sua conta. “Como em toda parte, na Alemanha nazista o povo se preocupava era com os problemas do dia a dia”, esclarece Richard Bessel, em seu livro *Nazismo e Guerra*. “Para muitos alemães, desde que não se opusessem ativamente ao regime, não fossem judeus nem membros de outros grupos perseguidos, os seis primeiros anos do governo nazista até o início da guerra pareceram bem positivos.”

Mas a história também tem relatos heroicos de quem se negou a ser cúmplice da expropriação e das demissões injustas – e pagou caro por isso. Um exemplo vem de um dos times de futebol mais tradicionais do planeta até hoje: o Bayern de Munique (que foi base da seleção campeã da Copa de 2014 – a dos 7x1 contra o Brasil).

Na virada da década de 1920 para a de 1930, o clube vinha se firmando no país a ponto de sagrar-se campeão nacional pela primeira vez em sua história em 1932 – quando o técnico, aliás, era judeu. Mas seu título seguinte só viria três décadas depois. Por quê? Porque o Bayern se opôs acintosamente aos desmandos nazistas.

Em 1933, o ministro da Educação da Alemanha baixou uma medida que expulsava membros da comunidade judaica de qualquer instituição estatal, educacional ou desportiva no país – passando seus cargos a cidadãos arianos. Muitos clubes de futebol, querendo ficar de bem com a ideologia

do novo governo, se anteciparam à data limite em que a lei passaria a valer. Menos o Bayern de Munique.

Dirigentes, atletas e grande parte dos torcedores mantiveram o apoio ao presidente do clube, o judeu Kurt Landauer, que permaneceu no cargo até o último minuto do último dia possível. Ele acabaria preso por resistência ao regime e mandado para o campo de concentração de Dachau. Mas, por ter servido o Exército, foi liberado em 1939 e se mandou para Genebra – de onde continuou a comandar o time. Apesar do enorme risco de uma retaliação, o Bayern até divulgava em suas publicações internas que Landauer ainda era o mandachuva do clube.

Se havia nazistas no Bayern? Claro que sim, como em todo lugar na Alemanha daquela década. Mas eles se concentravam no inexpressivo departamento de esqui, e não apitavam nada por lá. Era como se o pessoal do polo aquático quisesse mandar no Flamengo.

Em 1943, o Bayern viajou para disputar um amistoso na Suíça, e seu presidente aproveitou para um reencontro: foi conferir o jogo ao vivo entre os torcedores comuns. Em uma afronta que renderia ameaças graves da Gestapo, os jogadores do time responderam indo à beira do campo e aplaudindo o dirigente, que estava na arquibancada. Só repetindo: eles bateram palmas para um judeu recém-expulso do país pelo governo mais antissemita e homicida da Europa, enquanto a Segunda Guerra rolava a todo vapor.

Como os nazis não eram de levar desaforo para casa, o regime passou a apoiar o principal rival do Bayern, o 1860 München. A proteção vinha em forma de dinheiro, campos de treinamento de primeiro nível e facilidades exclusivas para a liberação de jogadores que precisariam cumprir serviço militar – justamente o contrário do que aconteceu com o clube de Landauer, tachado de “time judeu”. Aí já viu: que árbitro na Alemanha apitaria um pênalti em prol dos inimigos de Hitler? Pois é... O Bayern foi ficando cada vez mais à margem da sociedade – e dos investidores também. Sem dinheiro, teve de demitir todos os seus principais atletas. Uma crise que levaria décadas até ser superada.

Após a guerra, Landauer foi oficialmente recolocado na presidência do clube, e é até hoje o executivo com mais tempo na gestão do futebol do Bayern de Munique, sendo considerado o grande responsável por sua profissionalização. Ele não perdeu seu trabalho para um ariano, como

aconteceria a milhões de judeus daquele período. Mas viu a grande paixão da sua vida ser prejudicada por causa da sua religião.

Kurt Landauer morreu em 1961, poucos anos antes do seu “time judeu” voltar a ficar competitivo, e também campeão – com craques como Franz Beckenbauer e Gerd Müller –, até se tornar o que é ainda nos dias atuais: o mais vitorioso clube da história do futebol alemão.

Chupa, Hitler.

ÊXODO

De acordo com o censo de 1933, havia cerca de 500 mil judeus residindo na Alemanha naquele ano. Eram homens e mulheres tão alemães quanto seus vizinhos católicos e protestantes. Embora tivessem uma tradição religiosa e cultural diferente, viviam de acordo com as leis alemãs, pagavam impostos, tinham filhos alemães.

Após o Holocausto, os poucos judeus alemães que voltaram ao seu país – saindo do exílio, de esconderijos ou de campos de concentração – encontraram seus negócios e suas casas saqueados ou tomados por vizinhos e concorrentes, que nem consideravam a hipótese de uma devolução. O mesmo valia para outros países que tinham passado seus últimos anos sob o domínio nazista – Holanda, Dinamarca, Áustria... Na Polônia, por exemplo, houve o *pogrom* (massacre) cometido em 1946 por poloneses contra judeus que tentavam recuperar suas residências. Grande parte desses sobreviventes teve de ser acolhida por Campos para Deslocados de Guerra, estabelecidos pelas Forças Aliadas na Itália, na Áustria e na própria Alemanha. Era lá que ficavam esperando por um visto de imigração para recomeçar a vida pessoal e profissional em algum lugar distante (Estados Unidos, Canadá, Brasil...).

Com Estados Unidos e Grã-Bretanha batendo cabeça sobre o que fazer com aqueles 250 mil judeus europeus *em trânsito*, a espera se prolongou mais do que os Aliados previam. Até 1952, sete anos após o fim da guerra, ainda havia Campos de Deslocados funcionando.

INVEJINHA



A INVEJA DE CRACHÁ

Com estímulo à competição e distribuição de privilégios, a inveja ficou tão associada ao ambiente de trabalho quanto o cafezinho e o PowerPoint. Mas a ciência já descobriu o antídoto para seus efeitos antiprodutivos: a *happy hour*.

Quando estava no auge da carreira, a âncora de telejornal Alycia Lane virou protagonista de um escândalo nos Estados Unidos: Larry Mendte, seu parceiro de bancada em um noticiário da Filadélfia, foi pego usando e abusando da senha dos e-mails dela. Entre 2006 e 2008, ele arrumou tempo para ler mensagens da colega – só no último ano foram 537 e-mails lidos segundo as contas do FBI, que invadiu a casa do aprendiz de hacker e confiscou seu computador. Como se não bastasse a quebra de privacidade, Mendte explorou o conteúdo proibido para se transformar em fonte de tabloides, tornando públicos os e-mails mais pessoais e comprometedores

da jornalista – incluindo uma foto de biquíni que ela tinha mandado para um homem casado.

Mais do que uma fofoca irresponsável, a sabotagem era uma vingança íntima contra o sucesso da apresentadora. Bem mais nova que ele, Alycia Lane vinha se transformando na nova estrela do jornalismo do canal – e tinha o maior salário da dupla. “O meu papel estava sendo reduzido”, admitiu Mendte – que foi demitido, condenado a passar seis meses em prisão domiciliar e a prestar 250 horas de serviços comunitários.

Quebrar o sigilo sagrado dos e-mails de alguém pode até dar cadeia. Mas as relações de trabalho são infectadas por danos propositais entre indivíduos todo dia útil do mês – principalmente entre colegas que dividem a mesma linha horizontal no organograma. Esqueça as grandes conspirações engendradas por mentes criminosas, que inspiram *thrillers* e séries como *House of Cards*. A inveja mais sub-reptícia, em banho-maria, mas sistemática e às vezes generalizada, funciona sem dar bandeira. São pequenos boicotes, um comentário desabonador na hora do café, o corpo mole no projeto liderado pelo colega em ascensão... Tudo à vista de todos, sem tumulto, mas com influência na “pesquisa de clima” que as empresas promovem anualmente para medir a (in)satisfação dos funcionários.

Por que tanta mágoa nesses corações corporativos? Porque o escritório é o ambiente ideal para a reprodução e o contágio da inveja – parece até ter sido inventado para isso. Aumentos individuais de salário, promoções, bônus por atingimento de metas, privilégios exclusivos, intimidades com a alta direção, a mesa mais próxima da janela... A vida de crachá é uma competição injusta por natureza, que funciona por mérito, mas também por afinidade. E cria seu próprio portfólio de invejosos.

Segundo a doutora em Recursos Humanos Patrícia Amélia Tomei, autora de *Inveja nas Organizações*, é impossível evitar que as pessoas invejem no trabalho. O que há são tipos mais assintomáticos de inveja, e outros graves e explícitos. Dá para simplificar resumindo em três categorias:

Inveja sublimada: sou eu, você, a maioria das pessoas. Gente que, dependendo da ocasião, sente aquela invejinha, mas segura a onda ou, na pior das hipóteses, reprime o sentimento negativo. “O indivíduo admite seus limites e aproveita o talento dos outros”, resume Patrícia.

Inveja neurótica: aplicada ao deprimido da firma, o que sempre reclama e vive se torturando diante dos triunfos dos outros. Acaba envenenado pela

própria inveja, podendo até desenvolver um transtorno psiquiátrico. “Ele não tem necessariamente a aparência de um indivíduo invejoso, mas sim de um indivíduo neurótico.”

Inveja perversa: é desse perfil de profissional que você tem de manter uma distância segura. Ostensivamente invejoso, vive para bloquear a criatividade e o talento dos colegas. “Em todos os momentos, esses indivíduos preferem a destruição dos outros ao seu próprio crescimento. Em outras palavras, são os psicopatas corporativos, aqueles que puxam tapetes sem sentir culpa pela queda alheia, só satisfação.”

Segundo a autora, mesmo que houvesse na empresa uma análise de performance imune a erros, os que ficam para trás sempre vão se perguntar (ou perguntar entre si, no intervalo dos fumantes): “por que sempre ele?”. Tanto que isso se tornou questão de RH dentro das companhias, que já realizam discussões sobre inveja em seus treinamentos para desenvolvimento de lideranças. Porque elas sabem: no fim, é a empresa que paga a conta.

É o que demonstrou em 2010 um estudo da Penn State University (EUA) com 233 funcionários de hotel que lidam com público². A pesquisa revelou que em cada quatro casos de falta de cooperação nessa área se dá por inveja – provocada principalmente (41%) pela diferença com que os chefes tratam cada funcionário. E isso não é só uma ameaça aos invejados: esse “braço curto” tem reflexo direto no atendimento aos hóspedes – o que é crítico em um ramo em que a diferenciação pode vir de um bombom em cima do travesseiro ou de uma oferta de serviço que vá além do combinado. “Os hóspedes geralmente esperam que os funcionários façam algo além de seus deveres do cargo, como preparar uma xícara de café quando o restaurante já fechou”, explica John O’Neill, professor do curso de gestão da hospitalidade da Penn State. “Mas os profissionais mais invejosos são menos dispostos a fazer esse trabalho adicional.”

Mas se invejar é algo tão comum no escritório quanto contar os dias para as férias, como impedir que o sentimento tenha consequências no balanço anual da empresa? A saída, segundo um estudo da University of British Columbia, do Canadá, é estimular o espírito de equipe¹⁰. A pesquisa ouviu 160 funcionários de um hospital do centro-oeste norte-americano. Na primeira etapa, os pesquisadores avaliaram as reações dos participantes –

positivas ou negativas – a frases relacionadas à inveja, ao entrosamento com os colegas e a como cada um encara atos subversivos no hospital. Depois de oito meses, as mesmas pessoas foram questionadas sobre atividades para sabotar o trabalho alheio. A conclusão foi que invejosos têm uma tendência maior de prejudicar alguém quando não se sentem parte da equipe. Já os invejosos mais enturmados e bem-aceitos entre os colegas ficam menos dispostos a sabotar, mesmo que, por dentro, se mordam de ciúme pelo sucesso alheio.

Por mais que não deixem de ver injustiça em todo canto, rancorosos que almoçam juntos prejudicam menos a empresa. Em um hipotético MBA de Gestão da Inveja nas Organizações, haveria disciplinas voltadas para o estímulo à formação desse entrosamento. Sugestões? “*Happy hour*: o que se fala no boteco não se repete na firma” ou “Futebol *society* de segunda à noite: um tutorial”.

[9](#) John O’Neill. *Envious Employees Can Turn Hospitality Industry Hostile*. Penn State University, 2010.

[10](#) Michelle Duffy, Kristin Scott, Jason Shaw, Bennett Tepper e Karl Aquino. A Social Context Model of Envy and Social Undermining. *Academy of Management Journal*, 2012.



MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA

Dá para ter em casa uma coleção só de filmes pautados pela inveja: ...

E o Vento Levou, Branca de Neve, A Malvada, Seven. Mas tanto ressentimento e olho gordo não ficam só nos roteiros: por trás das câmeras, a vida imita a arte. A arte de fazer sacanagem.

"A indignação moral é, na maioria dos casos, 2% moral, 48% indignação e 50% inveja."

Vittorio De Sica, cineasta italiano

Quando, na França, os irmãos Auguste e Louis Lumière adaptaram o mecanismo das máquinas de costura para girar o filme de rolo criado pelo americano George Eastman, sem saber estavam inventando a melhor ferramenta de propaganda dos sete pecados capitais. Mesmo na infância do cinema, naquele fim de século XIX, as cenas logo passariam dos registros prosaicos – funcionários saindo de uma fábrica ou um trem em movimento – para o primeiro *striptease* filmado, em *Le Coucher de la Marie* (1896), e a bunda pioneira, em *Après Le Bal* (1897) – ambos à disposição no YouTube. Pouco depois, em 1912, o italiano Mario Caserini colocaria uma cobra deslizando no plano de abertura de seu filme *La Mala Pianta*, fazendo com que o cinema adotasse a simbologia – no caso, do pecado original – em seu caminho para a expressão artística e a comoção popular. E com um poder de encantamento insuperável.

Do mesmo jeito que faz com que todo fã de Stallone sonhe um dia subir correndo os 72 degraus que dão para o Museu de Arte da Filadélfia – cena do filme *Rocky, Um Lutador* –, o cinema também influencia comportamentos relacionados à lista de pecados capitais, como a luxúria. Um estudo de 2012 feito pela Dartmouth College, nos Estados Unidos, comprovou uma tese polêmica: assistir na adolescência a filmes com alto teor de sexo interfere, sim, nos hábitos sexuais da pessoa¹¹ – para o resto da vida. Os pesquisadores abordaram participantes de 12 a 14 anos, e voltaram a falar com eles seis anos depois. Conclusão: os *teens* que viam filmes picantes começaram a transar mais cedo, tiveram mais parceiros de cama e – opa! – não ligavam muito para o uso da camisinha. Não parece coincidência que, na seleção de filmes pesquisados – e só entraram os que tivessem de um beijo *roto-rooter* até penetração –, quase nenhum mencionasse a existência de preservativos na hora H.

Ok, adolescente + muito filme de sexo desenfreado = adulto a fim de sexo desenfreado. Mas o cinema é capaz de influenciar atitudes mesmo quando o filme não tem nada a ver com o vício em questão. Gula, por exemplo, é um excesso associado não a filmes de ratinhos fofos que cozinham como chefs franceses, mas sim aos filmes de ação e bombardeios do Michael Bay – o diretor por trás de megaproduções barulhentas do naipe de *Transformers*, *Pearl Harbor* e *Armageddon*. Esses filmes induzem seus espectadores a comer mais, mesmo sem ter comida em destaque no *script*. É o que apontou uma pesquisa da Cornell University, também nos Estados Unidos¹². O estudo dividiu estudantes em grupos, todos munidos de *junk food*. E cada grupo assistiu a um vídeo de 20 minutos: podia ser um *talk show* (*The Charlie Rose Show*) ou um trecho de *A Ilha* (2005), ficção científica do diretor americano cheia de correria e carros capotando. Os alunos que viram o filme mandaram para dentro 65% mais calorias do que quem viu o programa de entrevistas. Embora seja objeto de um estudo posterior, os pesquisadores acreditam que a comilança tenha a ver com o ritmo frenético dos filmes de ação, que aumentariam a impulsividade. *A Ilha* tem 24,7 cortes de câmera por minuto, enquanto o *talk show* assistido tinha só 4,8.

E a inveja? Bom, filmes e personagens não causam inveja. Ninguém inveja a coragem do Indiana Jones ou a simpatia da Bridget Jones. A gente inveja o parente bem-sucedido, o primo bom de cantada, a amiga linda. Mas a inveja sempre foi, naturalmente, um dos melhores motores para o cinema. Dos primeiros filmes em preto e branco aos novos clássicos do século XXI, personagens invejosos fizeram algumas das maiores obras da cinematografia mundial.

Para que você tenha uma experiência multimídia ao ler este livro, pode alternar a leitura com sessões de filmes em que a inveja tem papel principal ou, no mínimo, é coadjuvante de luxo. Dá até para montar uma coleção só com clássicos desse subgênero que acabamos de inventar. Eu já montei a minha. E incluí os filmes descritos a seguir.

Ah, importante você saber: para falar de inveja no contexto das tramas, é impossível não revelar alguns finais e reviravoltas. Ou seja: cuidado, as próximas páginas estão cheias de *spoilers*. Agora desligue seu celular, não chute a poltrona da frente e boa sessão.

Branca de Neve e os Sete Anões

Snow White and the Seven Dwarfs (1937)

Direção: William Cottrell, David Hand, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen

Quem faz uma pergunta como “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” só pode mesmo ser uma invejosa em potencial – porque sempre vai existir alguém mais bonita. E não dá outra: a pergunta é o estopim da perseguição da Rainha Má à rival Branca de Neve, que levou milhões ao cinema, elevou a animação ao *status* de obra de arte – empolgando até o cineasta russo Eisenstein – e ainda consolidou a Disney como uma potência econômica. De alguma forma, a inveja contra Branca de Neve tem participação na compra da franquia *Star Wars* pelos estúdios do Mickey.

A inveja da madrasta já existia no conto dos irmãos Grimm, no qual o filme é baseado, mas há diferenças importantes em relação ao desenho. A principal é um anticlímax: no texto dos alemães, o que faz Branca de Neve despertar do feitiço da bruxa não é o efeito terapêutico de um beijo de amor verdadeiro. Quando a moça em coma é carregada pelos servos do príncipe, rumo ao castelo dele, um dos empregados tropeça em uma raiz de árvore. Aí o caixão de vidro balança e a moça dos cabelos de ébano cospe o pedaço de maçã envenenada – que ela mordeu, mas não engoliu.

A Malvada

All About Eve (1950)

Direção: Joseph L. Mankiewicz

Típica construção de roteiro para abrir caminho a um personagem invejoso é aquela que o coloca primeiro como um subalterno dedicado, um braço-direito, ou então um fã ou melhor amigo. Em todos os casos, uma testemunha privilegiada das glórias do outro. Eve (Anne Baxter), a malvada do título, é tudo isso ao mesmo tempo. Sua personalidade misteriosa já se insinua na primeira cena, quando surge da escuridão de um beco afirmando ser admiradora da diva do teatro Margo Channing (Bette Davis). De fã número um ela passa a assistente da atriz e, aos poucos, manifesta o desejo de ser também ela uma estrela. O conflito pega quando todos ao redor começam a notar que esse “aos poucos” é apenas parte de um projeto

pessoal de roubar tudo o que é da outra: seu papel em uma peça, seus amigos, seu namorado... sua vida.

Margo, por sua vez, já quarentona e insegura em uma carreira em que a idade reduz o protagonismo, se incomoda com a juventude cheia de sorrisos da amiga/inimiga, mas não faz questão de esconder a inveja. “Digamos que eu tenha sido um pouco sensível demais pelo fato dela ser tão jovem, feminina e desamparada, coisas que eu queria ser...”

Uma das atrizes mais glamorosas de Hollywood, Bette Davis ficou conhecida pelo cigarro inseparável e o olhar caído – que virou canção de sucesso nos anos 1980: “Bette Davis Eyes”. Também foi indicada ao Oscar por cinco anos seguidos (de 1939 a 1943) e levou duas estatuetas para casa. Mas nenhuma pelos dois melhores trabalhos de sua carreira – justamente produções que têm a inveja como fio condutor: este *A Malvada* e *O que Aconteceu com Baby Jane?* (Sobre o qual você lê mais para o fim deste capítulo.)

A Malvada é até hoje, junto com *Titanic*, o filme que mais recebeu indicações ao Oscar: 14 ao total, dos quais faturou seis, incluindo melhor filme, direção e roteiro. Baseado em um conto publicado na revista *Cosmopolitan*, é um retrato sombrio do arrivismo existente no *show business*, narrado do ponto de vista dos próprios personagens. E tem uma pérola escondida, uma das primeiras atuações marcantes de uma atriz que ainda seria muito invejada, fazendo uma ponta inesquecível na pele de modelo-e-atriz periguetete: a invejável Marilyn Monroe.

Othello

Othello (1952)

Direção: Orson Welles

Desde um curta-metragem mudo de 1906, há dúzias de adaptações desta obra de William Shakespeare para o cinema e para a TV. A versão *film noir* de Welles é a melhor – e ganhou a Palma de Ouro em Cannes. Fiel ao texto da peça, fala de como a trama maquiavélica de Iago, o personagem mais invejoso da história do teatro, fez com que o general mouro Otelo matasse a própria esposa Desdêmona por ciúme.

Orson Welles aceitou fazer pontas como ator em produções de segunda classe só para juntar o dinheiro para filmar *Othello* – uma obsessão para ele. E mesmo assim teve problemas: cada vez que o dinheiro minguava, ele

interrompia as filmagens, que demoraram três anos para terminar. A miséria era tanta que uma cena importante foi gravada em um banho turco com os atores vestindo apenas toalhas – só porque o orçamento não foi suficiente para os figurinos.

Vidas Amargas

East of Eden (1955)

Direção: Elia Kazan

É o primeiro filme de um dos maiores ícones do cinema (e o único a ser lançado enquanto ele ainda estava vivo): James Dean – que morreria precocemente, espatifando seu Porsche Spyder com apenas três filmes na bagagem.

Vidas Amargas recria o mito bíblico de Caim e Abel, transpondo-o para as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Quando Cal (Dean) é questionado pelo pai sobre onde estaria seu irmão – que o invejoso levou ao desespero ao revelar que a mãe virou prostituta –, ele responde com uma citação do próprio Caim na *Bíblia*: “acaso serei eu o guarda de meu irmão?”.

O Sol por Testemunha

Plein Soleil (1960)

Direção: René Clément

Adaptação francesa para o romance *O Talentoso Ripley*, traz Alain Delon no papel de um dos grandes personagens amorais e cheios de inveja da literatura: o mentiroso profissional Tom Ripley, um anti-herói sem caráter que aparece em cinco livros da texana Patricia Highsmith.

Aqui, Ripley é contratado pelo pai de um playboy farrista para convencer o filho a voltar de suas férias intermináveis na Riviera Italiana. Mas Ripley se encanta com a vida boa de Philippe: seu dandismo, seu veleiro, sua namorada e, claro, seu dinheiro. Então, mata o amigo e assume sua identidade – e sua conta bancária.

O Vingador dos Mares

Billy Budd (1962)

Direção: Peter Ustinov

Adaptação do romance náutico de Herman Melville, o mesmo autor de *Moby Dick*, este filme é um drama ético, que tem um personagem invejoso

diretamente envolvido em uma tragédia. A trama propõe ao espectador uma questão atemporal: a lei e a justiça falam a mesma língua?

Nos mares do século XVIII, Billy Budd (Terence Stamp) é um marinheiro forçado a deixar seu barco mercante para se juntar a um navio inglês de guerra. Loiro, bonito e com uma simpatia e bondade genuínas, Billy logo conquista todos – desde os lobos do mar mais brigões até o capitão do navio. Todos, menos um: o contramestre John Claggart (Robert Ryan).

Na descrição feita por Melville, Billy Budd é a encarnação de um querubim: sua beleza física é a tradução exata de sua personalidade angelical. Já Claggart é quase um símbolo mefistofélico: usa da autoridade para atazanar a vida da tripulação e sente um prazer voluptuoso ao comandar sessões de chicotadas. “A maldade em Claggart é algo que a teoria comportamental não consegue explicar. O mal reside na própria essência do personagem, muito independente do mundo ao redor dele”, definiu Helmut Schoeck, autor de *Envy*.

Não demora muito para que o sucesso de Billy cause inveja no contramestre. Afinal, até então, ele era a figura mais popular do navio – ainda que no sentido de “falem mal, mas falem de mim”. Como não consegue achar nada que leve o marujo novato ao chicote, Claggart apela logo para a mentira. E passa do ponto.

Numa reunião privada, o contramestre acusa Billy Budd de liderar uma conspiração que levará a um motim – crime a ser punido com a força. Será? Ninguém acredita. Ainda assim, Billy é chamado para uma acareação. Só que na hora de se explicar ele trava. Literalmente. É que o personagem tem um distúrbio psicológico, talvez seu único defeito: quando está diante de situações extremas, ele fica ga... ga... gago. E aí, sem conseguir falar, completamente atormentado, Billy se defende não com um desmentido, mas com um soco. E um soco fatal: Claggart cai morto.

É a partir desse clímax que vemos uma sequência ainda mais interessante do filme: o capitão do navio reúne seus três oficiais para julgar o crime de Billy Budd. E até parece coisa fácil: todos concordam que os atenuantes – a acusação injusta somada à gagueira – estão a favor do réu. Além disso, é evidente que, enquanto Claggart era uma presença maligna no navio, Billy era um anjo. E não se condenam anjos à força.

O veredito a favor da inocência está quase decidido quando o capitão pede a palavra. Apesar de igualmente convicto da pureza de caráter de

Billy, ele lembra que a lei da Marinha é inflexível. Só o soco em um superior já seria motivo para enforcamento. O assassinato, então... Para a tristeza dos oficiais, prevalece o argumento do chefe: o dever público é superior à consciência.

Billy Budd é condenado à forca, uma tragédia que se estenderá ao navio inteiro. Mas sua verdadeira condenação vem de antes, da própria beleza e carisma que são iscas irresistíveis da inveja. Como diz o capitão, referindo-se à postura do contramestre: “Há alguns homens que não aguentam muita perfeição. Eles a veem como uma doença que deve ser eliminada pela raiz”.

Longa Jornada Noite Adentro

Long Day's Journey into Night (1962)

Direção: Sidney Lumet

Baseada na peça autobiográfica do dramaturgo Eugene O'Neill, vencedora do prêmio Pulitzer, conta a história de uma família disfuncional, em que a mãe (Katharine Hepburn) é viciada em drogas, o pai e o filho mais velho são atores fracassados e o caçula sofre de tuberculose.

Além de o filme ser um dos melhores teatros filmados das telas, tem uma cena de confissão rara entre invejosos: no meio de uma bebedeira, o primogênito (Jason Robards) olha nos olhos do mais novo e admite a coisa toda. “Olha, garoto, você vai embora logo, posso não ter outra chance de falar com você ou mesmo de ficar bêbado o suficiente para lhe contar a verdade. Não é papo de bebum. *In vino veritas*. Eu quero lhe alertar... Sobre mim. Nossos pais têm razão, sou má influência. Mas é pior do que isso: sempre fiz de propósito. Fiz de propósito para você virar um vagabundo. Uma parte de mim quis isso. A parte que está morta faz tempo, que odeia a vida. (...) Eu dizia que trabalho era coisa de otário porque nunca quis que você progredisse. Porque eu pareceria ainda pior na comparação. Eu queria é que você fracassasse. Tenho inveja de você, seu filhinho de mamãe, coisinha linda do papai... Não posso evitar odiar você.”

O Rei da Comédia

The King of Comedy (1982)

Direção: Martin Scorsese

Quem gosta de *The Big Bang Theory* vai reconhecer neste filme uma das *gags* mais divertidas da série: Rupert Pupkin (Robert De Niro) só se comunica com a mãe por berros malcriados entre cômodos distantes da casa – e ela nunca aparece. Mas Rupert é um zé-ninguém mais patético que o Howard da *sitcom*: pelo menos Howard vira astronauta.

Em *O Rei da Comédia*, um filme tão engraçado quanto amargo, o culto à celebridade é levado às últimas consequências – como se os tais 15 minutos de fama warholianos fossem a única meta possível na vida. Rupert é um comediante amador de *stand-up* que vive a fantasia de ter seu próprio programa de TV. Para isso, vira um carrapato na perseguição diária a Jerry Langford (Jerry Lewis), um apresentador de *talk show*.

Vivendo entre a realidade e o delírio esquizofrênico, Rupert quer superar seu ídolo a qualquer custo, nem que para isso seja preciso acabar com a raça do artista... “Vou trabalhar 50 vezes mais, e aí vou ser 50 vezes mais famoso que você!” Então, com a ajuda de uma fã maluca que deseja uma noite de amor com Jerry, Rupert consegue sequestrá-lo. O valor do resgate? Uma participação especial no programa. “Melhor ser rei por uma noite que ser um babaca a vida inteira”, filosofa o humorista-sequestrador.

Seven – Os Sete Crimes Capitais

Se7en (1995)

Direção: David Fincher

Brad Pitt e Morgan Freeman formam a dupla clássica de policiais que não se bicam, mas têm de investigar juntos os crimes de um *serial killer* – cujas vítimas seriam culpadas por cada um dos pecados da lista da Igreja. Um guloso é obrigado a comer espaguete até morrer. Um preguiçoso é amarrado a uma cama por um ano, definhando.

Num final aterrorizante, o psicopata interpretado por Kevin Spacey esquematiza a própria morte, já que – lá no fundo de sua mente perturbada – se considera culpado também... De inveja. No caso, inveja a vida de casado do detetive Mills (Pitt). Então, ele decepa a cabeça da esposa do policial para atizar Mills a puni-lo por seu pecado.

Alta Fidelidade

High Fidelity (2000)

Direção: Stephen Frears

A peça *A Vida é Cheia de Som e Fúria* chamou a atenção do público brasileiro, em 2000, para o talento do diretor Felipe Hirsch, então à frente da Sutil Companhia, um grupo teatral curitibano. Era comovente a parte em que o protagonista se lembra das mulheres do seu passado, com belas projeções de vídeo e a canção “Junk”, do início da fase solo de Paul McCartney. Aliás, a peça inteira era boa, o que levou grande parte de seus espectadores (como o autor deste livro) à obra que lhe serviu de base: *Alta Fidelidade*, primeiro grande sucesso do escritor inglês Nick Hornby.

Quando foi lançado, em 1995, o livro se tornou um clássico instantâneo: o *I Ching* da geração com pouco mais de 30 anos que teve suas escolhas pessoais, relacionamentos e empregos influenciados pela ligação com a música pop. Uma influência que, no caso do personagem principal do livro, o leva a dar de ombros a uma carreira e abrir um negócio jurássico: uma loja de discos de vinil – coisa que hoje, 20 anos depois, ganhou uma aura *cool*, mas essa é outra história.

A trama: ao levar um pé na bunda da namorada, Rob Fleming (no filme, Rob Gordon) elege o *top 5* de seus términos de namoro mais memoráveis, “aqueles que eu levaria para uma ilha deserta”. Então vai atrás das ex-mulheres de sua vida, para entender o que deu errado – ao mesmo tempo em que descobre que Laura, a responsável pela fossa, já está de caso com outro. E pior: é o vizinho do andar de cima.

A história – e principalmente o jeito de Nick Hornby contá-la – fez tanto sucesso que ganhou uma adaptação para o cinema em 2000, com Stephen Frears na direção e John Cusack no papel principal. Embora não chegue perto do brilho do livro, nem seja tão eficiente quanto a peça montada no Brasil, vale duas horas de atenção. Tudo por causa da personalidade invejosa de Rob.

Apesar de ser o herói do filme, um sujeito que você gostaria de ter como amigo – nem que só para ficar comparando seus gostos musicais com os dele –, Rob é um cara que gosta de ser o coitado em qualquer situação. E parece que alimenta sua própria lenda pessoal invejando quem é mais bem-sucedido que ele. A começar por Laura, que ao longo do relacionamento dos dois foi se tornando uma advogada de sucesso – e tem isso jogado na cara por Rob, como se fosse uma traição se dar bem na carreira. Em outra cena, um jantar entre os amigos sofisticados de uma ex-namorada mais antiga, Rob ajuda o espectador a entender sua essência em um diálogo que, se você

pensar bem, é de dar dó: “Claro que a inveja existe. Por que a vida não é assim? [Se referindo aos bacanas que o rodeiam]. É lógico que eu quero ter dinheiro, roupas, empregos e opiniões como as deles.”

E, claro, há Ian, o novo namorado de Laura. Rob já sentia uma ponta de inveja do vizinho quando, ainda com ela, ficavam ouvindo os ruídos escandalosos das relações sexuais no andar de cima – Ian dava a impressão de ser um samurai do sexo. Quando Rob descobre que é com ele que Laura foi lambar as feridas, a notícia dispara um dos mecanismos básicos do cérebro invejoso: tornar superlativos os feitos do rival. Sozinho em casa, Rob imagina Laura participando de um *Kama Sutra* em par com um maratonista – enquanto ele não costuma passar dos 100 metros rasos.

Curiosamente, o filme não mostra uma passagem do livro que sintetiza muito bem a inveja de Rob. Do *top 5* dos rompimentos, há um que não aparece. É quando ele fala de um casal de amigos que namoravam desde a pré-adolescência até o início da faculdade. “Os dois eram nosso casal de ouro, nossos Paul e Linda, nossos Newman e Woodward, prova viva de que, em um mundo cético e volúvel, ainda era possível crescer, ou ao menos ficar mais velho, sem andar pulando de galho em galho a cada semana.”

Pois Rob se esforça para terminar o namoro do casal-maravilha. Aproveitando-se de um momento de fragilidade no relacionamento dos dois, conquista a garota, assumindo provisoriamente o lugar do amigo (ex-amigo). “Não tenho muita certeza de por que eu quis foder com tudo.”

Amor por Contrato

The Joneses (2009)

Direção: Derrick Borte

Apesar da dupla de protagonistas celebridades formada por Demi Moore e David Duchovny, dificilmente você encontrará *Amor por Contrato* em outra antologia do cinema. Mas nesta filmografia particular a produção tem cadeira cativa por ser um verdadeiro tratado sobre um dos tipos mais clássicos de inveja: a que existe entre vizinhos.

A chegada dos Jones a um bairro novo é mais que impressionante: tem o efeito de uma bala de borracha no peito. Eles são a família mais-que-perfeita: bonita – mais que bonita, sexy –, rica, inteligente e muito, muito carismática. Seria a tradução mais fiel do sonho americano realizado. Isso se fosse de verdade.

Porque o clã formado por Steve e Kate (David e Demi) e os filhos adolescentes mal se conhece. Eles foram reunidos por uma empresa para se fingir de família ideal e, provocando inveja nos vizinhos, impulsionar as vendas de uma série de produtos. Os produtos que a família perfeita usaria. Steve mostra aos novos amigos as possibilidades de seu taco de golfe exclusivo, que melhora a tacada de qualquer um. Kate impressiona as vizinhas em uma festa com uma nova linha de alimentos congelados. A filha divulga cosméticos, o filho, skates e games. Eles têm a melhor casa, o melhor carro, os melhores móveis. Tudo merchandising. O drama se instala quando um casal de vizinhos, querendo chegar ao nível estelar dos Jones, gasta mais do que pode, chega ao fim do poço do cheque especial e caminha rumo a uma catástrofe: o suicídio.

Exagero da ficção? Nem tanto. Um estudo da Paris School of Economics mostrou que pessoas que comparam seus rendimentos com seus amigos e parentes são duas vezes mais infelizes que aquelas que só invejam o colega de trabalho¹³. Afinal, é factível você subir na empresa e empatar com o outro. Mas igualar o status de vizinhos e parentes, que têm carreiras e históricos de vida completamente diversos, é bem mais complicado.

E tem mais: uma pesquisa da Universidade de Chicago mostrou que ter sentimentos de inveja e inadequação em relação a vizinhos e amigos pode acabar com a saúde da pessoa que os sente¹⁴. Os na ponta de baixo têm maior tendência a problemas cardíacos, enquanto os de cima têm menor incidência de diabetes, úlcera e pressão alta. “O principal mecanismo fisiológico é o estresse crônico induzido pelas comparações sociais do dia a dia, nas quais o indivíduo se vê como o menos afortunado”, conclui o estudo. Do ponto de vista do bem-estar físico, vale mais ser um príncipe entre os remediados que o menos rico da turma *VIP*.

ANTES E DEPOIS DA CLAQUETE

Dois clássicos do cinema. Dois exemplos em que a inveja do roteiro era bolinho perto da rixa entre suas atrizes na vida real.

O que Aconteceu com Baby Jane?

What Ever Happened to Baby Jane? (1962)

Direção: Robert Aldrich

Assim como *A Malvada*, este *O que Aconteceu com Baby Jane?* é outra produção sobre as cicatrizes do estrelato – e o último grande filme das carreiras tanto de Bette Davis quanto de Joan Crawford. As duas interpretam irmãs rivais que foram artistas de sucesso em fases distintas da carreira: Baby Jane (Davis) foi uma criança prodígio, artista-mirim tão popular que seu pai faturava vendendo uma boneca bizarra, com o mesmo tamanho da filha. Já Blanche (Crawford) invejava o sucesso da irmã e prometeu a si mesma ser mais famosa que ela. E conseguiu: enquanto a fama precoce da primeira vai para o ralo, a outra se torna a namoradinha de Hollywood. Mas por pouco tempo, porque Baby Jane atropela Blanche de propósito, deixando-a paraplégica e acabando com sua carreira.

E isso é só o prólogo do filme! O que importa mesmo acontece décadas mais à frente, quando as duas estão na meia-idade. É aí que uma Baby Jane com um evidente desequilíbrio mental, ainda apegada ao efêmero sucesso infantil, fica responsável por cuidar da irmã inválida. Mas não com o carinho das arrependidas: ela culpa a irmã pelo próprio fracasso e a aterroriza com maus-tratos e um clima permanente de ameaça e tensão. Joga fora as cartas de fãs que ainda escrevem para Blanche, mata seu passarinho, coloca um rato na sua comida e, acredite, faz coisas piores.

Excessivamente maquiada, a figura de Bette Davis no filme é a representação do quadro grotesco formado pela inveja entre irmãs – resultando em um drama psicológico que não ficou datado mais de 50 anos depois. Mas o mais interessante é que as performances das duas atrizes não foram só fruto de um talento nato: o ódio mútuo ia além da hora em que o diretor gritava “corta!”. Não faltou autenticidade.

A rixa invejosa entre Bette Davis e Joan Crawford na vida real foi uma das mais lendárias da história de Hollywood – o que torna incrível que ambas topassem trabalhar no mesmo filme. Uma não suportava o sucesso da outra. Davis chegou a espalhar que Crawford havia transado com todo mundo do sexo masculino na classe artística, com a possível exceção de Lassie (o astro canino de uma série de filmes juvenis). Nos bastidores de *Baby Jane*, Davis mandou instalar uma máquina de vender Coca-Cola só para provocar a rival, que era casada com o CEO da Pepsi. A vingança de Crawford foi esconder pesos na própria roupa, para que Davis sofresse durante uma cena em que precisa arrastar o corpo da irmã pelo chão.

“Graças a Deus não tivemos de fazer papéis em que uma gostasse da outra”, admitiu Bette Davis mais tarde.

... E o Vento Levou

Gone with the Wind (1939)

Direção: Victor Fleming, George Cukor (não creditado)

... *E o Vento Levou* é a principal referência de épico cinematográfico da história. E foi concebido meticulosamente para ser um *blockbuster* como nunca se vira – o que incluiu alto investimento em publicidade e uma superprodução megalomaniaca. Para você ter ideia, na cena em que há um incêndio em Atlanta, os produtores mandaram tocar fogo de verdade nos cenários que sobraram do filme *King Kong* – e as chamas foram tão intensas que os vizinhos congestionaram as linhas telefônicas achando que a MGM estivesse queimando toda. Além disso, para gravar um grandioso plano aberto mostrando 1.600 soldados deitados à beira da morte, a produção somou 800 bonecos humanoides aos 800 figurantes contratados – porque o sindicato não permitia que houvesse tantos extras trabalhando ali. Isso quase 80 anos atrás. Mas nem todo mundo concordava que o filme ia dar certo.

“Será o maior fiasco da história de Hollywood.” “Ainda bem que é o Clark Gable quem vai quebrar a cara.” Foi assim que o astro Gary Cooper, que não quis participar da produção, amaldiçoou ... *E o Vento Levou* antes da estreia. E ele não estava sozinho no mau agouro: o próprio Gable não sentia firmeza. Apesar de fazer o galã do filme, ele achou que o papel não fazia bem para a sua masculinidade: para ele, esse drama era uma história para mulheres – incompatível com sua imagem de machão. Não podia dar certo.

Como se sabe, Cooper e Gable erraram por muito. Os americanos fizeram fila para assistir ao romance da patricinha sulista Scarlett O’Hara com o aventureiro pragmático Rhett Butler em meio à queda dos confederados na Guerra de Secessão – a maior carnificina entre patrícios nos Estados Unidos. ... *E o Vento Levou* faturou oito estatuetas no Oscar, incluindo a de melhor filme (o primeiro colorido a vencer), e é até hoje a maior bilheteria do cinema de todos os tempos – deixando *Avatar* em uma distante segunda colocação.

Mas apostar contra esse sucesso todo não era uma completa falta de juízo. Em primeiro lugar porque o filme justifica como poucos o termo longa-metragem: tem quatro horas de duração. Também não ajuda o fato do seu diretor ter sido demitido e substituído no meio das filmagens. E mais: falta à história um dos elementos-chave de apelo popular – um final feliz. Pelo contrário, o casal se separa justamente no fim. Diante dos argumentos da esposa que finalmente dizia que o amava, a última fala de Rhett Butler em cena é: “Francamente, querida, estou pouco me lixando” – a melhor frase da história do cinema segundo o ranking do American Film Institute.

Além de tudo isso, havia o fator Scarlett. Em vez de garantir ingressos contratando uma estrela de Hollywood, o produtor todo-poderoso David O. Selznick preferiu apostar em uma atriz inglesa completamente desconhecida nos Estados Unidos: Vivian Leigh. E olhe que não foi por falta de candidatas americanas: 1.400 atrizes foram entrevistadas para o papel.

Mas pelo menos Scarlett O’Hara é uma heroína inspiradora, a mocinha de coração valente típica dos grandes épicos, certo? Mais ou menos. Apesar de demonstrar bravura em algumas situações, a personagem é uma mulher mimada, fútil, que passa o filme inteiro manipulando as pessoas. Ela só cai do salto diante do sucesso da rival mais improvável: Melanie Wilkes.

No estilo oposto ao de Scarlett, Melanie encanta todo mundo com seu jeito humilde e um altruísmo de Madre Teresa – qualidades que Scarlett secretamente inveja, mas que nunca conseguiria ter. “Ela é pálida, fingida e eu a odeio” é a primeira fala da personagem se referindo à rival no filme – e isso antes mesmo de Melanie se casar com o único homem que a protagonista quer de verdade, e não pode possuir: o vizinho Ashley.

Mas, enquanto nos fotogramas de ... *E o Vento Levou* a boazinha Melanie responde ao olho gordo de Scarlett com santidade, na vida real a atriz que a interpretou, Olivia de Havilland, tinha uma relação muito diferente com a inveja.

Ela e a também atriz Joan Fontaine mantiveram o maior caso de rivalidade invejosa entre irmãs dos bastidores do cinema – que veio desde o berço e durou até a morte de Joan em 2013, aos 96 anos. Inglesas, nascidas com apenas 15 meses de diferença, ainda crianças foram morar na Califórnia, porque a mãe achava que o clima ensolarado da costa oeste americana faria bem à saúde frágil de Joan, a caçula. Isso fixou em Olivia uma impressão de que a irmã fazia de tudo para aparecer mais do que ela,

inclusive fingir que estava doente. A revanche veio em forma de um *bullying* sério, em que valia até tentar quebrar a clavícula da mais nova. Quando Olivia foi editora de um jornal do colégio, publicou um falso testamento que dizia: “Eu deixo toda a minha beleza para a minha irmã, já que ela não tem nenhuma”.

Desde cedo, as duas competiam para ver quem deslanchava primeiro na carreira artística, e foi Olivia quem começou logo a ter bons papéis no cinema. Estrelou sucessos como *O Capitão Blood* e *As Aventuras de Robin Hood*, ambos com o astro Errol Flynn. Até que, durante um jantar entre artistas, Joan Fontaine comentou com David O. Selznick que estava lendo um romance muito bom, *Rebecca*. E a resposta do produtor mudou sua vida para sempre: “Eu comprei [os direitos autorais desse livro] hoje. Quer fazer um teste para o filme?”. Joan participou dos testes e foi a escolhida. O nome do diretor? Alfred Hitchcock. A parceria deu tão certo que a atriz foi indicada ao Oscar, e Hitch a chamou para um segundo filme, *Suspeita*.

E foi aí que Joan Fontaine sacudiu a poeira de vez: mais uma indicação ao Oscar, e dessa vez competindo com Olivia de Havilland, que concorria por *A Porta de Ouro*. O burburinho foi grande em Hollywood, porque nunca antes na história do prêmio duas irmãs haviam concorrido na mesma categoria – a de melhor atriz principal. E Joan venceu.

Em sua biografia, ela conta como foi esse momento: “Olhei para o outro lado da mesa, onde Olivia estava sentada. Todo o ódio que sentíamos uma pela outra desde crianças, os puxões de cabelo, as brigas selvagens, a vez em que ela tentou quebrar minha clavícula, todas essas imagens voltaram como em um caleidoscópio”. A irmã até foi cumprimentá-la fora de cena, mas Joan fez de conta que ela era invisível.

Coincidentemente, antes de sonhar em ser a atriz do ano, Joan Fontaine passou perto de ganhar o papel de Melanie em ... *E o Vento Levou*. Segundo o jornalista Scott Feinberg, especialista em coberturas do Oscar – e que entrevistou as duas irmãs –, enquanto todas as atrizes americanas queriam uma chance de disputar o papel de Scarlett O’Hara, o diretor do filme, George Cukor – o que seria demitido –, chamou Joan para conversar sobre a personagem Melanie. Então, diante de um compromisso tão importante, Joan naturalmente decidiu vestir as roupas mais chiques que tinha no armário. Foi um equívoco. Cukor não conseguiu associar aquela figura de coluna social com a personagem sem vaidade do roteiro. Diante da

negativa, Joan lhe disse que, se buscava alguém sem glamour, então que procurasse a sua irmã. Ele procurou. E assim Olivia de Havilland ganhou o papel mais notável de toda a sua carreira.

Olivia não ganharia o Oscar por ... *E o Vento Levou*. O prêmio de atriz coadjuvante foi para outra participante do filme, Hattie McDaniel, a primeira negra a ganhar o prêmio da Academia. Mas ela ainda venceria duas vezes (*Só Resta uma Lágrima*, de 1946, e *Tarde Demais*, de 1950), batendo a irmã, que só venceu por *Suspeita*. Mesmo assim, Joan levou para o túmulo a certeza de que sempre foi invejada pela mais velha. Até na morte. “Eu casei primeiro, ganhei o Oscar antes de Olivia e, se eu morrer primeiro, ela sem dúvida vai ficar furiosa, porque eu terei sido a primeira.”

E assim foi. Enquanto este livro está sendo finalizado, Olivia de Havilland ainda vive uma velhice tranquila em Paris, próxima de completar 99 anos – ela é a única artista do núcleo principal de ... *E o Vento Levou* que viu o século XXI.

[11](#) Ross O’Hara et al. “Greater Exposure to Sexual Content in Popular Movies Predicts Earlier Sexual Debut and Increased Sexual Risk Taking”. Dartmouth College, 2012.

[12](#) Aner Tal, Scott Zuckerman e Brian Wansink. “Watch What You Eat: TV Content Influences Consumption”. Cornell University Food and Brand Lab, 2014.

[13](#) Andrew E. Clark e Claudia Senik. “Who Compares to Whom? The Anatomy of Income Comparisons in Europe”. *École d’économie de Paris*, 2010.

[14](#) Genevieve Pham-Kanter. “Social Comparisons and Health: Can Having Richer Friends and Neighbors Make You Sick?” University of Chicago, 2009.

INVEJINHA



SALIERI X MOZART: O CRIME QUE FOI SEM NUNCA TER SIDO

Por conta de um filme, Antonio Salieri ficou com a fama de homem mais invejoso da história, e de assassino de Mozart. Mas a ciência pode salvar a reputação do compositor italiano.

A revista de cinema americana *Film Comment* lançou em 2012 um ranking¹⁵ com os *piores* vencedores do Oscar de todos os tempos. Da lista, só 15 filmes foram considerados mais indignos do prêmio que *Amadeus* (1984), de Milos Forman. E olha que ele venceu em oito categorias.

Com o marketing de tanto troféu, o drama pode ter levado milhões de pessoas a dormir no cinema, mas também a um primeiro contato com o universo artístico de Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) – o menino-prodígio da música erudita. Bom para a imagem de Mozart, péssimo para a de um contemporâneo seu: o compositor italiano Antonio Salieri (1750 – 1825), que, graças ao filme, passou a encarnar o conceito de sociopata

invejoso – o homem que teria matado Mozart por não suportar a comparação entre um talento sobrenatural e a mediocridade humana.

Ok, contrapor um vilão ressentido ao herói do filme sempre é uma boa solução de *script*. Mas o personagem da ficção é uma injustiça com o fantasma do verdadeiro Salieri – as evidências vão na direção contrária à da tela. Começando pela suposta inveja. Apesar da consagração póstuma de Mozart, na época quem tinha motivos para invejar o colega era o jovem prodígio.

Salieri já era uma estrela em Viena quando Mozart chegou à cidade. Era compositor da corte do imperador José II e diretor da orquestra do Teatro Municipal. Também ensinava sua arte. E seus alunos formariam um *dream team* da música clássica: Beethoven, Schubert, Lizt... Até o filho de Mozart teve aulas com Salieri.

Mesmo quando fez sucesso em Viena, depois de tropeços pela Itália e pela França, Mozart nunca ganhou em vida o reconhecimento de que gozava Salieri. *Don Giovanni*, ópera que viria a ser uma das mais executadas na história, foi ofuscada no lançamento pela recepção pública a *Tartare*, do “rival”. E aí vale lembrar um princípio básico do mecanismo da inveja: ela só funciona na direção ascendente, nunca para baixo. Salieri, então, não tinha tanta motivação para invejar Mozart.

ANATOMIA DE UM CRIME

Mas e as passagens do filme que mostram o italiano como um calculista maquiavélico, pagando anonimamente para Mozart escrever seu *Réquiem* – um trabalho que, no cinema, suga todas as energias de Wolfgang, contribuindo para a sua morte? Aí tem uma meia-verdade.

Provavelmente, a saúde do gênio ficou mesmo abalada com o acúmulo de trabalho. Junto com a encomenda do *Réquiem*, Mozart gastou a pena, quase simultaneamente, em outras duas composições grandiosas: as óperas *A Flauta Mágica* e *La Clemenza di Tito*. Só que o patrocinador do *Réquiem* não foi Salieri. Na vida real, o dinheiro vinha do conde Franz Wallsegg, que simplesmente queria homenagear a esposa, recém-falecida. O nobre, malandro, tinha o costume de pagar a compositores e depois dizer aos amigos que ele é que tinha feito as músicas – não que alguém acreditasse.

O ponto de partida para tanta especulação sobre inveja e assassinato vem de um boato que houve mesmo naqueles tempos – e que está no filme. Já no fim da vida, com a saúde mental estilhaçada e internado em um hospício, Salieri teria dito em um delírio que tinha envenenado Mozart. Declaração que ele negou imediatamente no momento seguinte de lucidez.

Como não tinha por que levar a alucinação de um moribundo a sério – e ninguém jamais teve notícia de uma rivalidade mortal entre os dois –, a “confissão” ficou por isso mesmo. Mas a lenda pegou. E virou verdade quando, pouco tempo depois da morte do *invejoso*, o escritor russo Aleksandr Pushkin lançou a peça *Mozart e Salieri*. E colocou no texto uma passagem em que o italiano derrama veneno na taça do austríaco. Pronto, a dramatização da morte de Mozart vendia muito mais que uma versão sem crime. Então foi repetida em 1898, em uma ópera de outro russo, Rimskji-Korsakov, e em uma peça que o inglês Peter Shaffer escreveu em 1979 – e que serviria de base para *Amadeus*.

Mas, espera aí... se a teoria da conspiração é falsa, Mozart morreu de quê?

Difícil apostar em uma explicação sem margem de erro. Até porque não houve autópsia, e seus restos mortais foram retirados da cova sete anos depois do enterro – ele estava em um cemitério para a população comum, onde havia rodízio de espaços. O que sobrou do corpo de um dos maiores gênios da música provavelmente foi para o lixo.

As especulações já falaram de enfermidades diversas, e até de uma intoxicação alimentar por carne de porco – só porque, em uma carta de outubro de 1791, Mozart comunica que iria jantar costelinha.

O registro oficial só se refere a uma “febre severa”, que podia ser qualquer coisa. O fato é que a doença surgiu do nada em novembro, e o sofrimento durou três semanas. Os sintomas começaram com inchaço das mãos e dos pés, que logo se estendeu para o corpo todo – imobilizando Mozart na cama e provocando dores terríveis. O músico ainda teve irritação na pele, febre alta e crises de vômito. Um mistério tão grande que, naturalmente, levou a teorias da conspiração. Mas a ciência moderna pode ter desvendado o que realmente matou Mozart.

Em 2009, pesquisadores da Universidade de Amsterdã apresentaram uma nova teoria¹⁶, muito mais com jeitão de verdade. Segundo essa versão,

Mozart morreu de infecção na garganta. O inchaço começou porque os micro-organismos atingiram os rins, fazendo com que o austríaco ficasse com acúmulo de líquido sob a pele.

O estudo chegou a essa conclusão comparando os relatos dos sintomas de Wolfgang com os de outras doenças comuns naquele período, naquela região. Foram analisados mais de 5 mil casos entre 1791 e 1793. A descoberta: o edema (esse inchaço do corpo provocado por falência renal, uma consequência da ação das bactérias envolvidas na infecção) era a terceira maior causa de mortes – perdendo só para a tuberculose e a desnutrição. “A última doença de Mozart e sua morte ocorreram por causa de uma infecção por estreptococos, que levou a uma síndrome nefrítica [moléstia dos rins] aguda”, disseram os autores do estudo. Os estreptococos são bactérias que, dependendo do tipo, podem causar faringite, meningite ou pneumonia.

É quando a história da música cruza de forma implacável com a história da medicina. Mozart teve morte prematura, aos 35 anos, porque no século 18 ainda não existia um remédio que se encontra hoje em qualquer farmácia: o antibiótico. Ou seja: quem matou Mozart não foi Salieri, mas bactérias. E, ao que tudo indica, a motivação delas não foi a inveja.

[15 www.filmcomment.com/article/extended-trivial-top-20](http://www.filmcomment.com/article/extended-trivial-top-20)

[16](#) ZEGERS, Richard H.C.; WEIGL, Andreas; STEPTOE, Andrew. The Death of Wolfgang Amadeus Mozart: an epidemiologic perspective. University of Amsterdam, 2009.



**LENNON X MCCARTNEY: A
FELICIDADE É UMA ARMA QUENTE**

A ciência provou: existe a inveja benigna, aquele sentimento sem hostilidade que desperta o impulso de superar o outro. Novidade? Não para os fãs dos Beatles, que viram e ouviram como a inveja mútua entre Lennon e McCartney deu à luz a melhor música do século XX – e, de quebra, os Rolling Stones.

"*The only thing you done was 'Yesterday' (...)/ How do you sleep at night?*"¹⁷
(John Lennon, na música pós-Beatles "How Do You Sleep?" (1971), dizendo que Paul McCartney só fizera uma música relevante na vida: "Yesterday".)

Nos anos 1990, concorrendo a um emprego de secretária executiva em uma empresa do setor jurídico, a inglesa Freda Kelly, então já quase cinquentona, incluiu no "histórico profissional" de seu currículo uma experiência de 11 anos em uma companhia ligada à música – também como secretária. Ela não disse muito mais sobre esse trabalho antigo (ser discreta era uma qualificação desejada para o cargo). Talvez a informação, ou a falta dela, não tenha influenciado tanto, mas o fato é que Freda conquistou a vaga. E passou os últimos 20 anos de sua vida organizando arquivos, marcando reuniões e digitando cartas em velocidade impressionante para uma avó.

Até que o documentário *Good Ol' Freda* fosse lançado, em 2013, nenhum dos seus colegas de escritório fazia a mínima ideia do passado da simpaticíssima senhora que batia cartão com eles todos os dias, às 9 em ponto, na empresa localizada em Birkenhead, a poucos quilômetros do porto de Liverpool. Não sabiam, por exemplo, que uma das atribuições de Freda naquela "companhia ligada à música" era fazer acordos com barbeiros, para que não jogassem no lixo o cabelo cortado de quatro clientes específicos, nem misturassem as mechas às de outros clientes. A secretária tinha de recolher separadamente os fios de cada um deles – e não era para fazer peruca, mas sim para enviar o cabelo em cartas para meninas e meninos do mundo todo, fãs capazes de vender um rim por um punhado de fios da cabeleira *mop-top* daqueles clientes: John, Paul, George e Ringo.

Quando Yoko Ono ainda não saía pelada em capa de disco e Linda McCartney era só Linda Eastman e morava do outro lado do Atlântico, Freda Kelly era a garota mais invejada da Inglaterra por qualquer menina que soubesse qual era a profissão dela: Freda era a secretária dos Beatles.

E, como a personagem de “I Saw Her Standing There”, canção de abertura do primeiro álbum do quarteto, ela tinha só 17 anos.

Antes de conseguir o emprego, Freda passou pela melhor dinâmica de grupo da história dos processos seletivos. Em 1962, ela não arredava o pé de um bar quase sem ventilação que ficava em frente a uma feira livre (o que fazia com que o cheiro predominante fosse uma mistura de urina, suor e fruta podre). Nada que desestimulasse a presença de Freda nem dos outros jovens que lotavam o Cavern Club para conferir o show de um grupo que, à época, só fazia sucesso por ali mesmo, na cidade. Os Beatles tocaram 290 vezes nesse bar fedido. Freda estava na plateia em 190. Era uma fã radical.

Vira e mexe, um dos músicos lhe dava carona – mais frequentemente George. Eram todos jovens vizinhos se divertindo à base de *covers* do mais puro rock’n’roll clássico, além das primeiras composições com a assinatura que ficaria famosa para além das fronteiras de Liverpool: Lennon & McCartney – da forma como eles combinaram, com o Lennon na frente.

Mas afinal, como a moça conseguiu o tal emprego? Bom, o que era apenas a velha e boa farra entre adolescentes virou atividade remunerada para Freda quando Brian Epstein, que começava a empresariar os Beatles, notou a assiduidade da moça nos shows e acabou convidando-a para ser secretária da banda. Os benefícios eram melhores que o salário em si: ela trabalharia diretamente para Brian na organização de tudo o que se referia àqueles roqueiros que ela tanto adorava – dizia que a cada semana se apaixonava por um deles. Ela deveria conciliar seu trabalho de secretária com a gestão de um fã-clubes dos Beatles, o que para ela era melhor que ser rainha da Inglaterra – as amigas iam desmaiar de inveja.

Quando os Beatles ainda eram um fenômeno local, Freda deu o endereço da própria residência como sede do fã-clubes. Só que, em 1963, o *single* contendo a música “Please Please Me” chegou ao topo das paradas britânicas (o primeiro número 1 da banda), e o pai da moça reclamou que não conseguia mais achar sua própria conta de luz. Não era para menos: a correspondência estava no meio das 800 cartas que o correio havia deixado naquele dia – número que logo subiria para 2 mil, 3 mil cartas diárias. Freda entendeu que precisava arranjar outro endereço para os fãs.

A competência de Freda Kelly, que nunca deixou a paixão pelo grupo afetar suas obrigações, fez com que sua presença na vida da Apple – a empresa dos Beatles – durasse mais do que a união do quarteto: eles só

gravaram juntos até 1969, mas ela organizou a vida dos membros da banda por mais três anos, pois trabalhava por prazer. Quando o grupo estava no auge, uma manchete de um jornal inglês apontava a secretária como “a mulher mais cobiçada do mundo”. Além de conversar com os ídolos cara a cara no escritório, Freda participava das festas dos Beatles. E dos filmes também: ela é uma das passageiras nos bancos do ônibus psicodélico que aparece em *Magical Mystery Tour*. Em 1972, aos 27 anos, Freda decidiu dar um tempo na profissão para cuidar da filha pequena, e pediu as contas.

Leal e reservada, nunca quis contar em livro – apesar das ofertas – os podres daquele universo mágico. Yoko era mesmo uma bruxa manipuladora? Lennon e Epstein tiveram um caso homossexual? Ela só topou a ideia daquele documentário de 2013 para mostrar ao neto pequeno, no futuro, que sua avó tinha participado de algo importante. Ainda que como coadjuvante, ela fez parte da história, dando apoio ao quarteto mais bem-sucedido de todos os tempos, um grupo que se apoiou na rivalidade entre seus dois principais compositores para ascender da condição de *boy band* para a de Einsteins da música pop. Os Beatles transformaram a música e ditaram comportamentos, criando boa parte da cultura popular de hoje. E tudo graças à inveja, ainda que a um tipo de inveja um pouco diferente daquela que Freda despertava nas beatlemaníacas, como vamos ver um pouco mais adiante.

CÂNONE

Acostumado a escrever sobre Wagner, Strauss e as óperas de Mozart para o conservador jornal britânico *The Times*, o crítico de música erudita William Mann surpreendeu seus leitores quando disse que Lennon e McCartney eram “os compositores ingleses mais extraordinários de 1963”. Era a primeira vez que um respeitado especialista em música clássica prestava reverência ao pop derivado do rock – até então, a atitude geral variava entre o esnobismo e a rejeição completa. Não era que Mann caísse de amores por rock’n’roll. Segundo ele, a dupla tinha dado “um sabor divertido e singular a um gênero de música que estava correndo o risco de deixar de ser música”. Mas o crítico realmente analisou a sério o som dos rapazes de Liverpool, com o mesmo rigor com que resenhava sinfonias e quartetos de

cordas. Ainda que achando que os roqueiros tivessem obtido determinados efeitos por instinto “ou acidente”, ele destacava que os Beatles “pensam simultaneamente em harmonia e melodia, tal a firmeza com que a sétima e a nona maiores estão construídas em suas músicas”.

Falando especificamente sobre a canção “Not a Second Time”, do disco *With The Beatles*, Mann disse que as mudanças de escala eram “tão naturais quanto a cadência eólica ao final”. E ainda comparou a música a “Das Lied von der Erde”, do compositor erudito Gustav Mahler. O que os Beatles acharam disso tudo? “Não entendi nada do que ele disse”, afirmaria Lennon, que achava que “cadência eólica” fosse nome de passarinho exótico.

Ainda assim, foi a partir dessa resenha elogiosa que a música de Lennon e McCartney começou a ser debatida de um ponto de vista intelectual – outro crítico diria que eles eram os maiores compositores desde Schubert. Mas essa fábrica de obras-primas não começou a funcionar em um conservatório, e sim no quarto de John Lennon, na casa em que morava com sua tia Mimi, quando ele e Paul McCartney, ainda adolescentes, passaram a tocar guitarra juntos. E a compor.

Embora a tradição de duplas de compositores no *pop-rock* diga que um escreve a letra e o outro faz a melodia, John e Paul faziam de tudo. Às vezes, compunham juntos do zero. Outras vezes, um vinha com uma ideia desenvolvida e o outro ajudava a completar – fosse com versos, fosse com uma virada na melodia. Eles “jogavam ideias novas e mudanças de acordes um para o outro, como em uma partida de tênis de mesa”, descreveu Philip Norman, autor da biografia *John Lennon – A Vida*.

Mas não se tratava de um pingue-pongue inocente. O trabalho de composição também era um exercício de competição: se um membro da dupla superava o par ao longo do processo, isso implicava um esforço a mais do outro para sair da situação inferior. E, quando esse outro dava a volta por cima, se tornava o membro a ser superado. Era um círculo vicioso, com resultados virtuosos: “Um fazia uma coisa e o outro dizia: ‘tá, eu posso fazer melhor’, ia lá e fazia”, explicou George Martin, o produtor dos discos dos Beatles. “Ao mesmo tempo, um deles pensava [da canção do outro]: ‘eu queria ter feito isso’”.

Era inveja pura. E boa. Afinal, dessa luta entre John e Paul nasceu o pop mais sofisticado da história, que influenciou toda a música que viria depois, inclusive a feita por compositores anteriores a eles. Frank Sinatra, um

inimigo visceral do rock, incluiu canções do grupo em seu repertório, cantava “Yesterday” e disse que “Something” era “a melhor música de amor dos últimos 50 anos” – ainda que sempre se referisse a ela como obra de Lennon e McCartney, para a raiva do verdadeiro autor, George Harrison. Para o propósito deste capítulo, de qualquer forma, tanto faz se a música tinha sido composta pelo guitarrista da banda: a inveja que movia Harrison era ainda maior, já que seu “inimigo”, seu rival a ser superado, era bem mais talentoso que Lennon ou que McCartney: era a dupla Lennon e McCartney. Aquela em que a soma de 2 + 2 geralmente dava mais do que 4.

Que o diga David Grohl. O líder dos Foo Fighters deixa claro que os Beatles foram essenciais para a formação de sua banda anterior, a de maior dimensão histórica dos últimos 25 anos, o Nirvana. “Kurt [Cobain] amava os Beatles, porque era tudo tão simples (...) E foi assim que eu aprendi a fazer música: eu tinha uma guitarra e um *songbook* dos Beatles. Ouvia os discos e tocava junto. Isso fez com que eu entendesse a estrutura de uma canção, a melodia, a harmonia e o arranjo. Eu nunca tive professor – só esses discos dos Beatles.”

Toda essa influência ia além da capacidade de compor baladas para *crooner* nenhum botar defeito ou rocks pesados – lembrando que McCartney, célebre pela suavidade de suas composições, inventou o *heavy metal* com “Helter Skelter” (e, por essas e outras, é o ídolo maior de outro criador do metal: Ozzy Osbourne). O curioso é que, para um ouvinte desavisado, “Helter Skelter” pode parecer uma das músicas de Lennon, geralmente mais raivosas que as do rival. Ou seja: mesmo quando compunham separadamente, resolvendo uma música inteira por conta própria, ainda compunham um para o outro. Ou melhor: um para superar o outro.

Alimentados pela rivalidade interna, os Beatles foram influentes em todas as fases de sua carreira fonográfica razoavelmente curta (1962 a 1970). Quando surgiram, fizeram com que pipocassem bandas com a mesma estrutura baseada nas guitarras. Os Rolling Stones nunca tinham pensado em escrever as próprias canções até que seu empresário lhes disse que era assim que os Beatles faziam – e então era assim que eles deviam fazer. Se não fosse pelos garotos de Liverpool, não existiria “Satisfaction” – e Mick Jagger e Keith Richards continuariam felizes para sempre fazendo *covers* de blues americano. Nem existiriam Os Mutantes, banda que nasceu do amor

de jovens de São Paulo pela obra do quarteto inglês. Rita Lee sempre disse que ficou viúva quando John e Paul tiveram seus casamentos.

Outra inovação que marcou a história da música veio com os discos *Rubber Soul*, *Revolver* e *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* – as obras de amadurecimento do conjunto. Nessas, Lennon e McCartney criaram um novo paradigma: demoliram o muro que existia entre música adolescente e música adulta. Bob Dylan já fazia letras políticas, mas nunca teve o apelo midiático dos Beatles para transformar o mundo como eles fizeram. Quando o grupo começou a cantar sobre drogas, autoconhecimento e filosofia oriental, conquistou uma faixa de público que não via tanto charme nos rocks adolescentes – o poeta *beatnik* Allen Ginsberg, por exemplo, virou fã. Da noite para o dia nasceram mil bandas com letras mais elaboradas, reflexivas... adultas. Os Beatles uniram Elvis e Dylan, mostrando que o rock podia ser bom para chacoalhar os quadris, mas também para mexer com o cérebro – ainda que à base de aditivos ilícitos.

Se revolucionou o discurso, o grupo também inovou no formato. Daria para escrever um livro inteiro só com as novidades que os Beatles trouxeram à música rompendo com o padrão guitarra-baixo-bateria em prol da metalinguagem: eles transformaram os recursos do estúdio em elemento de composição. Fizeram isso sem nunca ignorar o gosto do público – pelo contrário, guiavam esse gosto. Como um enólogo apresentando vinhos novos a um apreciador iniciante, os Beatles conseguiram transformar suas experiências de estúdio em música comercial, capaz de contentar de eruditos como William Mann à menina que só queria dançar ou fumar um baseado com uma trilha sonora adequada aos efeitos da *Cannabis*. Brigando – às vezes, literalmente – para ver quem era o mais criativo, Lennon e McCartney misturaram pop com jazz e música clássica, fizeram cacofonia, gravaram efeitos especiais e colocaram arranjos de cordas em seus rocks décadas antes dos *Acústicos MTV*. Aliás, a MTV não existiria se os Beatles não tivessem inventado o videoclipe, que na época era só o jeito encontrado pelo grupo para não precisar comparecer pessoalmente a programas de TV o tempo todo.

Além de mudar a música, os Beatles ainda transformaram a forma como ela é comunicada. Com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, o grupo lançou o primeiro álbum-conceito da história, um disco com uma temática própria, a determinar o conteúdo e a ordem das canções. A ideia seria

copiada por artistas como Pink Floyd, com seu *The Wall*, e The Who, com *Tommy* – a ópera-rock sobre um menino cego, surdo e mudo que, mesmo assim, é campeão de fliperama.

Um dos maiores casos de inveja produtiva entre Lennon e McCartney, por sinal, está justamente no álbum *Sgt. Pepper's*. O período que eles tinham estipulado para gravá-lo estava quase terminando quando John notou um problema: praticamente todas as músicas do disco tinham sido feitas por Paul. “Pensei: vão achar que fiquei só tomando chá no estúdio”, diria Lennon mais tarde. Na correria para deixar sua marca no disco, e não deixar o companheiro de banda com todos os louros, John se esmerou: compôs a maior parte de “A Day in the Life”, uma das canções mais frequentemente apontadas como a melhor dos Beatles.

Mais adiante vamos analisar mais profundamente esses episódios John vs. Paul, álbum a álbum. De qualquer forma, há um consenso: *Sgt. Pepper's* é o monólito que dividiu a linha evolutiva do pop. Mas mesmo antes os Beatles já tinham reformatado o conceito de álbum de música – o tal long-play, ou simplesmente LP. Antes do grupo, os artistas lançavam suas melhores canções em *singles* – no Brasil chamados de compactos –, um disco com uma música só de cada lado. O LP era menos importante: um catadão para continuar faturando com os *singles*, juntando-os ao restante do repertório, geralmente de qualidade inferior. Isso até que os Beatles, graças à quantidade absurda de boas músicas de John e Paul, mudaram tudo: seus álbuns não costumavam incluir *singles* já lançados – é por isso que obras-primas como “She Loves You”, “I Wanna Hold Your Hand”, “Rain” e “The Ballad of John and Yoko” não estão em nenhum dos discos de carreira do grupo, só em coletâneas.

Os Beatles ainda inventaram os shows de rock em estádios – só assim eles conseguiram dar conta de tocar para as multidões que queriam ver o grupo nos Estados Unidos. Antes deles, ninguém acreditaria que uma banda podia encher um lugar tão grande. Em 1965, o quarteto abria sua turnê norte-americana no Shea Stadium – que na época era sede dos New York Mets, um time de beisebol. Os mais de 55 mil ingressos colocados à venda se esgotaram quase instantaneamente. A ideia deu tão certo que, 15 anos depois, Frank Sinatra cantaria no Maracanã diante do maior público de sua carreira.

Tanto quanto a música e a forma de apresentá-la, os Beatles mudaram o comportamento e a sociedade. Mesmo quando não eram os pioneiros, a popularidade que tinham dava aval a qualquer ideia – e criava tendências: paz, amor, drogas e companhia. A fase em que o grupo foi para a Índia impulsionou deste lado do planeta um interesse inédito pelas tradições orientais e influenciou das conversas de bar à moda, passando pela decoração e a venda de incenso. Os Beatles foram os precursores da imagem do roqueiro de cabelo comprido. Hoje, os penteados *mop-top* (que têm esse nome pela semelhança com um esfregão, do inglês *mop*) nem parecem rebeldes, mas na primeira metade dos anos 1960 eles eram. O sucesso foi tanto que o comércio lucrou com a venda de “perucas Beatle”, que podiam ser de cabelo mesmo ou de plástico, para crianças.

Ou seja: os Beatles se tornaram fenômenos de licenciamento de marca em uma época em que esse tipo de negócio – que mais tarde enriqueceria de George Lucas aos criadores da Galinha Pintadinha – ainda nem existia. Tudo graças à rivalidade entre John e Paul. Claro que a relevância de Harrison é indiscutível, mas, justamente pelo fato de ele ter sido obrigado a competir com John e Paul por espaço nos discos, sua obra dentro do grupo ficou em torno de 20 composições. O que contou mesmo, claro, foram as 180 canções que levam a assinatura Lennon & McCartney, uma dupla que viveu, do início ao fim dos Beatles – e até durante parte de suas carreiras individuais –, em frenética disputa para ver quem era o mais talentoso, o mais influente, o protagonista. Ambos tiveram suas fases vencedoras, mas o grande campeão dessa rivalidade foi o público. No fundo, nos beneficiamos de um caso extremo de inveja benigna – uma variação do sentimento invejoso que já tem aval da ciência.

MAS EXISTE INVEJA BOA?

Embora muita gente ache que inveja só tem lado ruim, e que a tal inveja branca é qualquer outra coisa menos inveja de verdade, o pesquisador holandês Niels van de Ven provou que não é bem assim. Ele e uma equipe de estudiosos descobriram que a inveja benigna não só existe, como tem uma caracterização particular. É um sentimento que se diferencia da inveja “má” por não ter um elemento de hostilidade, sendo mais associado com a

admiração. Isso não impede que essa sensação seja descrita como inveja, porque ainda existe a dor ou a frustração de se comparar à superioridade de outra pessoa.

Em alguns países, como a Holanda e a Polônia, as invejas maligna e benigna são expressas por palavras diferentes. Nos Estados Unidos e no Brasil, muitas vezes o mesmo termo serve tanto para o lado bom quanto para o lado ruim. Você vê as fotos da lua de mel de sua melhor amiga, na Toscana, e diz: “Nossa, como eu te invejo”. É um aplauso sincero, não um rancor. E talvez faça com que você guarde dinheiro para conseguir a mesma coisa quando casar. Mas, no fundo, as fotos machucaram.

Em um estudo de 2009, Van de Ven fez com que 160 participantes se lembrassem de ocasiões que associavam a uma ideia de inveja benigna, inveja maligna, admiração ou ressentimento¹⁸. Após descreverem as situações, os participantes responderam a uma série de perguntas: como se sentiram, o que pensaram na hora, suas tendências de ação, as ações concretas que tomaram e os objetivos emocionais. Nas situações que os participantes ligaram à inveja do bem, curiosamente as pessoas tiveram uma autoimagem negativa até pior do que nas situações de inveja maligna (4,5 pontos contra 3,9, em uma escala que vai até 9). Ruim, certo? Mas o sentimento em relação à pessoa invejada era, veja só, positivo, de camaradagem (5,7 contra 3,1 da maligna), assim como havia vontade de melhorar o próprio desempenho (6,5 contra 5,0).

As situações descritas como inveja benigna ainda fizeram com que as pessoas tivessem mais vontade de levantar a bunda da cadeira para melhorar sua condição na história (6,1 pontos contra 4,4 nas situações relatadas como inveja do mal).

E, para não deixar ninguém confuso, o estudo ainda demonstrou a diferença entre a inveja benigna e o que é a simples admiração por outra pessoa. A análise das respostas revelou que, quando os participantes sentiam que invejavam alguém de forma positiva – sem querer o mal do próximo e se motivando a melhorar o próprio desempenho –, ainda assim a posição de inferioridade lhes causava desconforto e frustração. Já a admiração foi descrita pelos participantes como uma emoção gostosa.

Um músico amador pode sentir um prazer enorme ao ouvir um disco de Miles Davis e reconhecer ali um talento que ele próprio nunca vai alcançar.

Isso é admiração. Mas sofre com os avanços do colega do curso de instrumento de sopro – mesmo que a evolução do amigo seja entendida como uma razão para aprender mais rápido. “Achamos que é exatamente essa frustração que dispara a motivação positiva que resulta na inveja benigna, uma vez que a frustração sinaliza à pessoa que o objetivo cobiçado é um pelo qual vale a pena lutar”, define o estudo.

Ok, dói no começo. Mas o fato de se comparar com alguém um pouco melhor é o que vai fazer você progredir. “A comparação pode fornecer informações sobre como uma tarefa deve ser feita. Se você tem a sorte de observar um profissional habilidoso, você vê, aprende e então melhora a sua própria performance (...) A inveja pode mudar as suas expectativas sobre o ponto que você pode atingir. Em outras palavras, pode transformar a sua percepção de probabilidade de sucesso”, afirma o psicólogo Simon Latham, autor de *The Science of Sin* (A ciência do pecado, sem edição nacional). O que ele está dizendo se aplica a Lennon e McCartney: a observação invejosa das realizações do outro abria um novo horizonte na cabeça do parceiro. E isso acabou fazendo com que os dois Beatles chegassem a níveis de criatividade que jamais seriam atingidos se, ao lado de cada um deles, estivesse um parceiro que não inspirasse a mesma competitividade. Vejamos alguns exemplos bem concretos dos *fab two*.

WITH A LITTLE HELP

A música experimental “Revolution 9”, que faz parte do disco duplo *The Beatles*, conhecido como Álbum Branco, não é exatamente uma canção, mas uma colagem sonora que combina trechos de falas, aplausos, vidros quebrando, sons tocados ao contrário, distorções, ecos e a repetição de uma voz professoral repetindo “Number nine... number nine...”. Essa tentativa de música concreta parece ter a cara da Yoko, que de fato ajudou Lennon com a criação. Mas a origem desse tipo de som, totalmente inédito nos métodos criativos de John, era mesmo seu parceiro de banda. “Paul estava nos Estados Unidos quando ‘Revolution 9’ foi feita e ficou decepcionado com sua inclusão em *The Beatles*, especialmente porque ele vinha fazendo colagens sonoras desde 1966 e percebeu que John passaria a ser visto como

o inovador”, aponta Steve Turner em seu livro *The Beatles – A História Por Trás de Todas As Canções*.

De fato, era McCartney quem tinha uma experiência relacionada à música de vanguarda – que conheceu através da família da atriz Jane Asher, quando morava na casa dela e teve contato com as obras de John Cage e Stockhausen. Paul estudava técnicas de música concreta com um gravador analógico, como juntar as duas pontas de uma fita, criando um *loop* repetitivo sobreposto na mesma faixa. Foi com esses *loops* tocados simultaneamente que McCartney contribuiu para o som inovador da canção “Tomorrow Never Knows”, uma composição de Lennon que se tornou vanguardista e influenciou meio mundo, *with a little help from Paul McCartney*.

O contrário também acontecia: como “Helter Skelter”, que comentamos há pouco, várias composições de Paul, o “beatle bonzinho”, têm o tom rascante das músicas do parceiro. “Às vezes eles tentavam se superar compondo com um estilo mais associado com o outro”, explica Steve Turner. “O Álbum Branco continha a sensível ‘Julia’ e a sentimental ‘Good Night’, de John, à maneira de Paul, e as audaciosas ‘Helter Skelter’ e ‘Why Don’t We Do It in The Road?’, de Paul, no melhor estilo John.”

Essa capacidade de trabalhar no *modus operandi* do parceiro tem a ver com as raízes dos dois beatles principais, que tiveram semelhanças e coincidências incríveis na infância – ambos foram criados em casas sem muitos recursos e sofreram perdas marcantes no núcleo familiar. Esse nivelamento é fator básico das relações invejosas (tendemos a invejar quem está próximo) e aproximou os meninos Paul e John quando eles ainda nem sonhavam com discos de ouro.

LIVERPOOL, 1957

Faltava meia hora para que os Beatles entrassem em cena naquele 9 de fevereiro de 1964. Foi quando, no camarim, os quatro receberam um telegrama – que depois seria lido ao vivo pelo apresentador do programa de TV mencionado na mensagem. Nele dizia: “Parabéns pela presença de vocês no *The Ed Sullivan Show*. Esperamos que o seu compromisso tenha sucesso, e que sua visita [aos EUA] seja agradável”. Assinado: Elvis

Presley. Ao terminar de ler, George Harrison se virou para os companheiros e perguntou, com um sorriso: “Quem é esse Elvis?”

A estreia no programa de Sullivan foi o ponto mais alto da primeira passagem dos Fab Four pelos Estados Unidos – a viagem que marcaria a história da música como o início da beatlemania em escala mundial. Não era a primeira vez que o programa se aventurava na música jovem. Em 1955, Sullivan tinha exibido a apresentação pioneira de um rock em um programa nacional de TV quando Bill Haley foi lá tocar seu “Rock Around The Clock”. Mas o telegrama do Rei do Rock era prova de que aquele show dos ingleses significava muito. Após a transmissão televisiva, que alcançou audiência recorde de mais de 73 milhões de pessoas, os Beatles foram avisados que, enquanto estavam tocando seu iê-iê-iê, quase não tinham havido crimes na cidade. Os bandidos eram fãs também! Isso foi cinco anos antes de Pelé provocar o cessar-fogo em uma guerra civil quando foi disputar uma partida pelo Santos onde hoje é a República Democrática do Congo.

Mas Elvis ainda era importante por outro motivo: foi por causa dele que Lennon e McCartney se interessaram por música, quando ainda eram moleques. O fascínio pelo cantor de Memphis era apenas mais uma coisa que os dois tinham em comum.

Sete anos antes daquele show apoteótico no Ed Sullivan, James Paul McCartney era só um moleque bochechudo se esforçando para impressionar um garoto mais velho, com pinta de *teddy boy* (os valentões da época) para ver se, quem sabe, conseguia entrar na banda dele, os Quarrymen.

Não que o grupo de John Winston Lennon oferecesse o menor vislumbre de elementos pré-Beatles. Para começar, o que os Quarrymen tocavam nem era tecnicamente rock. Era *skiffle*, um rock suavizado, que a sociedade britânica aceitou com alívio depois do contato traumatizante com os primeiros roqueiros de verdade, todos dos Estados Unidos: Jerry Lee Lewis, que escandalizou a Inglaterra quando apareceu por lá casado com sua prima de 13 aninhos; Little Richard, um negro homossexual cuja música “Long Tall Sally” remetia ao transformismo; Chuck Berry, preso ao tentar atravessar uma fronteira com uma prostituta menor de idade; e Gene Vincent, que vivia se envolvendo em acidentes de carro. Com influências do jazz e do folk, o *skiffle* incluía instrumentos alternativos nos conjuntos,

como uma tábua de lavar roupa, usada para percussão. Bateria ainda era um luxo para aqueles meninos de Liverpool.

Mesmo assim, a inveja recíproca entre os principais músicos dos Beatles começou justamente naquela tarde de julho de 1957, quando McCartney assistia à apresentação de Lennon com outros amadores, no jardim de uma igreja, tocando uma versão heterodoxa de “Come and Go with Me”, música do grupo americano The Del-Vikings – com Lennon trocando as palavras da letra da música, que não tinha decorado. Paul já conhecia John de vista, mas, sendo quase dois anos mais novo, não arriscava falar com o valentão para não tomar um tapa na orelha. Ainda assim, ficou impressionado com a figura no palco, de camisa xadrez, pose arrogante e um olhar espremido de quem chamaria qualquer um para a briga – na verdade, só o efeito colateral da miopia secreta de John, que se recusava a usar óculos. Nesse ponto, o garoto Ivan Vaughan entrou para a história da música ocidental. Foi ele quem teve a ideia de, nesse dia, apresentar seu amigo McCartney para Lennon, convicto de que o mais novo tinha talento suficiente para superar a diferença de idade e tocar no grupo do mais velho.

Paul conquistou seu lugar nos bastidores desse show ao puxar uma das guitarras dos Quarrymen e mandar ver em “Twenty Flight Rock”, igualzinho à forma como Eddie Cochran tocava em *The Girl Can't Help It* – filme obrigatório para os adolescentes protorroqueiros da época. Paul comoveu John com um conjunto de fatores inéditos e surpreendentes entre a garotada da vizinhança, a começar pelo fato de que, além de a canção ser especialmente difícil de cantar ao mesmo tempo que se toca o instrumento, Paul sabia a letra toda. Sem enganação. Mais do que isso: o canhoto McCartney não teve dificuldade em tocar uma guitarra ajustada para destro. E Paul matou a pau. Isso gerou uma primeira reação de inveja em John – uma briga entre sua autoestima e a visão do que seria melhor para os Quarrymen, como ele lembraria anos mais tarde. “Pensei comigo mesmo: ele é tão bom quanto eu. Eu era o chefe até aquele momento. Se o aceitasse na banda, o que aconteceria? A decisão era se eu me mantinha forte ou fortalecia o grupo. Passou pela minha cabeça que eu teria de mantê-lo na linha se o deixasse juntar-se a nós. Mas o fato é que ele era bom, então valia a pena. E, também, ele parecia com o Elvis.”

A dupla que Lennon e McCartney fariam a partir desse encontro contou com as circunstâncias que geralmente cercam uma relação invejosa:

proximidade e um nivelamento de condições.

Ambos perderam a mãe na adolescência: a de Paul morreu de câncer de mama quando ele tinha 14 anos; a de John foi atropelada quando ele tinha 17. Os dois tiveram ajuda de tias após essas mortes – embora Paul tenha permanecido no lar paterno, enquanto John foi criado na casa de Mimi, a controladora irmã de sua mãe. Após o fim dos Beatles, os dois acabariam perdendo o pai coincidentemente no mesmo ano, 1976 – ainda que John tivesse pouquíssimo contato com esse pai biológico.

Os dois também tiveram influências musicais dos pais, com Julia Lennon estimulando e até dando dicas para o filho tocar guitarra, e Jim McCartney tendo feito parte de uma banda de baile amadora.

Apesar das coincidências, a criação dos dois teve suas diferenças, com influência marcante no temperamento de ambos – e consequências diretas para o estilo dos Beatles. “Apesar da dor da ausência de uma mãe na vida de Paul, a modesta casa onde ele cresceu com seu pai comerciante de algodão e o irmão menor parecia a John um invejável lugar descomplicado”, afirma Philip Norman, biógrafo de Lennon. Isso porque, diferentemente da estabilidade do lar dos McCartneys, o John mirim viveu uma infância melodramática. A mãe era uma periguetete que deixava o garoto de lado para se divertir com outros homens na ausência do marido, a ponto de ter engravidado de um de seus *affairs* (e dado o produto dessa gravidez, uma irmã de John, para a adoção). O casal logo se separaria com cenas inesquecíveis para o menino, incluindo um momento em que o pai o leva para morar com ele sem informar à mãe. Quando ela vai recuperar John, os dois perguntam à criança de cinco anos: “Você que decide: prefere morar com o papai ou com a mamãe?”. Diante da tamanha imaturidade dos pais, John acabou adotado pela tia.

Essas diferenças de criação explicam bem a dualidade entre as *personas* de Lennon e McCartney. O primeiro estava sempre na defensiva, com a guarda pronta – seus comentários eram ácidos, irônicos, às vezes a um passo da violência. Ele vivia em um estado de insegurança, mesmo quando já era o rei do mundo pop, e isso se refletia em canções que, sob um arranjo alegrioso dos Beatles, disfarçavam letras que parecem cartas de um suicida, como “Help!” e “I’m a Loser”. Já Paul era o diplomata da banda, charmoso, educado e sempre se definiu como um otimista. Não por acaso, é autor das solares “Good Day Sunshine” e “We Can Work It Out”. Os títulos falam por

si. (Embora, na diversificada criação da dupla, haja exemplos de melancolia em Paul e alegria em John, claro.)

Dessa mistura de similaridades e diferenças surgiu a combinação capaz de criar o pop perfeito. O lirismo de ambos se movia entre a doçura de McCartney e o desespero de Lennon, entre a habilidade melódica de Macca e as letras poéticas de John – ou às vezes o contrário. O garoto Ivan Vaughan não podia ser mais visionário: sua iniciativa de promover aquele encontro resultou em um dos momentos-chave do século XX – à altura dos primeiros passos do homem na Lua e da invasão da Normandia.

1962 – 1965: A BANDA DE LENNON

O primeiro *single* lançado pelos Beatles, em outubro de 1962, foi “Love Me Do”, com “P.S. I Love You” no lado B – ambas canções em que Paul era o compositor predominante; as duas cantadas por ele no disco. Logo nesse seu primeiro lançamento comercial, o grupo chegou ao 17º lugar das paradas, um feito até que bom para uma banda estreante. Mas o produtor George Martin, que era quem mandava nesse período, queria mais.

Para o segundo *single*, a ser lançado pouco mais de um mês depois, ele pediu ao grupo que tocasse uma música que, do seu ponto de vista, era uma aposta sem erro: “How Do You Do It?”, de Mitch Murray, um *hitmaker* da época. Mas a banda insistiu para que Martin antes ouvisse uma canção nova de Lennon: “Please Please Me”. O produtor topou. E o resto é história. O novo *single*, cantado por John, ultrapassou o anterior, de longe. Virou número 1. A vitória deve ter feito bem ao ego do sempre inseguro Lennon.

Curiosamente, os Beatles estavam tocando no Cavern Club quando alguém noticiou que eles tinham chegado lá, estavam no topo das paradas. Foi quando a banda notou que, na plateia do bar, as três primeiras fileiras de fãs choravam sem parar. Mas não era de felicidade. Elas sabiam o que significava ser o número 1 da Inglaterra. Até aquele ponto, os Beatles eram de Liverpool, do Cavern... Eram delas. Agora, estavam perdidos para sempre, seriam ídolos de outras fãs mundo afora. Elas tinham razão.

Com dois *singles* bem-sucedidos (o segundo muito mais que o primeiro), George Martin achou que era hora de capitalizar gravando um LP. Para isso, reuniu os rapazes e disse que mandassem bala no estúdio, tocando o melhor

de seu repertório, entre composições originais e *covers*. Gravou tudo em uma sessão que durou 12 horas direto – um pega pra capar.

A primeira voz que se ouve no primeiro disco dos Beatles é um grito de Paul: “One, two, three, faw!”. É a introdução de um rock dançante, “I Saw Her Standing There”, composição dele que, até hoje, é um dos grandes momentos de seus shows. Já a última música do disco termina igualmente com gritos: a voz de John no limite, urrando “Twist and Shout” – *cover* de uma canção que tinha feito sucesso com os Isley Brothers, intensamente reinterpretada por Lennon. Coincidentemente, as duas letras falam de paixão na pista de dança. “Ao longo da história da música, das ‘Suítes Francesas’ de Bach à ‘Valsa’ de Ravel, a imagem da dança tem sido ligada ao ato sexual”, analisa Tim Riley, autor de *Tell Me Why*, livro que dissecou todas as canções dos Beatles. “[‘Twist and Shout’] é o tipo de som que faz do rock a música mais sexy de todas.”

Esse álbum, também chamado de *Please Please Me*, foi lançado em março de 1963 e ficou em primeiro lugar das paradas por simplesmente 30 semanas, de maio a novembro. Começava a se estabelecer o padrão que seria associado a discos extraordinariamente bem-sucedidos.

O sucesso da estreia garantiu a longevidade da dupla Lennon & McCartney e incendiou a disputa entre os dois para ver quem compunha mais *hits* ou fazia as canções mais ambiciosas. Quem era o melhor? No começo, esse cara era John.

Da fase de música adolescente dos Beatles, que compreende os álbuns *Please Please Me*, *With The Beatles*, *A Hard Day's Night*, *Beatles for Sale* e *Help!* (esta, já uma obra de transição), Lennon foi o compositor principal de 27 canções, enquanto Paul predominou só em 17 (sem contar as parcerias que são basicamente 50% para cada lado, como “Eight Days a Week” e “Baby's in Black”). No disco *A Hard Day's Night*, único do grupo só com composições assinadas por Lennon & McCartney e nenhum *cover* nem canção de George Harrison, John foi o principal criador de dez músicas, enquanto Paul só trouxe três. Em nenhum desses discos há mais composições de Paul – o máximo que ele consegue é um empate em *Beatles for Sale* e *Help!*

Lennon também foi responsável por um número maior de músicas mais importantes. No primeiro disco, como vimos, foi ele quem compôs a primeira a chegar ao topo das paradas. Outro 17º lugar – a posição em que

“Love Me Do”, de Paul, tinha alcançado – provavelmente faria George Martin adiar a ideia do primeiro álbum, e sabe-se lá o que um eventual desânimo faria ao resto da história da banda. Já o *cover* de “Twist and Shout”, outro ponto alto de John, é uma das referências atemporais da música dos Beatles, inclusive tendo sua importância renovada para gerações futuras quando fez parte da trilha do filme *Curtindo a Vida Adoidado*.

“A Hard Day’s Night”, “Help!”, “Ticket to Ride”... Clássicos que mesmo quem não é fã de Beatles sabe que são do grupo – todos de Lennon, bem como uma daquelas músicas que não está em nenhum álbum regular da banda, pois só saiu em *single*: “I Wanna Hold Your Hand”, grande responsável pela Beatlemania nos Estados Unidos, onde foi a primeira música da banda a ser número 1 das paradas.

No período compreendido pelos primeiros cinco discos, Paul também lançou clássicos – em menor número, mas igualmente importantes. “Can’t Buy Me Love” chegou ao número 1 da Billboard Hot 100 em meio a um feito inédito: o *top 5* estava tomado pelas músicas da banda – todas as outras escritas predominantemente por John. Mas o maior sucesso de Paul na época, imaginado por ele em sonho, foi também um dos maiores de toda a carreira dos Beatles: “Yesterday”. É a música que mais teve regravações de outros artistas no mundo, com intérpretes que vão de Sinatra ao cantor de ópera Plácido Domingo, passando por Bob Dylan, Marvin Gaye, Ray Charles e até os brasileiros do Roupas Novas.

“Yesterday” também é um caso em que a inveja entre os Beatles aparece de forma mais negativa do que apenas como impulso criativo. Para começar, foi a primeira em que um músico da banda toca sozinho, acompanhado apenas por um quarteto de cordas (na gravação) ou pelo próprio violão (nos shows ao vivo). Em uma apresentação registrada no vídeo *Anthology*, é possível ver Lennon dizendo, ao voltar ao palco em que McCartney interpretara a canção: “Obrigado, Ringo. Foi maravilhoso” – uma provocação, já que alguns desavisados na plateia, em uma época quando os quatro se vestiam iguaizinhos e tinham o mesmo cabelo, podiam voltar para casa confusos sobre quem era o pai de “Yesterday”.

Lennon também contaria sobre um dia em que, ao ser reconhecido acompanhado de Yoko Ono em um restaurante, percebeu que um violinista

do lugar imediatamente começou a tocar “Yesterday”, achando que a música era dele. E no final ainda pediu para o beatle assinar seu violino.

Para se ter uma ideia do ponto a que chegara a rivalidade entre os dois, em 1996, 16 anos após a morte de John Lennon, Paul pediu autorização de Yoko para inverter os créditos em “Yesterday”: do tradicional Lennon & McCartney para McCartney & Lennon, como se ainda precisasse provar qualquer coisa. E sem que o parceiro pudesse lembrá-lo do antigo acordo.

1965 – 1966: O EMPATE

Rubber Soul e *Revolver*, os discos seguintes, são aqueles em que os Beatles demonstram plena maturidade musical e se distanciam da temática *teen* de seus primeiros registros – são considerados por muitos especialistas como os melhores discos da banda e têm algumas de suas composições mais sofisticadas. Nessa fase, Lennon ainda ganha de McCartney no número de composições, mas o duelo já está equilibrado: 12 canções para John, dez para Paul – sendo que *Revolver* já tem mais composições de McCartney. Também fica impossível distinguir quem fez as melhores: os dois estão em um período incrível de superação dos próprios ápices, e em plena harmonia um com o outro. Lennon traz ao grupo “Nowhere Man”, considerada a primeira canção da banda em que o amor não é o tema principal – e também o começo das letras mais reflexivas de John. Da lavra de Lennon ainda há o lirismo de “In My Life”, além de “Tomorrow Never Knows”, música mais experimental do grupo, que aponta o caminho para os álbuns seguintes. Eram os Beatles em uma viagem de LSD, cantando o *Livro Tibetano dos Mortos*.

McCartney não fica atrás. Além daquela ajuda em “Tomorrow Never Knows”, ele vem com “Eleanor Rigby”, uma canção sobre solidão que atingiu o topo das paradas britânicas e, mais importante, rompeu com o rock para experimentar um arranjo de cordas feito por George Martin. Outras duas McCartianas desse período, “For No One” e “Here There and Everywhere”, estão entre as músicas mais bonitas dos Beatles. Renderam elogios até de Lennon, que não era nada chegado a rasgar seda.

E, se John suava ácido lisérgico em “Tomorrow Never Knows”, Paul não deixaria por menos no quesito drogas. “Got to Get You into My Life”,

aparentemente uma canção de amor romântico, com versos como “... did I tell you I need you/ Every single day of my life” (eu te disse que eu preciso de você todos os dias da minha vida?), na verdade falava de outra paixão do baixista: a *Cannabis sativa*.

1967: SOB NOVA DIREÇÃO

É justamente naquele que é considerado o álbum mais importante da música pop que Paul McCartney passa à frente. *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* é um disco todo pensado por ele, idealizado como um álbum-conceito em que os Beatles adotariam uma identidade diferente – a tal banda do sargento Pimenta – para parodiar a dinâmica do *show business*. Essa ideia não deu muito certo: só as duas primeiras canções do disco seguem a proposta. Mas a motivação de criar uma obra que elevasse o rock ao patamar de arte cumpre seu objetivo. A fantasia do disco vai da capa *pop art* ao sonho dentro do sonho de seu desenlace: a música “A Day in The Life”, uma canção de John com outra de Paul no meio.

Na época, o crítico Kenneth Tynan, do *Times*, saudou o disco como “um momento decisivo na história da civilização”. Exagero à parte, a frase seria correta se ele dissesse “na história da música”. O disco ficou 15 semanas no topo da parada da Billboard. Só para dar uma ideia do impacto imediato causado em 1967: *Sgt. Pepper's* foi lançado em uma quinta-feira. No domingo, os Beatles foram assistir a um show de Jimi Hendrix – já considerado uma divindade da guitarra – e ficaram de queixo caído ao ouvir o guitarrista abrir seu show com uma *cover* da primeira canção de *Sgt. Pepper's* – que mal tinha chegado às lojas!

Esse sucesso todo pode ir para a conta de Paul. Além de idealizador da concepção do disco, ele compôs duas vezes mais faixas do que John – oito contra quatro. A liderança se manteve no disco seguinte, *Magical Mystery Tour*, quase uma continuação de *Pepper's*, embora sem o mesmo desequilíbrio: cinco composições de Paul contra quatro de John. Além disso, mais uma vez a obra nascia de um projeto de McCartney, agora envolvendo a realização de um longa-metragem. O filme, dirigido pelos próprios Beatles – quase totalmente por Paul –, é a prova de que o quarteto

de Liverpool tinha jeito mesmo era para música. Não dá para assistir até o fim.

Mas foi nessa fase que os Beatles subiram mais um degrau: de melhor banda do mundo, foram aclamados como gênios do pop.

Internamente, porém, esse período representou outra mudança importante. Paul, aquele garoto que quis impressionar John para entrar na banda dele apenas dez anos antes, estava assumindo o leme. A virada se deu no momento em que Lennon se envolvia com Yoko Ono e também mais profundamente com as drogas, com a heroína tomando o lugar do LSD entre as suas favoritas. Enquanto os interesses de John se multiplicavam e se confundiam, enfraquecendo sua relação com o grupo – e George Harrison estava mais apaixonado pela cultura indiana que pelo emprego de beatle –, o *workaholic* McCartney se via em uma das fases mais produtivas de sua vida.

1968 – 1969: TUDO DE QUE JOHN PRECISAVA ERA AMOR

Entre o Álbum Branco e *Abbey Road*, último disco gravado pelos Beatles, o equilíbrio estava de volta. São 24 canções em que Paul é o compositor, e 22 de John. Outra: agora já não dava mais para falar em quem é o “predominante” em cada canção, porque a partir do Álbum Branco era cada um por si. As divergências durante essa época eram tantas que Ringo chegou a jogar tudo para o alto no meio das gravações – “Dear Prudence” e “The Ballad of John and Yoko” (lançada só como *single*) têm McCartney assumindo as baquetas.

Se o clima entre os músicos era péssimo, a amizade em frangalhos não passou recibo nas composições. O romance com Yoko, apesar de ter contribuído para o fim do grupo, paradoxalmente inspirou Lennon a compor. E ele o fez tanto em quantidade quanto em qualidade. Ficando só nos clássicos reconhecíveis até por quem não entende de Beatles, foi a época em que ele criou “Revolution”, “Across The Universe” e “Come Together”.

Para ficar no mesmo nível, Paul rebateu com alguns dos maiores clássicos da discografia do conjunto, como “Let It Be”, “The Long and Winding Road”, “Get Back” e “Hey Jude”.

A mesma rivalidade invejosa que sempre fez com que Lennon e McCartney buscassem superar um ao outro ao longo dos anos 1960 também contribuiu para um fim melancólico. A troca de acordes virou tiroteio de farpas no epílogo da história mais importante do rock.

O SONHO ACABA: A INVEJA BOA SE TORNA MÁ

Como explica Mikal Gilmore na revista *Rolling Stone*, “na mesma reunião em que anunciou sua saída dos Beatles, Lennon também jogou na cara de McCartney os anos de insegurança e descontentamento que guardava. Ele sentia que Paul o havia eclipsado desde sempre (...) Além disso, Paul tinha simplesmente composto demais, pela avaliação de John. Na época das gravações de *Magical Mystery Tour*, Lennon disse: ‘Ele já tinha cinco ou seis músicas, então eu pensei: foda-se, não consigo acompanhar esse ritmo’”.

A dianteira assumida por Paul, principalmente depois que a banda perdeu seu empresário em 1967, abalou de forma profunda o equilíbrio de forças criado por John para que ele próprio fosse o líder. Isso transformou um sentimento invejoso positivo, que ajudava nas composições, em negativo, levando à ruína da banda. A mudança tinha muito a ver com a insegurança crônica de Lennon, tanto que, dentro do grupo, seu relacionamento mais descomplicado era com o baterista. “Porque Starkey [o sobrenome real de Ringo] não representava nenhuma ameaça artística ou financeira”, diz Peter Doggett, autor de *A Batalha pela Alma dos Beatles*. Mesmo assim, como Lennon não perdia oportunidade para falar mal dos ex-companheiros, Ringo também não escapou dos ataques. Perguntado se o colega podia ser considerado o melhor baterista de rock do mundo, John respondeu: “Ringo não é nem o melhor baterista *entre os Beatles*”.

Se sobrou para o boa-praça Ringo Starr, não faltaria para o agora desafeto Paul McCartney. Basta ouvir a canção “How Do You Sleep?”, do disco *Imagine*, uma sequência de pedradas no ex-colega, com versos como “o som que você faz é música de elevador”, “a única coisa que você fez foi ‘Yesterday’”, “aqueles *freaks* estavam certos quando disseram que você estava morto” e “você vive entre caretas que dizem que você é o rei”.

A desqualificação da música de McCartney por parte de Lennon dispensa análise. Mas a afirmação de que Paul é o rei dos caretas pegou – provavelmente porque combina com o jeitão polido e conservador de McCartney e com as canções açucaradas, como a própria “Yesterday”. Um olhar mais próximo, no entanto, revela o quanto o comentário carecia de fundamento.

Assim que saiu dos Beatles, Paul McCartney virou um milionário hippie excêntrico. Foi morar em um descampado isolado na Escócia com a mulher e as filhas, em uma casa de três cômodos com buraco no telhado. Lá, chamou músicos que formariam sua banda para ensaiar ao ar livre fumando maconha. Na época, ele e a esposa Linda acharam que não faria mal às crianças abandonar a escola e receber educação em casa – ou melhor, no sítio – diretamente dos pais.

Mais: a primeira turnê solo de McCartney com a nova banda foi feita colocando família, cachorro e instrumentos em uma van e um caminhão e caindo na estrada, sem destino. Quando a trupe passava por uma cidade de interior em que houvesse faculdade, alguém ia até a escola perguntar se, por acaso, não estariam interessados em receber um show... de Paul McCartney. Para o mesmo dia, se possível. Imagine o susto dos diretores e a alegria dos estudantes, que nem na mais louca utopia sonhariam ver, no pequeno palco de sua instituição, um beatle apresentando o novo repertório. Menos conservador, impossível.

A ANTIMATÉRIA DOS BEATLES

Era aniversário de Mick Jagger, em 1968, e a celebração acontecia em um bar badalado de Londres, entupido de celebridades – o tipo de evento que faz a festa dos colunistas sociais. O artista aproveitou a presença dos convidados ilustres para mostrar em primeira mão uma cópia do novo disco dos Rolling Stones, *Beggars Banquet* – um dos (muitos) pontos altos da cinquentenária carreira da banda. Assim que os primeiros acordes soaram nas caixas de som, a pista de dança encheu. Sucesso absoluto. Era a noite perfeita para Jagger, que comemorava seus 25 anos com uma recepção calorosa a seu novo disco. Nada podia dar errado naquela noite. Quase nada.

Um dos convidados bacanas do roqueiro era um velho conhecido: Paul McCartney. Justamente quando todo mundo estava enchendo a bola do álbum dos Stones, Macca passou a um dos proprietários da casa um *single* então inédito dos Beatles. No lado A, “Hey Jude”; no B, “Revolution”. O disco foi direto para a vitrola e a festa mudou de dono. “As pessoas exigiam que a canção de sete minutos [Hey Jude] fosse repetida de novo e de novo”, conta o historiador John McMillian, autor de *Beatles vs. Stones*. “Mick ficou irritado.”

Assim como há aqueles que preferem Lennon e os que preferem McCartney, o globo também se divide entre os admiradores dos Beatles e os dos Rolling Stones. Essa rivalidade acabou criando lendas em torno de um suposto antagonismo entre as bandas. Mas é tudo lorota. Os músicos eram amigos, e se ajudavam sempre que possível – o primeiro sucesso dos Stones foi com uma composição que ganharam de presente dos Beatles: “I Wanna Be Your Man”, quando o grupo não conseguia criar um *single* de sucesso, depois da recepção morna de seu primeiro lançamento – “Come On”, regravação de um rock de Chuck Berry. Lennon e McCartney então apareceram no local em que os Stones estavam ensaiando e ofereceram a canção, que estavam preparando para Ringo cantar. Como ainda não tinha sido concluída, os Beatles a finalizaram ali mesmo, na frente dos Stones – que ficaram embasbacados com aquela facilidade de compor à velocidade da luz.

Apesar dessa colaboração altruísta, imperava na relação entre os grupos a mesma inveja benigna que impulsionou a criatividade de Lennon e McCartney.

A primeira vez em que Mick Jagger, Keith Richards e Brian Jones – o trio que liderava o grupo na época – foram assistir a um show dos rivais, os Stones ainda eram pouco conhecidos. Era abril de 1963, e os Beatles já eram tão populares que tocariam no Royal Albert Hall – uma casa de shows que, desde que fora inaugurada pela Rainha Vitória, em 1871, era uma prova do prestígio de quem se apresentava por lá. Para variar, a banda de Lennon e McCartney arrasou, criando aquela histeria típica da beatlemania – e deixando os Stones abalados.

Ao fim do show, o guitarrista Brian Jones foi ajudar os *roadies* dos Beatles a levar os equipamentos da banda para fora, quando foi abordado por uma multidão de garotas enlouquecidas. Com o mesmo cabelo tígela e

pinta de *rockstar*, Jones foi confundido com um beatle. Acabou sendo agarrado de todo lado e no fim distribuiu autógrafos como se fosse um dos Fab Four. Saiu perplexo do agarramento, repetindo a um amigo: “É isso que eu quero! É isso que eu quero!”.

“Os Stones pareciam invejar o sucesso dos Beatles mais do que sua música”, afirma McMillian. E nessa busca pela mesma dose de fama e mulheres a rodo, o grupo contou com a participação fundamental de seu empresário, Andrew Loog Oldham. Em um primeiro momento, ele procurou mimetizar os Beatles, colocando seus músicos para aparecer de terno. Mas sua grande sacada foi perceber que, agindo desse jeito, já começava com o jogo perdido. Então, mudou tudo e transformou a imagem da banda para que os Rolling Stones se transformassem nos antiBeatles. Na mosca.

Enquanto Lennon e companhia pareciam os rapazes para quem qualquer sogra daria a benção, a banda de Jagger foi *maquiada* por Oldham para projetar uma imagem delinquente e sexual. O horror dos pais ingleses. E quer coisa mais atraente na adolescência que ver os pais em pânico?

Só que, enquanto a estratégia de imagem era oposta, os Stones flexibilizaram seu paradigma musical para se aproximar da fórmula dos Beatles. No início, o grupo era purista: só tocava *covers* de blues e *rhythm'n'blues* de artistas americanos. Quando os Beatles estouraram, Oldham obrigou Jagger e Richards a compor suas próprias músicas. A serem os novos Lennon & McCartney. A resistência inicial de Keith Richards à ideia (ele só se via como guitarrista, não como compositor) era tanta que uma das lendas dos Stones diz que o empresário chegou a trancar Jagger e Richards em uma cozinha, com a ameaça de que só sairiam dali quando fizessem sua primeira canção juntos. Eles teriam saído já com “As Tears Goes By”, um dos grandes clássicos dos Stones – uma balada lírica, sem nada a ver com o *rhythm'n'blues* de que a banda era devota. Praticamente uma música de Paul McCartney.

Mais tarde, outro caso explícito dessa inveja benigna aconteceu quando os Beatles produziram sua obra-prima: *Sgt. Pepper's*. Seis meses depois, os Stones lançariam *Their Satanic Majesties Request*, igualmente pretensioso, e seguindo pelo mesmo caminho psicodélico dos Beatles – um ponto totalmente fora da curva na discografia de Jagger e Richards, um álbum que jamais existiria sem a referência dos rivais. Embora tenha sido um dos discos mais criticados da banda – e pela própria: Richards diria que “o

álbum era um monte de merda” –, *Their Satanic...* revelou algumas pérolas que até hoje fazem parte do repertório dos shows do grupo: “2000 Light Years From Home”, “Citadel” e “She’s a Rainbow”.

Quando participou da cerimônia em que os Beatles foram incluídos no Rock and Roll Hall of Fame, Mick Jagger assumiu publicamente a inveja, lembrando um fato do começo da amizade. “Eles tinham cabelo comprido e roupas imundas, mas... Eles tinham um contrato para gravar um disco! E ainda tinham um *single* nas paradas de sucesso, com uma gaita blues, chamado ‘Love Me Do’. Quando eu soube da combinação de todas essas coisas, quase fiquei doente.”

Mas a inveja benigna funcionou no sentido oposto também. Por orientação do empresário Brian Epstein, os Beatles se apresentavam de terninho nos primeiros anos, tinham cortes de cabelo padronizados e Lennon estava proibido de falar publicamente que era casado, para não decepcionar as fãs. Quando os músicos se fartaram da prisão que era essa imagem certinha e, em grande medida, falsa, passaram a ver com inveja o modo descontraído e até desleixado como Mick e Keith podiam aparecer.

Com o tempo, os Stones acreditaram na própria lenda e a turbinaram. Seu comportamento desregrado – principalmente entre os anos 1960 e 1970 – veio a atender as expectativas de um público que gostava deles porque eram selvagens, sexy, perigosos. O jornalista Tom Wolfe descreveria a diferença entre as duas bandas da seguinte forma: “Os Beatles querem pegar na sua mão. Os Stones querem botar fogo na sua cidade”. As incontáveis histórias sobre os *bad boys* iam de uma orgia com direito a barras de chocolate em orifícios íntimos às muitas overdoses a que Keith Richards milagrosamente sobreviveu – ele afirma que só parou com a cocaína com 62 anos, quando caiu de um coqueiro em que tinha subido sob o efeito da droga e acabou hospitalizado com traumatismo craniano.

Mas, naquele início, era como se Beatles e Rolling Stones usassem as máscaras uns dos outros. Os ternos seriam mais apropriados aos estudantes aplicados de classe média alta que eram Mick Jagger e o fundador dos Stones, Brian Jones – Jagger chegou a estudar contabilidade na prestigiada London School of Economics. E o figurino “tô nem aí” dos Stones era uma versão até menos *rocker* do que as roupas que os Beatles vestiam antes de Epstein enfiar os quatro em ternos de tiozinho. Nos shows do Cavern Club, John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Pete Best (o baterista que

seria substituído por Ringo) só se apresentavam de roupa preta e jaqueta de couro. E tocavam versões ultrarrápidas das canções de rock'n'roll dos anos 1950 (um viajante do tempo acharia que eram os Ramones!).

De qualquer forma, John Lennon, Paul McCartney, Mick Jagger, Keith Richards e Brian Jones devem à inveja grande parte da fama e fortuna que conseguiram. Para outro artista, porém, esse pecado capital foi trágico. Era um músico tão genial quanto os protagonistas deste capítulo, mas que terminou paralisado pela inveja: Brian Wilson, o líder dos Beach Boys.

[17](#) A única coisa que você fez foi “Yesterday”/ (...) Como você consegue dormir à noite?

[18](#) Niels van de Ven, Marcel Zeelenberg e Rik Pieters. “Leveling Up and Down: The Experiences of Benign and Malicious Envy”. Tilburg University, 2009.

INVEJINHA



A OBRA-PRIMA QUE NÃO ACONTECEU

A inveja foi generosa com Brian Wilson: por causa dela, ele criou *Pet Sounds*, arroz de festa em todas as listas de melhores discos da história. Mas também foi um desastre: motivou-o em seguida a produzir o álbum mais megalomaniaco do pop – e perder a sanidade mental.

Brian Wilson nunca ficou de pé em uma prancha. O maior compositor de hits sobre surf e amores de verão não sabia pegar onda. Aliás, quase nenhum dos Beach Boys sabia – o único que surfava morreu. Afogado.

A praia do líder da banda era outra: introduzir uma sofisticação inédita na música pop – por meio de arranjos vocais refinadíssimos e de uma instrumentação sinfônica, com elementos nunca ouvidos nos rocks de rádio. Tanto esmero tinha um porquê – ou melhor, dois: John Lennon e Paul McCartney. Eles eram os objetos da inveja crônica de Brian Wilson, a quem

ele sempre se comparou – para a própria fortuna e desgraça. Mas a confrontação não era à toa.

Os Beach Boys eram os Beatles americanos. Começaram na Califórnia como um fenômeno local antes mesmo que o mundo começasse a prestar atenção aos caipiras de Liverpool. Em 1962, já tinham lançado um álbum, *Surfin' Safari*, que incluía a canção homônima e o primeiro *single* do grupo: “Surfin’”. No ano seguinte, a banda fez tanto sucesso que soltou três LPs em sequência: *Surfin' USA*, *Surfer Girl* e *Little Deuce Coupe*. Em três anos, os garotos da praia tiveram nove discos de ouro. Consecutivos. Parecia o topo do mundo – mas não para o líder do conjunto.

“Surfin’”, “Surfin’ Safari”, “Surfin’ USA”, “Surfer Girl”... A inspiração monotemática das letras de Mike Love – o que tem voz de desenho animado no grupo – vinha limitando a imensa capacidade criativa de Brian Wilson. Love só queria saber de surfe, carrões envenenados e romances adolescentes. Tudo, de preferência, embalado por rock simples, *surf music* com arranjos vocais emprestados das bandas de doo-wop (que usam *backing vocals* harmônicos à exaustão).

Não era o que andava pela cabeça de Brian – o dono da voz em falsete no conjunto. Ele já vinha rebuscando cada vez mais suas canções até que, em dezembro de 1965, aconteceu um dos eventos-chave da música pop: o líder dos Beach Boys ouviu o primeiro álbum da fase de amadurecimento dos Beatles. E nunca mais foi o mesmo. “Eu estava fumando maconha e ouvi *Rubber Soul* pela primeira vez. ‘Norwegian Wood’, ‘Michelle’... Aquelas canções abriram minha mente e me tiraram do chão. O disco era tão bom que eu me senti com vontade de competir. E disse a mim mesmo: ‘Preciso criar algo tão bom quanto *Rubber Soul*’.”

Na época, o resto dos Beach Boys estava em turnê no Japão, enquanto Brian havia ficado em casa por ter tido um ataque de pânico em uma viagem de avião. Ele aproveitou esse tempo sabático para compor sua resposta ao disco dos Beatles: *Pet Sounds* – o segundo melhor álbum da história do pop, segundo a revista *Rolling Stone*. Brian passou dois meses, no comecinho de 1966, escrevendo músicas em parceria com Tony Asher, um publicitário especialista em jingles. Saíram as letras surfistinhas, entraram questionamentos adultos. Mas o mais importante era a música. Pela primeira vez, um álbum superava a obra beatle em ousadia. Além da composição, Wilson produziu o disco e fez todos os arranjos. O que se

ouviu foi algo completamente inovador: os elaborados jogos vocais e as partes de cordas se somavam ao uso de instrumentos raramente usados no pop, como vibrafone, bandolim e acordeão, ou a sons nunca usados: buzinas de bicicleta, latidos de cães etc. Toda a criatividade que se associa aos anos 1960 estava condensada ali – mas na forma de uma autobiografia emocional. Um avanço tão grande que não era para qualquer ouvinte – tanto que a gravadora fez pouco caso da obra.

Por que mexer na fórmula que estava enchendo o cofrinho, com os hits sobre surfistas e *cheerleaders*? A descrença era tamanha que a Capitol decidiu lançar uma coletânea – *The Best of The Beach Boys* – paralelamente, só para garantir alguma venda. Mas, apesar da falta de apoio interno, *Pet Sounds* fez sucesso. Vendeu bem, chegou ao *top 10* americano e forçou a gravadora a mudar a imagem da banda. A publicidade dos Beach Boys foi orientada a descartar o perfil *surf music* e enfatizar a genialidade de Brian. O maior prestígio, porém, veio da Inglaterra.

Andrew Loog Oldham, empresário dos Stones, comparou o disco a uma experiência religiosa: “Eu cresci em uma família agnóstica, mas *Pet Sounds* me fez ter fé”. Lennon e McCartney também ouviram o álbum, juntos. E de cabo a rabo, duas vezes em sequência. O resultado dessa audição os motivaria a criar o único disco que ficaria à frente do de Brian na lista da *Rolling Stone*. “Acredito que, sem a influência dele, *Sgt. Pepper’s* não teria sido o fenômeno que foi”, afirmou George Martin, produtor dos discos dos Beatles. “Uma das melhores coisas na música de Brian Wilson é sua imprevisibilidade. Ele evitava clichês, dava às melodias mudanças de direções incríveis de ouvir. Sua música nos leva a um lugar novo e bonito.”

Paul McCartney virou fã, e nunca deixaria de admitir que *Pet Sounds* o estimulou a fazer o seu melhor trabalho. Até hoje declara que “God Only Knows”, uma das parcerias de Wilson e Asher no álbum dos Beach Boys, é a canção mais linda que já ouviu.

Tantos aplausos mexeram com a autoimagem do californiano – ele tinha superado os Beatles. Sua inveja benigna fora aplacada. Então, Brian achou que podia dar um passo além, algo que acabasse com qualquer concorrência possível. Foi sua ruína.

Ainda em 1966, Brian Wilson começou a se dedicar totalmente ao que seria o disco dos discos. O pop supremo, que marcaria para sempre seu

nome na história – e o confirmaria como superior a Lennon & McCartney. O mítico álbum *Smile*.

Dessa vez, chamou o letrista Van Dyke Parks e passou a gravar e regravar dúzias de partes musicais – às vezes conexas, às vezes caóticas. Seu perfeccionismo, que fez meses e meses se passarem sem que nada ficasse pronto, só não foi maior que seu consumo de drogas e os problemas mentais que enfrentou no período. Brian, que já sofria antes com crises de ansiedade, piorou bastante. Começou a ficar paranoico de fato. Acreditava que estava sendo perseguido e que seu telefone tinha sido grampeado. Marcava reuniões com os músicos de estúdio dentro da piscina – já que não dá para grampear ninguém dentro d'água.

A gravadora pressionava: ele tinha que mostrar alguma coisa. O tempo estava passando, era preciso dar sequência ao sucesso de *Pet Sounds*. Até que, finalmente, Brian lhes ofereceu um aperitivo: a música “Good Vibrations”, que foi chamada na época de “sinfonia de bolso”, tamanha era a sofisticação de seu arranjo. Era a perfeição encarnada em notas musicais, melhor que tudo que o pop já tinha produzido. Isso criou uma expectativa enorme pelo que seria o resto de *Smile*. Mas era só o ponto mais alto de uma ladeira.

Quando Brian Wilson decidiu mostrar aos outros Beach Boys as partes que já estavam prontas – eles só participariam dos vocais –, enfrentou um sentimento que não esperava dentro do grupo: rejeição total, principalmente de Mike Love, o evangelista do surfe *fake*. Não que eles achassem *Smile* necessariamente ruim. Só não tinha nada a ver com eles.

De todos os obstáculos possíveis à finalização do disco, a desaprovação dos próprios Beach Boys foi o que mais afetou o instável gênio por trás da música. Brian ficou magoado de verdade. Nada valia tanto quanto o apoio daquele grupo que era sua família – família de fato, ele tinha dois irmãos e um primo na banda. Esse suporte tinha ido para o buraco.

Some a esse conflito a fragilidade psicológica de um músico afundado nas drogas, com mania de perseguição, que andava ouvindo vozes, mais a pressão diária da gravadora. E pior: o disco era impossível mesmo de terminar. A megalomania de Brian na busca do álbum perfeito criou uma infinidade de camadas de sons e partes de canções. Era um quebra-cabeça difícil demais.

Essa avalanche de desgastes transformou *Smile* no mais famoso disco não lançado da história da música (até seria remontado nos anos 2000, mas aí já é outra história). Seu criador entrou em parafuso e jogou a toalha. Mas o que ficou marcado como determinante dessa desistência acabou sendo a conhecida inveja do líder dos Beach Boys. No auge da frustração, Brian Wilson andava de carro com um amigo quando ouviu no rádio um novo single dos Beatles. Era “Strawberry Fields Forever”, uma das melhores canções de John Lennon.

Brian imediatamente parou o carro no acostamento, balançou a cabeça inconformado e disse: “Eles conseguiram, eles já fizeram”. O amigo, já se acostumando às maluquices do músico, perguntou: “Já fizeram o quê, Brian?”.

“Tudo o que eu queria fazer.”

Piorou quando McCartney pegou um avião para a Califórnia para lhe mostrar pessoalmente e em primeira mão, sozinho ao piano, outra das canções que fariam parte de *Sgt. Pepper's*: “She’s Leaving Home”, uma música sobre uma garota que foge da casa dos pais. No disco, a faixa teria um arranjo de cordas dramático, com uma harpa à frente, e um jogo vocal em que Lennon faz comentários cantados ao tema da voz principal, como no coro grego. Paul apresenta a crônica de independência da jovem e John faz seu contraponto: é o lamento dos pais, que fizeram de tudo pela menina. No fim, o dueto de gerações se une em um adeus: “Bye byeeeeee”.

Brian Wilson e a esposa choraram quando Paul McCartney parou de tocar. Terminar *Smile* já não fazia sentido.



A TIMELINE DO VIZINHO
É MAIS VERDE

Diz a música do Chico Buarque: se você procurar bem, vai descobrir que todos têm piolho e unha encardida, “só a bailarina que não tem”.

No Facebook todo mundo é a bailarina do Chico: amigos viajados, colegas bem-sucedidos – até os pratos de comida são lindos. E isso é ruim para todo mundo. Saiba como a inveja move as redes sociais e entenda por que o Facebook pode deixar você mais triste.

"Eu invejo os paranoicos: eles realmente acham que as pessoas estão prestando atenção a eles."

Susan Sontag, intelectual americana

Todo dia Eduardo faz tudo sempre igual. Chega do batente, calça as pantufas, esfrega álcool gel nas mãos, coloca a comida no micro-ondas e vai checar o Facebook. Só que, nesse dia, ele recebeu uma solicitação de amizade, algo incomum no relóginho que é a sua rotina. Ele achava que todo mundo já estava no “seu Face”. O convite vem de Aurélio, o gerente de tecnologia da empresa. Eduardo aceita – claro, por que fazer desfeita? Mas, na verdade, não é amigo do outro na vida off-line. Aliás, não se lembra de ter trocado com Aurélio mais que o aceno de cabeça protocolar. Então, acha sensato e de bom-tom dar uma olhada no histórico on-line do novo “amigo”. Quem é Aurélio fora da firma? Que grande coração seus compartilhamentos na rede social podem revelar? Aí vem o susto. Dois meses antes, Aurélio publicou uma foto do polegar do pé. Sem a unha. E comentou: “Chutei a trave, de novo”. Ninguém curtiu. A imagem seguinte é do seu filho saindo de uma piscina de competição com cara de emburrado. “Mais uma olimpíada do colégio. O Lelinho ficou em último, coitado”. Zero curtidas. Então, Eduardo descobre que o gerente faz parte do grupo Deprimidos de Indaiá – O Buraco é Mais Embaixo, e de outro: Intestino Irritável – Eu Sofro Disso. Não é possível. Edu fica tão abalado que procura o perfil do colega no Instagram – a rede social só de fotografias e vídeos. E é um passeio no trem-fantasma: uma foto de multa por dirigir bêbado (“Nem me lembrava, amnésia alcoólica”), outra da mulher de Aurélio com o olho roxo (“Para aprender”) e uma da própria vista, com conjuntivite (“Todo ano tenho isso”). Para completar, a última é do para-choque do carro, destruído (“Bebi de novo. Mas dessa vez o guarda não viu. Só o poste”).

Você percebeu: esses personagens são inventados. Ninguém expõe propositalmente uma autoimagem tão negativa nas redes sociais – ninguém bom da cabeça, pelo menos. Pelo contrário: o Facebook e o Instagram são,

durante a maior parte do tempo, cenários idílicos de gente se divertindo – além das refeições mais fotogênicas de todos os tempos.

Praias poluídas, impróprias para banho, ganham cara de Polinésia. Sujeitos feios só aparecem em seus ângulos mais favoráveis. Crianças hiperativas surgem quietas e fofas, com um coelhinho no colo. E ninguém esquece a data do aniversário de ninguém, mesmo que evite a pessoa no dia a dia. Parece o reino encantado da falsidade. Só que tem uma coisa: na vida real é igualzinho.

Quem só fala de doença ou de falta de dinheiro acaba bebendo sozinho em um canto da festa. O que as pessoas projetam em suas interações pessoais são as coisas boas e invejáveis – vide os antigos *slides* de viagem com que se torturavam parentes. A diferença é que a internet permite uma curadoria de imagem em nível inédito: uma distribuição diária de fotos em que ninguém vê ninguém de TPM, ressaca ou com herpes bucal.

Uma ilustração exata dessa escolha de como se expor está representada no curta-metragem *What's on Your Mind?* (“O que você está pensando”), do norueguês Shaun Higton, que se tornou viral no YouTube. O filme mostra um personagem fictício, Scott, que, invejoso das fotos dos amigos na rede social, começa a publicar imagens e comentários falsos, nos quais sua vida é um mar de rosas. E, assim, ele ganha o que lhe parece mais importante: dezenas a centenas de *likes*. Scott posta, por exemplo, uma foto com fone de ouvido e camiseta de malhação, respirando pesado em meio à natureza, e comenta que acabou de correr 20 quilômetros. Só que volta para o sedentarismo dentro do carro assim que faz o registro. Depois, quando descobre que é traído pela mulher, escreve: “Finalmente solteiro! Quem quer ir para a balada?” – e recebe 42 *likes* –, ainda que, na verdade, esteja desolado com o abandono. Já ao ser abordado por uma prostituta na rua, tem uma ideia e muda seu status de Facebook para “Scott está num relacionamento aberto” – 103 *likes*. Finalmente, quando é demitido, anuncia que *largou* seu emprego, adicionando a hashtag #followyourdreams (siga os seus sonhos) – e com essa estratégia ganha 247 *likes*.

Explicando sobre o filme em uma entrevista, Higton afirmou: “Eu estava olhando o meu Facebook e pensei, ‘todo mundo parece fantástico o tempo inteiro’. Não seria legal seguir esse cara que está em uma espiral decadente e, enquanto sua vida afunda, seus *likes* na rede aumentam?”.

O que o diretor quis mostrar é que, embora a ilusão de sucesso social nas redes de internet projete uma imagem positiva, ao mesmo tempo pode provocar uma compulsão por reafirmar a própria felicidade. E isso – como o filme deixa claro – não é coisa de gente feliz.

Um estudo da Universidade de Denver, nos Estados Unidos, analisou os efeitos paradoxais da supervalorização da felicidade¹⁹ e revelou algo surpreendente. De modo geral, damos destaque a aspectos da vida em que temos bom desempenho. Ou seja, quem gosta muito de música pode se tornar um musicista habilidoso ou dono de uma grande coleção de discos. E você viu na escola: quem valoriza o estudo ganha as melhores notas. Mas essa relação, curiosamente, não funciona para a felicidade. Aliás, segundo os pesquisadores, é o contrário: “Quanto mais as pessoas valorizam a felicidade, menor é o seu equilíbrio hedonista, seu bem-estar psicológico e sua satisfação com a vida – e maiores os seus sintomas de depressão”.

E outra: a pessoa que expõe demais seu cotidiano *incrível* no Facebook pode ser a mais carente da turma. Um estudo da Union College, também nos Estados Unidos, mostrou que as pessoas mais inseguras são as mais engajadas nas redes sociais – as que mais publicam fotos, atualizam status e comentam o que os outros estão fazendo²⁰. “Em comparação com as pessoas mais seguras, essas que têm alto nível de ansiedade por afeição são mais sensíveis à retroinformação”, disse Joshua Hart, professor de psicologia e principal autor do estudo. “Elas se sentem muito melhores consigo mesmas quando ganham muitos comentários, curtidas e outros retornos sobre os seus posts, e piores quando a sua atividade gera pouca atenção”.

As redes sociais, portanto, mostram as pessoas mais felizes do que elas realmente são. Disso dava para desconfiar. O que não se sabia até pouco tempo atrás é que esse compartilhamento dos aspectos gloriosos de cada um pode piorar a vida de muita gente. Pessoas que acreditam no marketing pessoal dos amigos, parentes e colegas de escritório. E assim acabam naufragando em um dilúvio bíblico de baixa autoestima, e de sua consequência natural: a inveja.

COMPAROU, PERDEU

Você compraria o título de um clube se soubesse que, de cada dez sócios, quatro se sentem mal quando botam os pés ali? (Num lugar onde, teoricamente, eles vão para se divertir.) A má notícia é que esse é o seu clube – você já faz parte dele. A boa é que não precisou pagar pelo título: a associação ao Facebook é de graça.

Em estudo feito na Alemanha e divulgado em 2013, usuários dessa rede social foram questionados sobre o que sentiam ao acessar a plataforma²¹. E os tais quatro em dez não ficam nada bem: os sentimentos vão de frustração e ansiedade à depressão. Mas qual o motivo desse baixo astral? É justamente uma derivação nova do pecado que é tema deste livro. Só que exclusiva do século XXI: a “inveja de Facebook”.

Na primeira etapa do estudo, 357 pessoas tiveram de relatar as emoções que sentiram na última vez em que entraram na rede social. As respostas tenderam mais para ruins que para boas: oito sentimentos negativos e cinco positivos. Quase 40% dos respondentes se sentiram mal – para esses, chateação, raiva e frustração foram os sentimentos predominantes. Vale notar que, até esse ponto, ao falar sobre si, só pouco mais de 1% respondeu que já tinha sentido inveja.

Aí os pesquisadores passaram a outra etapa – que geralmente acaba resultando em respostas mais do fundo do coração: eles perguntaram o que os participantes achavam que causava frustração *aos outros* no uso do Facebook. Aproximadamente 30% apontaram como motivação principal a inveja em relação ao que os outros publicam. Muito mais que a “falta de atenção” (19,5%) – que é quando a pessoa não recebe comentários ou curtidas de seus amigos.

E, já que o assunto tinha se encaminhado para a frustração, perguntou-se aos participantes quantas vezes eles se sentiam frustrados acessando a rede social: 36,4% disseram que “no mínimo às vezes, ou mais frequentemente que isso”. E por quê? Aí eles passaram recibo: 29,2% disseram que era inveja, mesmo.

O estudo identificou que os maiores motivos para invejar as atualizações dos amigos são “viagem e lazer”, com impressionantes 56,3% das respostas – para efeito de comparação, apenas 2,8% se disseram invejosos do sucesso profissional dos outros. Quando os pesquisadores investigaram as causas de inveja off-line das mesmas pessoas, a diferença entre boa vida e

trabalho ficou bem menor: 19,3% para viagem contra 15,5% para uma bela carreira.

A inveja nas redes sociais também opera diferentemente entre os gêneros. Os homens tendem à autopromoção nas informações do seu perfil, tentando comunicar seus feitos – pessoais e profissionais – e assim estabelecer um status poderoso. Já as mulheres enfatizam mais seus atributos físicos e a própria sociabilidade. Mas nem ele precisa dizer que foi promovido, nem ela tem de mostrar um corpo esculpido na malhação. Segundo o estudo, “o conteúdo compartilhado não precisa ser de ostentação explícita para que sentimentos de inveja floresçam. Um usuário solitário pode invejar os numerosos cumprimentos de aniversário recebidos por um par mais sociável. E, igualmente, a mudança do status de um amigo de ‘solteiro’ para ‘num relacionamento sério’ pode causar uma devastação emocional”.

Se já seria ruim saber que os momentos importantes dos nossos conhecidos do Face dão inveja, prepare-se. Fica pior. Porque esse sentimento leva a outros males, como ter medo do espelho.

Um trabalho conjunto de faculdades dos Estados Unidos e do Reino Unido, feito só com mulheres, mostrou que, quanto mais elas ficam no Facebook, maior a tendência de compararem seu corpo com o das amigas²², e de acharem defeito no próprio. O que podia ser só uma invejinha de gente com o corpo sarado – ou encolhendo a barriga nas fotos – pode ter consequências mais graves. “Uma autoimagem ruim do próprio corpo pode levar ao desenvolvimento de uma relação patológica com a comida”, diz Petya Eckler, da Universidade de Strathclyde, na Escócia. “A atenção aos atributos físicos pode ser ainda mais perigosa nas mídias sociais do que nas tradicionais, porque os participantes são pessoas que nós conhecemos.” É, mais uma vez, a tal da similaridade, base de qualquer inveja que se preze. Quando uma garota compra uma revista de *fitness* para ficar com o corpo igual ao da Megan Fox, isso é admiração. Mas quando ela lamenta porque nunca vai ficar com a barriga de tanquinho da colega da faculdade, isso é inveja. E a inveja, como vimos nos capítulos anteriores, é a antessala da infelicidade.

“Se o Facebook for usado para ver como seus conhecidos estão se dando bem financeiramente ou como um velho amigo está no seu relacionamento amoroso – fatores que provocam inveja entre os usuários –, a rede social

pode levar a sentimentos de depressão.” Quem afirma é Margaret Duffy, professora de comunicação estratégica da MU School of Journalism. Margaret pesquisou²³ o comportamento de jovens usuários do Facebook e descobriu que alguns deles usam a plataforma em “modo de vigilância”. Ficam policiando as publicações dos amigos só para comparar se a vida deles está ou não melhor que a sua própria e, ao constatar que talvez esteja mesmo, já que tanta gente posta imagens de férias extravagantes e de relacionamentos felizes, acabam deprimidos.

Para combater essa emoção negativa, os usuários tendem a melhorar a própria exposição, retroalimentando a corrente de invejas. Como diria o Chico Buarque em sua “Ciranda da Bailarina”, “todo mundo tem remela/ quando acorda às seis da matina (...) Só a bailarina que não tem”. Manter a fachada de bailarina do Chico também é uma fonte de estresse. “Colocar fotos online regularmente para os outros verem criou uma mentalidade de ‘pronto para a câmera’ no público”, afirma Dzido Szoltysek, autor do livro *Focus: Is Facebook Bad for Us?* (Foco: O Facebook é ruim para a gente?, sem edição nacional). “Nós nos preocupamos mais sobre como vamos aparecer em qualquer circunstância. Essa preocupação aumenta conforme há uma câmera por perto, de modo que temos de nos esforçar diariamente para que essa exposição on-line só mostre o que temos de melhor.”

E o problema não para por aí. Lá no fundo, sabemos que a imagem publicada é resultado de uma produção hollywoodiana. A fotografia on-line – perfeita, imaculada – não traduz tão bem quem nós somos. E sabemos disso, o que pode gerar insegurança dessa máscara cair, fazendo com que forcemos ainda mais nossa imagem positiva – um círculo vicioso de baixa autoestima e autopromoção.

Aí você se pergunta: com tanto sentimento negativo associado, ainda dá para ter prazer no Facebook? Opa, claro que dá – ou os 1,39 bilhão de usuários da rede (mais que a população da China) seriam todos masoquistas crônicos. Há um porquê de você checar sua *timeline* quando está no banheiro, no trânsito ou no meio daquele jantar romântico tão planejado. E a resposta está no funcionamento do seu cérebro.

A CULPA É DA DOPAMINA

O filme está para começar. As luzes do cinema já se apagaram, os comerciais já passaram, os *trailers* estão terminando. Só uma luz permanece acesa na fileira de poltronas em que você está sentado. É o seu celular. É você.

Na fila do caixa do supermercado, duas pessoas reclamam da cliente desatenta, que mal ouve a funcionária do lugar repetindo: “As suas compras, senhora”. Sim, é você de novo.

No jogo de futebol, o Flamengo marca o gol decisivo no último segundo da prorrogação. Contra o Vasco. Mas você não viu. Estava compartilhando uma *selfie* beijando o escudo do time com o Maracanã ao fundo. Sim, você.

É sempre você. Somos nós, com os olhos grudados em nossas telinhas, tirando o celular do bolso nos momentos mais inoportunos. Desviando a atenção de reuniões de trabalho, encontros, almoços de família. Deixando nossos interlocutores balbuciando sozinhos em mesas de bar e restaurante, na fila do teatro... Na cama. Virou notícia o vídeo em que o desenvolvedor de software Dana Hanna sacou o celular do bolso no próprio casamento e, quando o juiz de paz disse que ele podia beijar a noiva, Dana primeiro atualizou seu status no Facebook para “casado” – uma brincadeira, claro, mas que retrata bem o que se passa na cabeça de todo mundo.

Sim, publicar a vida virou, mais do que um hábito, uma compulsão coletiva. Mas será que todo mundo resolveu perder a educação e o bom senso ao mesmo tempo? Ou o Facebook é uma hipnose diabólica dominando nossas mentes? Talvez seja, se você acha que a TV também é uma máquina do capeta, e o controle remoto, seu instrumento de dominação.

Isso porque o processo responsável por responder aos apelos das redes sociais é o mesmo que nos faz ficar zapeando na televisão sem decidir por um canal – para desespero de quem mais estiver no sofá. E isso tem a ver com o mecanismo de recompensa do cérebro.

A forma como a massa cinzenta processa a recompensa engloba um neurotransmissor que faz a nossa felicidade, mas também nos joga no fundo do poço dos vícios: a dopamina. Essa relação está na base da formação dos nossos hábitos.

Em certas áreas cerebrais, a dopamina nos dá um sentimento de satisfação após atividades que têm a ver com a manutenção da nossa sobrevivência, como comer e fazer sexo – assim, passamos a desejar esses atos, e queremos repeti-los sempre que possível. O que explica você comer mesmo

quando não está faminto, por exemplo. Mas o que isso tem a ver com a sua compulsão por navegar nas redes sociais? É que a dopamina também adora uma incerteza. O desconhecimento do que virá no próximo post ou na foto seguinte é justamente o que faz o neurotransmissor entrar em ação, e nos impele a não perder nada do que nossos amigos estão publicando na internet.

Satisfazer essa breve ignorância dá prazer. Daí aquele friozinho na barriga sempre que abrimos o Facebook pela primeira vez no dia. Quantas novidades nos esperam ali? A compulsão é semelhante à que leva ao consumo de drogas, porque, assim que checamos uma foto ou um comentário, a satisfação vai embora. Igual à de quem fuma crack. Quantas vezes você já se pegou curtindo links publicados por amigos – uma notícia, um vídeo etc. – sem necessariamente abrir o link, ler a notícia ou ver o vídeo?

É exatamente o que acontece quando você se apodera do controle remoto da TV. Muitas vezes, o mais difícil é parar de mudar de canal. A diversidade trazida pela TV a cabo à programação televisiva é semelhante à multiplicidade de conteúdos apresentados por seus amigos nas redes sociais. Ela cria imprevisibilidade, e o seu cérebro tem prazer com isso – mais até do que com o conteúdo que você acaba vendo. “Enquanto esse gatilho da dopamina está sendo manipulado e alimentado pela nossa atividade, são os nossos desejos psicológicos inerentes que direcionam as ações em relação ao uso e a estar no site”, explica Szoltysek.

Esse gozo não se resume a checar o que os outros estão dizendo nas redes sociais. Compartilhar as suas opiniões e as fotos do fim de semana é uma ação que faz o cérebro pular ainda mais de alegria.

TE CONTEI?

Humanos sentem prazer em compartilhar informação. Segundo um estudo feito pela Universidade de Harvard em 2012, até 40% de tudo o que a gente fala tem um objetivo só: informar os outros sobre as nossas próprias experiências²⁴. E 80% do que publicamos nas redes sociais também. Outros estudos recentes, que serviram de base para os pesquisadores, mostram que esse impulso por compartilhar ideias é uma motivação específica da nossa

espécie – é um dos fatores que nos fazem ser humanos. Assim, as oportunidades de passar adiante essas informações – publicá-las no Facebook, por exemplo – são vistas como experiências recompensadoras. É o mesmo crack de quem tem aquele comportamento passivo na internet.

A relação entre uso de redes sociais e vício em drogas é tão clara que o jornalista Ben Dreyfuss, em um artigo para a revista norte-americana *Wired*, comparou cada rede a uma droga, associando os efeitos. O Facebook seria o álcool: todo mundo usa, até o deputado conservador, até a sua tia-avó. O Twitter é como o cigarro: no começo o seu corpo estranha, depois fica totalmente viciado. Já o YouTube é a maconha: nem chega a ser uma rede social de verdade (pelo jeito, o autor é a favor da descriminalização).

Voltando ao estudo realizado pela universidade americana: os participantes passaram por exames de ressonância magnética, para que os pesquisadores pudessem verificar a atividade cerebral enquanto eles falavam sobre suas próprias crenças e opiniões, ou sobre as de outras pessoas. Os exames revelaram duas descobertas interessantes. A primeira é que, quando as pessoas compartilham suas experiências, elas ativam justamente a região neural associada com a recompensa no cérebro: o sistema límbico, no qual está o maior número de receptores da dopamina.

A segunda é que essa região tem muito mais atividade quando falamos de nós mesmos do que quando abordamos as crenças e opiniões de outras pessoas. Até certo ponto, fomos moldados para o narcisismo. “Os humanos são muito propensos a compartilhar porque isso representa um evento com valor intrínseco, da mesma forma que acontece com recompensas mais primárias, como comida e sexo”, aponta o estudo.

Ou seja, compartilhamos fotos e nossos pitacos sobre política, futebol e novela porque isso dá prazer. O mesmo prazer que temos quando olhamos para a carne na churrasqueira ou estamos bem acompanhados embaixo do edredom. Esse gosto de falar de nós mesmos já existia, naturalmente, antes que inventassem celulares, câmeras digitais, e-mails, WhatsApp... Antes que existissem a internet e a revolução criada por Mark Zuckerberg – o pai bilionário do Facebook. Isso significa que a frustração, depressão e inveja associadas à comparação desfavorável entre nós e nossos pares não representam um risco à longevidade da rede social. Nosso apego a ela está nos nossos genes.

Mas e se fosse possível abrandar esses sentimentos enquanto usamos o Facebook? Melhor uma estratégia de redução de danos que nenhuma estratégia. Foi o que aconteceu nos Estados Unidos, onde um *plug-in* para o site se tornou a chave para minimizar a comparação negativa que a *timeline* alheia é capaz de provocar. É o que vamos ver agora.

AFOGADO EM NÚMEROS

Se você tivesse de medir o quanto é querido no Facebook, como faria? A matemática é um bom parâmetro. Na média, cada usuário tem 338 amigos. Bastante, né? Você tem menos? Calma, porque esse número é vitaminado pelas pessoas superpopulares – cerca de 40% das pessoas têm menos de cem contatos na rede.

E cem é o suficiente. Ter 1 milhão de amigos, como queria Roberto Carlos, pode ser bom para vender discos ou para divulgar seu trabalho, mas não conta nada em termos de amizade para valer. Isso porque a capacidade do ser humano de se relacionar é igual a um copo de chope: quando está cheia, o que você colocar a mais vai derramar na mesa. O nosso copo de chope mental só comporta 150 relacionamentos, segundo o antropólogo de Liverpool Robin Dunbar, que estudou a relação entre o tamanho no neocórtex cerebral e a dimensão das nossas redes de contatos²⁵. Dunbar mostrou que mesmo os usuários de Facebook com mais de mil amigos na rede só conseguem se relacionar de verdade com 150 – um pouco mais ou um pouco menos, dependendo da pessoa. Você pode até compartilhar aquele vídeo do cachorrinho que dá cambalhota para milhares de pessoas, mas só dá conta de se comunicar em um padrão mais intenso com um grupo bem menor. Como Malcolm Gladwell aponta em seu livro *O Ponto da Virada*, se uma empresa cresce e fica com mais de 150 empregados, a produtividade entra em queda até que a estrutura seja dividida em equipes menores. Um diretor-executivo não lida bem com 200 profissionais, mas, tratando diretamente com 20 chefes de equipes, ele consegue que todos cooperem e busquem um objetivo em comum.

Então para que serve ter muitas centenas de conhecidos na sua rede social? Para fazer inveja aos outros – mais especificamente às pessoas que se sentem diminuídas quando comparam seus próprios números no

Facebook com os de seus conhecidos. Gente como o americano Benjamin Grosser.

Grosser admite ser um usuário pesado da rede social mais popular do mundo. Mas essa é uma relação de amor e ódio. Alguns anos atrás, ele percebeu que o seu comportamento no Facebook não vinha mais sendo a experiência prazerosa que todos esperamos. Notou que estava dando muito mais importância à matemática da rede do que às fotos e ao restante do conteúdo. Como assim? Grosser – como muita gente sem diagnóstico – andava obcecado com as contagens do Facebook: quantos amigos tinha em comparação com seus conhecidos, quantos *likes* cada foto sua conquistava, quantos comentários ganhava em cada post. Parece familiar? Pois é.

Então, em 2012, ele inventou um *plug-in* para liquidar com essa comparação invejosa: o Facebook Demetricator. Parece nome de produto das Organizações Tabajara, mas existe mesmo. O que ele faz? Remove todas as métricas da interface da rede social. Assim, quem usa o *plug-in* vê o Facebook quase completamente igual – só que sem os números. Se você publica uma foto às 10 horas da manhã e volta a abrir a plataforma à tarde, pode descobrir que alguém curtiu sua foto, mas não é informado sobre *quantas* curtidas aconteceram. Já se você tiver interesse em investigar o perfil de um amigo novo, não vai saber quantos amigos ele tem. E a motosserra dos números atinge ainda a quantidade de compartilhamentos e de comentários – além do conjunto de notificações que vemos na hora do *login*.

A ideia é ótima como prevenção contra a ansiedade. O indivíduo para de comparar seu número de curtidas com o dos amigos. E assim o *plug-in* atua no sistema nervoso central da inveja, desarmando parte da bomba que a rede social joga no nosso equilíbrio emocional.

Mas será que o Facebook sabota as nossas emoções de propósito? Parece que sim. Em janeiro de 2012, o próprio site fez uma experiência para ver se podia controlar os sentimentos de 700 mil usuários durante uma semana. E sem avisar as cobaias. O objetivo era ver se as publicações exibidas nos *feeds* de notícias teriam a capacidade de fazer alguém ficar mais alegre ou mais triste. Deu certo: pessoas que receberam conteúdos com teor mais negativo – gerados pelo algoritmo do Facebook – depois postaram mensagens mais tristes. Quando o estudo foi divulgado em um jornal científico, gerou revolta. A ética da companhia foi questionada. Afinal, o

experimento mexeu negativamente com as emoções de milhares de pessoas que nem sabiam que estavam participando de um teste – o que não chegou a surpreender quem conhece a história do fundador do Facebook.

Se você assistiu ao filme *A Rede Social* (2010), de David Fincher, viu a ascensão à fortuna de Mark Zuckerberg, um personagem sem empatia – quase um sociopata –, capaz de qualquer coisa pelo sucesso do brinquedo que criou no seu dormitório em Harvard, no dia 4 de fevereiro de 2004. Antes, o site chamava Thefacebook, com o artigo antes do nome – mas já era azul, porque Zuckerberg é daltônico, e essa cor é a que ele enxerga melhor.

O filme é baseado no livro *Bilionários por Acaso – A Criação do Facebook*, escrito pelo americano Ben Mezrich. Mostra um Zuckerberg traindo o outro sócio fundador da empresa, o brasileiro Eduardo Saverin – e, pior, roubando a ideia da rede social de três colegas de Harvard. (Foi processado por todos, no filme e na vida real.) Uma pessoa assim deve ser capaz de tudo, certo? Até de criar uma ferramenta capaz de brincar com os sentimentos de seus usuários.

“As pessoas são elas mesmas no Facebook”, já disse Sheryl Sandberg, chefe de operações da empresa homônima à rede social. Mentira. Como vimos, não somos 100% honestos na plataforma. Praticamente, só mostramos o nosso lado bom – ou o que acreditamos que sejam as nossas virtudes. E só publicamos as fotos em que estamos bonitos ou engraçados. Mas, claro, a função de Sandberg – e a de todo o marketing ligado ao Facebook – é dar a entender que o ambiente da rede é o mais saudável possível e que está todo mundo lá para celebrar os valores da amizade, gerar informação positiva e, quem sabe, mudar o mundo. O que vimos, no entanto, é que o uso pesado do Face está associado à baixa autoestima e à inveja derivada de comparações negativas com nossos amigos, e que o mecanismo de recompensa disparado pela rede em nosso cérebro tem um poder viciante semelhante ao das drogas pesadas.

O LADO BOM

“Ok, então devo cometer um Facebookicídio, cancelar o meu perfil na rede?”, você pode perguntar. Calma, ninguém aqui sugeriu esse ato contra a

própria vida virtual. Até porque, como o ovo, o café e o vinho tinto, o site pode fazer tão mal quanto bem. Depende do uso que você faz dele e da sua moderação.

Seguir os amigos na rede pode dar inveja, mas também alarga nossos horizontes e cria um senso de conexão. “Acompanhar os detalhes das vidas dos outros pode ter efeitos cognitivos positivos, uma vez que ajuda a reduzir a incerteza, proporcionando uma base para a confiança social, o comprometimento e a participação política”, aponta o estudo alemão sobre inveja no Facebook mencionado no início deste capítulo.

Essa afirmação está relacionada a outro estudo, feito pela Universidade do Texas, de 2009, que demonstrou claramente a relação entre a intensidade do uso da rede e a atuação cívica – e a satisfação com a vida – de estudantes universitários²⁶. Apesar de ressaltar que a interação na plataforma não responde sozinha pelo interesse dos jovens quanto ao futuro de sua comunidade, o estudo apontou que os cyberpessimistas estão errados quando pegam no pé das redes sociais como se fossem corruptoras das relações cara a cara e fontes de descompromisso.

O Facebook tem uma boa resposta para esses ataques ao site²⁷: publicar histórias edificantes de usuários que contaram com os mecanismos da rede social para alguma conquista, fosse no âmbito pessoal, para fazer alguma ação pelo bem comum ou para alavancar os negócios. Há lá desde a história do ex-drogado que descobriu a filha na rede depois de passar 12 anos sem notícias dela até a do boxeador que, em um momento de desespero, atualizou seu status dando adeus à vida – o que permitiu que alguém acionasse a polícia e impedisse o suicídio.

Uma das histórias mais instigantes é a de Mey Rude, uma garota transgênero que sentia dificuldades sociais na transição de menino para menina. Ela começou a se exhibir como mulher aos poucos, até que, em outubro de 2012, deu o grande passo – e foi por meio do Facebook. Alterou a foto do seu perfil, seu gênero e seu nome (para Melinda). Ela até ficou preocupada com a rapidez que a plataforma podia render à revelação, já que tinha muitos amigos da igreja que frequentava e não sabia qual seria a reação dos mais conservadores. Mas os *likes* começaram a surgir, e os comentários todos foram de apoio e encorajamento. Essa aceitação virtual foi imprescindível para que ela se sentisse acolhida também off-line. “Eu

sabia que a notícia se espalharia dos meus amigos do Facebook para as pessoas que eles conheciam, e para as pessoas que essas pessoas conheciam. E, definitivamente, era isso que eu queria”, conta ela.

E se o usuário não for uma pessoa física, mas um país inteiro? Após a crise de 2008, a Islândia perdeu praticamente todo o seu dinheiro: os maiores bancos faliram, a moeda sofreu uma desvalorização de 80% em relação ao euro, a dívida do país chegou a 900% do PIB. Catástrofe total. Então, diante da necessidade de estabelecer reformas políticas que acelerassem a recuperação econômica, os islandeses escolheram o Facebook para juntar sugestões dos próprios cidadãos para a nova Constituição, que ficou sendo a primeira *crowdsourced* do mundo.

Apesar dessas histórias inspiradoras, o preconceito com as redes sociais não é algo inédito na história: esse pânico moral é uma reação comum à chegada de novas mídias. A televisão foi acusada de promover escapismo em massa, e a internet, de provocar a alienação do indivíduo em relação à vida social de carne e osso. Há hoje quem critique até os cumprimentos de aniversário feitos pelo Facebook, com o argumento de que antigamente isso era feito de forma bem mais calorosa, por telefone. Mas no começo do século XX não faltava gente defendendo que uma novidade da época estaria acabando com as interações presenciais: era justamente o telefone. Como observou o sociólogo francês Claude S. Fischer: “Nos anos 1930, a maioria das pessoas já via o telefone como algo que acelerava suas vidas sociais. Mas apenas uma minoria achava que o aparelho cumpria realmente bem esse papel. Essas pessoas reclamavam que havia muita fofoca, e, no caso dos pais de família, que suas mulheres e crianças passavam tempo demais telefonando”²⁸.

Bom, a ciência não tem mais dúvidas de que as redes sociais são viciantes e promovem a inveja. Também é fato que elas nos deixam mais narcisistas. Outro sinal disso, além dos que vimos neste capítulo, é que, no início de 2015, a terceira *hashtag* mais usada no Instagram era #me (eu) e a sétima, #followme (me siga). Mas há um contraponto importante, que merece reflexão: a *hashtag* mais usada por pessoas do mundo inteiro é #love, que dispensa tradução. E isso deixa qualquer um mais otimista.

¹⁹ Mauss, I. B., Tamir, M., Anderson, C. L., e Savino, N. S. “Can Seeking Happiness Make People Unhappy? Paradoxical effects of valuing happiness. University of Denver, 2011.

- [20](#) Joshua Hart, Elizabeth Nailling, George Bizer e Caitlyn Collins. “Attachment Theory as A Framework for Explaining Engagement with Facebook”. Union College, 2014.
- [21](#) Hanna Krasnova, Helena Wenninger, Thomas Widjaja e Peter Buxmann. “Envy on Facebook: A Hidden Threat to User’s Life Satisfaction?” Humboldt-Universität zu Berlin e Technische Universität Darmstadt, 2012.
- [22](#) Petya Eckler. “Does Facebook Make Women Feel Bad about Their Bodies?” University of Strathclyde, Ohio University e University of Iowa. (Esse estudo ainda não havia sido publicado até a conclusão deste livro.)
- [23](#) Edson C. Tandoc, Patrick Ferrucci e Margaret Duffy. “Facebook Use, Envy and Depression Among College Students: Is Facebooking Depressing?” University of Missouri-Columbia, 2014.
- [24](#) Diana I. Tamir e Jason P. Mitchell. “Disclosing Information about The Self Is Intrinsically Rewarding”. Harvard University, 2012.
- [25](#) Robin Dunbar. “Neocortex Size as a Constraint on Group Size in Primates”. University College London, 1992.
- [26](#) Sebastián Valenzuela, Namsu Park e Kerk Kee. “Is There Social Capital in A Social Network Site?: Facebook Use and College Student’s Life Satisfaction, Trust and Participation”. University of Texas, 2009.
- [27](#) www.facebookstories.com
- [28](#) Claude S. Fischer. “America Calling: a Social History of the Telephone to 1940”. University of California Press, 1992

INVEJINHA



CONTA DE LUZ: INVEJOSO PAGA MENOS

Uma empresa americana de energia descobriu o caminho para as pessoas reduzirem o consumo de eletricidade: dizer que o vizinho gasta menos.

Está lá na fatura da conta: 210 quilowatts-hora no mês. Juntando o custo do consumo mais tributos (PIS/Pasep, Cofins, ICMS), dá 86 reais, o bastante para comprar oito cervejas no boteco. Ou sete, se a marca for melhorzinha. Essa associação o fígado sabe fazer. Mas o que significam 210 quilowatts por hora? É muito ou pouco? Quer saber mesmo? Descubra quanto o seu vizinho paga.

Assim como ficar de olho nas publicações de amigos de Facebook, saber quanto as pessoas da casa ao lado pagam na conta de luz pode resultar em comparação negativa – um sentimento incômodo. Só que, enquanto na rede social a consequência é frustração e infelicidade, no caso da energia elétrica o invejoso pode sair por cima.

Foi incentivando a inveja entre a vizinhança que a Opower, uma empresa da Califórnia, ajudou consumidores a economizar 1 terawatt-hora de

energia em três anos – o suficiente para abastecer uma cidade de 200 mil habitantes por 12 meses. A companhia conseguiu isso inventando uma conta de luz que informa, além do consumo da residência, o gasto de energia dos vizinhos no mesmo período. Quando um gastão – do tipo que passa meia hora no chuveiro – percebe que o morador da casa ao lado paga menos de eletricidade, ele reduz o consumo – e acaba pagando menos também. Psicologia comportamental aplicada é isso aí.

A ideia surgiu do estudo de um pesquisador da Universidade do Arizona, especialista em persuasão²⁹. O psicólogo Robert Cialdini deixou mensagens nas portas de 1.200 casas em San Diego, pedindo para os moradores trocarem o ar-condicionado pelo ventilador. Cada mensagem tinha um apelo diferente: “Proteja o meio ambiente”, “Economize dinheiro”, “Deixe um mundo melhor para o seu filho”... Ninguém deu bola.

Só uma mensagem funcionou: “Sabia que o seu vizinho prefere ventilador?”. Quem recebeu essa pergunta diminuiu o consumo em 6%. A Opower identificou aí uma oportunidade e adaptou a ideia de Cialdini para as contas de luz. Assim, mostrou que a inveja pode ser um caminho para o planeta reduzir o consumo elétrico e desacelerar o ritmo do aquecimento global. De quebra, ainda sobra um troco para a cerveja.

²⁹ Robert Cialdini e Wesley Schultz. “Understanding and Motivating Energy Conservation via Social Norms”. Arizona State University e California State University, 2004.

INVEJINHA



CISNES NEGROS

Companhia de balé de maior prestígio no mundo, o Bolshoi é um grupo de dançarinos geniais. Mas, quando a cortina desce, a beleza dos movimentos se transforma em rivalidade, inveja e sabotagem.

Drama psicológico que é quase um filme de terror, *Cisne Negro* conta a história de uma bailarina que vai perdendo, aos poucos, a sanidade mental por conta de sua obstinação em ser a protagonista do balé *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky. Lançado em 2010, o filme rendeu um Oscar de melhor atriz a Natalie Portman. E ela deu duro pelo prêmio: deslocou uma costela nas filmagens e levou um ano de vida quase monástica para se encaixar no físico e na flexibilidade de uma bailarina. Eram cinco horas de exercícios diários entre natação, musculação e treino de balé. E boca fechada também: Natalie emagreceu dez quilos nesse período – e olhe que ela sempre foi magrinha.

Mas o diretor Darren Aronofsky queria que o realismo das cenas fosse além da silhueta enxuta de sua estrela. Tanto que, nos bastidores, ficava

jogando a atriz contra Mila Kunis, que interpretou sua rival. Elas foram colocadas para filmar separadamente, e o diretor exagerava ao falar bem sobre a performance da colega, sempre com uma pontinha de maldade. “Darren contava coisas para nos deixar com inveja uma da outra. Eu acho que ele estava tentando criar uma rixa real entre a gente”, declarou Natalie.

Não era que Aronofsky quisesse ver briga – até porque ele sabia que as atrizes são amigas fora de cena. A intenção era trazer para o filme o clima de tensão e rivalidade que caracteriza as grandes companhias de balé. Mas o roteiro teria de caprichar muito no ódio para igualar a violência que ocorre entre bailarinos fora da ficção.

“Tirar colchete de vestido antes do espetáculo, enfiar agulha no arranjo de cabelo, tudo isso acontece”, disse, em depoimento à *Folha de S.Paulo*, Mariana Gomes, a primeira e única brasileira aceita como integrante do Balé Bolshoi, da Rússia. À época, começo de 2013, ela foi procurada pelo jornal para falar sobre um caso nefasto ocorrido dentro da companhia.

No dia 17 de janeiro daquele ano, Sergei Filin, diretor artístico do balé, estava perto de sua casa em Moscou quando um homem encapuzado se aproximou e, antes que Filin tivesse tempo de reagir, atirou ácido sulfúrico no seu rosto.

Sentindo dores insuportáveis nos olhos e com a pele queimando, a vítima se atirou na neve do inverno russo para amenizar o sofrimento – e lá ficou se contorcendo até que passantes o socorressem. Resultado: Sergei Filin ficou quase cego de um olho e com dificuldade de enxergar com o outro, condenado a usar óculos escuros a vida inteira e com o rosto cheio de cicatrizes. Mas sobreviveu.

Em março do mesmo ano, o mandante do crime foi encontrado: era um bailarino do próprio Bolshoi. Pavel Dmitrichenko confessou que tinha inveja do tratamento dispensado por Filin a outros dançarinos do grupo e alegou que o diretor guardava os melhores papéis para os seus favoritos. Curiosamente, como a vida imita a ficção, Dmitrichenko tinha construído sua carreira interpretando vilões em montagens como *Ivan, o Terrível*. Acabou condenado a seis anos de prisão.

“Já vi bailarinos que se drogam, se alcoolizam, existem casos até de gente que foi parar em manicômio durante turnês”, afirmou Mariana, inconformada com o crime contra o colega.

O sadismo da violência contra o diretor artístico foi radical. Mas a inveja e a rivalidade dão o tom no dia a dia do Balé Bolshoi, em casos mais e menos explícitos. Em 2011, integrantes da companhia revelaram que há uma máfia de aplausos lá dentro. Funciona assim: alguns bailarinos pagam secretamente para que grupos assistam aos espetáculos e aplaudam, cheios de empolgação, só os momentos em que esses dançarinos – seus clientes – se destacam. Uma claquete exclusiva.

Nesse mesmo ano, alguém de dentro do Bolshoi quis comprometer a imagem do então diretor Gennady Yanin, enviando a três mil destinatários fotos íntimas do artista na cama com outro homem – um problemão na Rússia, onde a homofobia é praticamente incentivada pelo governo. Yanin pediu as contas, alegando cansaço.

Mas não são só os homens que sofrem com os episódios de sabotagem. Ex-primeira bailarina do Bolshoi, Anastasia Volochkova já disse que foi ameaçada de tudo quanto é jeito quando era protagonista da companhia. Após uma apresentação, por exemplo, dois homens lhe deram um buquê de flores – com uma faca no meio. “Já colocaram até vidro na minha sapatilha”, contou sobre a ação dos invejosos no balé – um ambiente onde, apesar de toda a purpurina, gestos delicados e corpos magrinhos, os fracos definitivamente não têm vez.



BRASIL: O PAÍS DA INVEJA?

A gente somos inútil: nossos ricos trocam as praias brasileiras pelas de Miami, achamos que civilidade só existe do outro lado do Atlântico e, mesmo tendo uma culinária variada e premiada, viramos a capital mundial do temaki. Veja como o complexo de vira-lata forjou o caráter nacional. E entenda por que estamos prestes a nos livrar dele.

*"Mas pra cima de mim, pra que tanto veneno?
Eu posso lá ficar americanizada?
Eu que nasci com samba e vivo no sereno
Topando a noite inteira a velha batucada.*

*Nas rodas de malandro, minhas preferidas
Eu digo é mesmo 'eu te amo' e nunca 'I love you'
Enquanto houver Brasil... na hora das comidas
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu!"*
(“Disseram que Eu Voltei Americanizada”,
sucesso na voz de Carmen Miranda)

“No Brasil, sucesso é ofensa pessoal”, sentenciou Tom Jobim, que se mudou para os Estados Unidos. O criador de “Chega de Saudade” recebeu mais críticas no Brasil do que a imagem de figura lendária, conferida após sua morte, leva a crer. Jobim ganhou rótulo de americanizado por causa da bossa-nova, que bebe do jazz, e pelo fato de Frank Sinatra ter gravado dois discos com músicas suas. Um de seus desafetos, o crítico José Ramos Tinhorão, disse: “Ele é um compositor da Broadway nascido no Brasil”. E não parou por aí. Mais tarde, Tom foi chamado de vendido quando permitiu que a Coca-Cola usasse “Águas de Março” em seus comerciais, e de novo quando apareceu em uma propaganda brindando chopes da Brahma com o fantasma de Vinicius, ao som de “Eu Sei que Vou te Amar”. “O Brasil não é para principiantes”, diria Tom.

O fenômeno de apedrejar quem está no topo reencarnou recentemente na forma da patrulha contra a vaidade do craque Neymar. Ele tira *selfies* demais, pinta o cabelo demais, ganha dinheiro demais, faz publicidade demais, dizem os críticos. Para essa audiência, o jogador deveria se limitar a jogar bola.

Claro que esse não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. Odiar o sucesso alheio é uma característica tão inerente ao *Homo sapiens* quanto o bipedismo. Steve Jobs, Bill Gates, Michael Jackson... Nenhum deles escapou da inveja rancorosa. Mas o Brasil talvez seja campeão de um problema que os norte-americanos e europeus parecem não ter – e que é

alicerce de qualquer perfil invejoso: somos pernas de pau quando o assunto é autoestima.

CACHORRO MORTO

Numa crítica à escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, a atriz americana Wanda Sykes – que já apareceu por aqui na série *The New Adventures of Old Christine* – questionou, no programa de Jay Leno, se o comitê olímpico incluiria prostituição como modalidade esportiva.

Sylvester Stallone, após rodar no Brasil cenas de seu filme *Os Mercenários*, também perdeu a chance de ser diplomático. Respondendo a jornalistas dos Estados Unidos sobre a razão de ter escolhido nosso país para filmar, o Rambo explicou: “Lá você pode atirar nas pessoas, explodir coisas e elas dizem ‘obrigado!’”.

Descer a lenha em Sykes e Stallone seria fácil. Mas o problema real é outro: esse baixo conceito sobre o *Brazil* não vem só de fora. Uma pesquisa feita pela consultoria BrandAnalytics e apresentada em 2014 revelou um pouco do que os brasileiros pensam sobre o Brasil. À pergunta sobre qual característica associariam ao país se ele fosse uma pessoa, 50% dos participantes responderam: “desonesto”, em vez de escolher termos mais positivos, como “sábio”, “criativo”, “franco”, “no controle”, “cuidadoso”, “idealista”.

A desconfiança quanto ao governo ficou nítida: 81% dos entrevistados disseram que, para realizar seus sonhos, o brasileiro essencialmente depende de “esforços pessoais”. Só 13% acharam que dá para contar com o suporte do Estado.

E fica pior: na questão sobre qual seria o país ideal para viver, apenas 18% responderam que era o nosso Brasil brasileiro, terra de samba e pandeiro. A mesma pesquisa apontou que 52% dos norte-americanos consideram o seu país o melhor lugar que há para morar.

Mas erra quem polariza a questão, achando que essa autoimagem negativa está associada a um ou outro dos governos federais dos últimos 20 anos. Foi Nelson Rodrigues, em uma crônica sobre a Copa do Mundo de 1958, que inventou o termo “complexo de vira-latas” como sinônimo mais sonoro

para o distúrbio de inferioridade do brasileiro. O cronista e dramaturgo explicou: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores”.

Essa reverência diante do estrangeiro de que fala Nelson é mais que admiração: é inveja. Isso porque o sentimento ao mesmo tempo desvaloriza a brasilidade e superestima o que vem de fora. Um exemplo recente: a cultura de mobilidade de Amsterdã, que prioriza o tráfego de bicicletas na região central, é vista pelos brasileiros que já visitaram a cidade como prova do quanto os holandeses são civilizados. Mas a promessa do prefeito Fernando Haddad de implantar 400 quilômetros de ciclovias em São Paulo desagradou: rendeu críticas pesadas de especialistas em trânsito e de grande parte da população, que entenderam que as bicicletas atrasam e atrapalham o grande protagonista das nossas ruas e avenidas: o carro.

Outro exemplo? Mais da metade dos turistas de Miami vem do Brasil. São viajantes que preferem arrumar um cantinho de sol em uma parte da Flórida do que escolher entre os quase oito mil quilômetros da costa brasileira. No primeiro semestre de 2014, visitaram a cidade americana mais de 424 mil Brazilians, número superior ao de turistas provenientes do Canadá (345 mil), país que faz fronteira com os Estados Unidos – e muito mais frio, o que explica por que seus moradores buscam a praia.

Estamos falando dos que vão só para pisar na areia, mas Miami também é destino preferencial dos brasileiros que querem ter seu próprio refúgio no exterior. Dados de 2013 revelam que somos os estrangeiros que mais pesquisam propriedades à venda no site da associação de imobiliárias da cidade. E, enquanto os canadenses buscam as casas mais baratas, os brasileiros vão atrás das mansões – residências que custam a partir de 500 mil dólares. O brasileiríssimo Jorge Ben Jor, cujo hino fala sobre as maravilhas de morar em um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, tem mais do que um fusca, um violão e uma nega chamada Teresa. Tem também uma casa na cidade de Celebration, perto de Miami – e mais tranquila. É vizinho do Silvio Santos, aliás. Ou seja, a nossa inveja do american way of life acaba ajudando a economia americana, já que boa parte dos nossos ricos gastam por lá o dinheiro que levantam por aqui.

A inveja do que o exterior oferece seria mais compreensível entre os brasileiros pobres – esses, sim, bem mais distantes dos miseráveis dos

países desenvolvidos. Na Austrália, por exemplo, um programa do governo está dando apartamento mobiliado a moradores de rua. E não é qualquer apartamentinho: em Brisbane, uma agradável cidade do litoral leste, homens e mulheres sem-teto ganharam do Estado um edifício residencial que faria inveja a muitos cidadãos das classes C e B brasileiras. São 146 apartamentos modernos com 30 metros quadrados – com uma varanda de 3 metros quadrados – que contam com TV de LCD, fogão, forno micro-ondas, geladeira, entre outros eletrodomésticos. Na área comum, há elevador inteligente, salão de jogos e terraço com churrasqueira. O preço da moradia? Zero. Pelo contrário: os sem-teto recebem uma ajuda de 400 dólares australianos para viver no condomínio. Uma situação realmente invejável. Já para quem está no topo da pirâmide, não faz muita diferença para a qualidade de vida morar nas áreas mais ricas do Brasil ou em Miami.

Mas será que esse olhar de baixo para cima tem mesmo razão de ser? Você sabe: as deficiências do Brasil – e aqui podemos enfileirar desigualdade, falta de hospital, educação, infraestrutura, distribuição de renda... – e o caminho que temos de percorrer para chegar a uma sociedade de justiça social estão nos jornais dia sim e outro também. Só que ainda tem muita coisa boa para o brasileiro enxergar na própria imagem. Ainda que esse espelho ande meio embaçado.

Um exemplo: invejamos a postura educada dos europeus, só que não percebemos que a nossa tem melhorado. No metrô de São Paulo, ainda há muita gente correndo nas estações, mas o hábito londrino de deixar a esquerda livre na escada rolante para a passagem de quem está com pressa não levou muito tempo para se instituir por aqui. O mesmo vale para as faixas de pedestre: com um pouco de campanha, os carros começaram a parar.

Falando em carro, a política contra a violência do trânsito finalmente saiu da letargia. Desde janeiro de 2014, todos os veículos novos precisam obrigatoriamente ter *air bag* e freios ABS, sistema que impede o travamento das rodas nas frenagens de emergência. Importante: estamos falando de *todos* os veículos – do modelo de luxo ao pé-de-boi, o mais básico e barato. Isso significa uma democratização da segurança viária: os mais humildes também terão acesso a recursos que salvam vidas.

Já nas eleições, damos exemplo ao mundo, se não nos candidatos eleitos, pelo menos no método: as urnas eletrônicas são um modelo de eficiência, rapidez e de tecnologia antifraude. E, apesar dos altos e baixos, erros e acertos na economia e na administração do país, já completamos três décadas seguidas de democracia desde que Tancredo Neves superou Paulo Maluf na última eleição indireta da nossa história, em 1985. De lá para cá, houve transições na esfera federal entre partidos adversários ocorrendo dentro da normalidade que se espera de um país livre de ditadura e de golpes de Estado. É pouco tempo, se nos compararmos aos Estados Unidos ou à Inglaterra – ou a San Marino, país que mantém a mesma Constituição desde 1600. Mas não deixa de ser um bom (re)começo.

Ainda assim, nosso complexo de vira-lata continua firme. Até em áreas mais inusitadas, como a culinária.

NINGUÉM SABE O QUE É QUE A BAIANA TEM

Alex Atala e outros chefs de primeira linha levaram a comida brasileira para o mundo dos restaurantes dignos de estrela no *Guia Michelin*. Mas o dia a dia dos 99% que não podem nem passar na frente desses templos gastronômicos é um pouco diferente. O brasileiro médio não dá bola para a comida do próprio país – pelo menos não quando come fora de casa. Bom aqui é comer em italiano, em árabe ou de palitinho. Em São Paulo, há mais restaurantes servindo sushi que churrasco. Na edição 2014/2015 da revista *Veja Comer e Beber*, foram indicados na capital paulista cem restaurantes italianos, entre os de alta cozinha e as cantinas, mas só 30 estabelecimentos especializados em comida brasileira – incluindo nesse cozido os que servem comida mineira, baiana, amazônica, goiana ou exclusivamente feijoada. E já foi pior.

Com raras exceções, como a própria feijoada, a cozinha tipicamente brasileira – ou de uma região brasileira, já que a dimensão continental do país não permite falar em uma gastronomia dominante – sempre foi vista como coisa para turista. E não só para os turistas de fora: para os do próprio Brasil também. O paladar dos *gourmands* e gourmets daqui já se acostumou a wasabi, mas estranha encarar quiabo ou jambu no prato, a não

ser que seja um ingrediente típico de sua região. E essa inveja do sabor que vem de fora não é de hoje.

No livro *Comida e Sociedade: Uma história da alimentação*, Henrique Carneiro aponta que, até o segundo século da nossa colonização, havia um verdadeiro fascínio dos portugueses pelas alternativas que o Brasil trazia à culinária: “pela abundância de gêneros, pela fecundidade da terra (‘em se plantando, tudo dá’) e pela amenidade do clima.” Mas o autor afirma que, já no século XIX, os cronistas passaram a torcer o nariz para a inferioridade dos produtos locais em comparação com equivalentes europeus.

Burrice, lamenta Alex Atala. Convidado para falar a uma plateia do Google, na Califórnia, o especialista em comida contemporânea reclamou desse sentimento de vira-lata entre os comensais brasileiros. “Como país colonizado, nós sempre ficamos mais de olho em outras culturas. Nunca olhamos a nossa própria com orgulho. E eu às vezes fico louco com isso porque temos no Brasil tanto a cozinha refinada quanto a comida de rua. As pessoas querem colocar a alta gastronomia em uma caixa de trufas, *foie gras* e pratos pequenos. E essa é uma ideia que envelheceu.”

Atala fala com conhecimento de causa. Sua pesquisa de produtos amazônicos, que ele combina com técnicas europeias no seu restaurante D.O.M., em São Paulo, influencia outros empresários e chefs a fazer o mesmo. Assim, tem havido uma redescoberta dos ingredientes brasileiros. Na mesma palestra, aliás, ele disse aos americanos que o trabalho do chef não está em escolher os produtos mais nobres em detrimento de outros supostamente vagabundos, mas sim em utilizar cada ingrediente, seja chique ou não, da melhor forma possível. Em seus pratos entram o tucupi e o jambu da Amazônia, o baru (um tipo de amêndoa) do Cerrado, a tapioca nordestina e a canjiquinha mineira.

As experiências de Atala deram mais que certo, todos sabem. O D.O.M. não sai das listas de melhores restaurantes do mundo. Em 2014, foi escolhido como o sétimo melhor pela revista inglesa *Restaurant*. O paulistano está à frente, por exemplo, do melhor francês, que ficou com a 11ª posição. Considerando apenas os latino-americanos (poucos) que entraram na lista da *Restaurant*, o brasileiro é o número 1.

Mas tem outro brasileiro. O Maní – também de São Paulo – entrou na 36ª posição do ranking. E a responsável por sua comida, a ex-modelo Helena Rizzo, foi considerada a melhor chef mulher do mundo inteiro. Sim, a

número 1 do planeta é brasileira. E trabalha com ingredientes brasileiros: seu cardápio traz – dependendo da sazonalidade dos componentes – coelho com farofa de cumaru (fava amazônica), arroz de frango com quiabo, purê de taioba (erva da família do inhame), paleta de cordeiro com farofa de castanha do Pará, sorvete de açaí.

O destaque desses dois restaurantes que trabalham ingredientes nacionais com técnicas modernas prova uma coisa: enquanto morremos de inveja da gastronomia francesa, italiana e espanhola, os gringos estão de olho na nossa cozinha – especialmente a que resgata os produtos daqui. O resultado disso é um efeito bumerangue desse sentimento invejoso: por copiarmos o que vem de fora, supervalorizando a opinião dos europeus, acabamos achando boa a comida brasileira. E essa redescoberta do nosso quintal vem ganhando força por causa de outro movimento saído do Hemisfério Norte: o *slow food*.

Indo na contramão da comida ligeira servida nos McDonald's da vida, a Slow Food é uma organização internacional fundada em 1989 com os objetivos de atuar contra o desaparecimento das tradições gastronômicas de cada local e de estimular o interesse das pessoas em relação a tudo o que diz respeito ao que elas estão comendo – a origem dos ingredientes, o processo de produção, o método de transporte dessa comida do campo ou do mar até o seu prato.

Para uma refeição atender aos princípios *slow food*, ela deve ter três características. 1) Ser boa: deve ser fresca e fazer parte da cultura local de sua comunidade; 2) ser limpa: a produção e o consumo não devem afetar negativamente o meio ambiente e a nossa saúde, nem torturar animais; 3) ser justa: ter preço acessível e permitir a sobrevivência dos produtores de baixa escala.

Para o movimento *slow food*, um indivíduo se alimentar de produtos cultivados perto dele é uma atitude positiva por uma série de motivos. Para começar, é mais sustentável. Ao preferir o ingrediente europeu, um comensal daqui está afetando o meio ambiente em todo o processo de transporte desse alimento. O bacalhau da Noruega não vem nadando sozinho para o prato do brasileiro. Ele tem de vir de navio ou, para ficar mais rápido, de avião – o meio de transporte mais poluidor que existe. Já quando um habitante do litoral dá preferência aos peixes da nossa costa, além de poluir menos durante o transporte – ou não poluir nada –, ele come um

alimento mil vezes mais fresco, e ainda estimula a economia da própria comunidade. É um dinheiro que fica no Brasil, no seu estado, na sua cidade. Melhor que dar para o europeu, não? De certa forma, o *slow food* é um movimento antiglobalização, e comprova que nada é mais moderno no século XXI do que seguir a máxima de Nelson Rodrigues: “A melhor maneira de ser universal é não sair do próprio bairro”.

Aqui, porém, vale uma ponderação: o imperdoável nesse sentimento reverente diante da cozinha estrangeira não é preferir *steak tartare* a picadinho ou sashimi a moqueca – isso é questão de gosto, e é ótimo variar o cardápio. Além disso, ninguém quer ver 200 milhões de Policarpos Quaresmas com garfo e faca. O problema é a falta de repertório: preferir um ingrediente europeu simplesmente porque desconhece – ou nem quer conhecer – o equivalente nacional.

Como vimos, temos alguns dos melhores restaurantes do planeta, que trabalham com matéria-prima daqui e equilibram a balança da inveja, fazendo bonito em premiações internacionais. O que falta – mas está melhorando – é curar nosso complexo de inferioridade. Quando Alex Atala ainda estava surgindo no cenário gastronômico, ele disse: “Falta alguém que tenha orgulho da nossa culinária como Villa-Lobos tinha orgulho da nossa música”. Uma afirmação que se aplica facilmente a outro vira-lata chutado por todo canto: o cinema brasileiro.

EM CARTAZ: DUBLADOS E LEGENDADOS

Quando se preparava para rodar seus filmes *Gangues de Nova York* e *Os Infiltrados* – este, vencedor do Oscar –, o diretor nova-iorquino Martin Scorsese fez questão de mostrar a seus atores e à equipe técnica um longa-metragem que mudou a sua vida e forma de enxergar o cinema. “Um dos pontos altos da minha experiência como espectador foi ter sido iluminado por esse filme”, disse. Ele falava do trabalho de um cineasta baiano: Glauber Rocha, que tinha 30 anos quando lançou *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (1969). Falando sobre a segunda metade dos anos 1960, período especialmente criativo da história do cinema, Scorsese avaliou: “A cada três dias estreava uma obra-prima. Da Itália, da França,

do Japão, de todo lugar. E de repente estreia *O Dragão da Maldade... e ofusca aquilo tudo*”.

Scorsese seguramente não foi o único estrangeiro que se apaixonou pela obra de Glauber. Em seu recente *História do Cinema*, o crítico irlandês Mark Cousins dedica quase três páginas a *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, apontando que o longa é “fotografado como um dos filmes de John Ford e editado a um modo eisensteiniano” – fazendo referências ao mestre do *western* americano e ao gênio russo Sergei Eisenstein, que revolucionou a edição cinematográfica com *O Encouraçado Potemkin*.

Mesmo assim, Glauber foi incompreendido e combatido no próprio país. Esculhambando com a obra-prima do diretor, *Terra em Transe*, o importante crítico do *Correio da Manhã*, Antonio Moniz Vianna, disse que o filme era uma imitação desbotada de Godard e de Fellini, que sua polêmica era inútil, que o cineasta abusava da metáfora e teria composto um quadro obscuro e indecifrável da política brasileira. “Todos os símbolos fálicos-políticos de *Terra em Transe* negam fogo.” Glauber acabou se mudando para a Europa e por lá ficou boa parte da vida.

Mas o diretor baiano não foi o único expoente do cinema brasileiro reconhecido lá fora e menosprezado aqui. Em 1962, Anselmo Duarte faturou a Palma de Ouro no Festival de Cannes – premiação que só perde em popularidade para o Oscar. Foi por *O Pagador de Promessas*, filme com Leonardo Villar e Glória Menezes, baseado na peça homônima de Dias Gomes, que mostra a intolerância entre o dogmatismo religioso e o misticismo popular no Brasil. O cineasta, que começara a carreira como “molhador” de tela – na época, os projetores tinham de ficar muito próximos às telas, que esquentavam e havia risco de incêndio –, ganhou na França competindo com futuros monstros sagrados da história do cinema: *O Eclipse*, de Michelangelo Antonioni e *O Anjo Exterminador*, de Luis Buñuel. Aqui, depois de fazer sucesso, o diretor virou alvo de críticas de profissionais da imprensa e de colegas do Cinema Novo, como explicou em uma entrevista, décadas mais tarde. “Quem criticava meus filmes eram alguns moleques do Rio de Janeiro, que invejavam os prêmios conquistados por mim (...) Os cinemanovistas diziam que os prêmios não valiam nada. Que o Festival de Cannes e a minha Palma de Ouro eram merdas! Pois bem, no decorrer das décadas de 1960 e 1970 tentaram ganhá-la 23 vezes. Cacá [Diegues] tentou de todas as formas. Até realizou um filme franco-brasileiro

[*Joana Francesa*] com Jeanne Moreau, e ficou íntimo do presidente do festival.”

Para não ficar só em glórias passadas, *Tropa de Elite*, de José Padilha, ganhou o Urso de Ouro (prêmio de melhor filme) na edição 2008 de outro importante evento europeu: o Festival de Berlim. Aqui, foi chamado de fascista por mostrar o conflito nas favelas cariocas do ponto de vista de um policial – justamente a mesma perspectiva predominante nos filmes policiais norte-americanos que lotam os cinemas brasileiros.

Todo esse reconhecimento na Europa quase não conta pontos para o público nacional. O cinema brasileiro, na visão de muita gente, não pode tirar RG de maior de idade enquanto não faturar um Oscar.

“A cada ano que passa, as pessoas ficam se perguntando: será que dessa vez o Brasil vai ganhar o Oscar?”, comenta o crítico Luiz Zanin, do jornal *O Estado de S. Paulo*, no documentário *Complexo de Vira-Latas*. “Como se ganhar fosse redimir todo o nosso cinema (...) Nós precisamos que nos digam que somos bons, porque não acreditamos muito nisso.”

Essa noção vira-lata de que um Oscar é imprescindível está ligada a uma inveja do cinema norte-americano – tanto por parte do público quanto dos artistas. O sentimento ao mesmo tempo tem e não tem razão de ser. Diferentemente do que acontece no Brasil, Hollywood é uma indústria cinematográfica, que produz filmes em massa. Todos os anos. Todos os dias. Como uma montadora produz automóveis. É normal, então, que de tanta quantidade venha qualidade. E é por isso que alguns dos maiores cineastas de todos os tempos são americanos: Francis Ford Coppola, Steven Spielberg, Martin Scorsese, Woody Allen. Mas os Estados Unidos também produzem montanhas de lixo cinematográfico que o brasileiro consome como se fosse *fast-food*, em vez de preferir a velha e boa feijoada.

O filme com maior público no Brasil em 2012 foi *Os Vingadores*, uma adaptação americana de história em quadrinhos assistida por quase 11 milhões de pessoas – pouco menos do que o total atraído por todos os outros filmes brasileiros lançados naquele ano (na casa dos 15 milhões). Essa diferença toda não se dá só por conta do gosto do espectador médio – que no mundo inteiro prefere mesmo filmes de super-heróis. No *top 10* de melhores filmes dos anos 2000 dos membros da Liga dos Blogues Cinematográficos – que reúne críticos e cinéfilos do Brasil todo que escrevem sobre cinema (e da qual este autor faz parte) –, não há nenhum

filme brasileiro. No *top 20* também não. O filme nacional mais bem-colocado no ranking é *O Céu de Suely*, na 30ª posição. Ainda que seja possível identificar na lista um padrão de filmes que fogem da linha pipoca, o longa brasileiro está atrás de *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* e *Embriagado de Amor*, uma comédia romântica com Adam Sandler.

Como acontece no universo da gastronomia, nossa inveja crônica do cinema de fora fez com que não tenhamos aqui – na nossa história recente – a cultura de assistir a filmes brasileiros. Com exceção de um ou outro fenômeno esporádico, desconhecemos os ingredientes nacionais das nossas telas. Filmes que até conseguem boa repercussão e prêmios em eventos como a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo ou o Festival do Rio permanecem ignorados pelo público e acabam saindo de cartaz tão rapidamente que mal têm tempo de atrair curiosos – os que já assistiram à adaptação norte-americana de HQ do momento, e poderiam variar o paladar.

A boa notícia é que, também como vem acontecendo com a gastronomia, a situação está melhorando. Desde o período da Retomada, quando nosso cinema saiu lentamente, tal qual zumbi, de uma morte em vida imposta pelo governo Collor – que fechou a Embrafilme, de onde vinha 100% do dinheiro para as películas –, políticas públicas tiraram Lázaro de seu sepulcro.

A Lei Rouanet, de 1991, e a Lei do Audiovisual, de 1993, estabeleceram mecanismos de estímulo à produção cinematográfica via patrocínios de empresas em troca de incentivo fiscal. Já a Agência Nacional de Cinema (Ancine), criada em 2001, vem dando suporte a projetos de produção, exibição e distribuição, além de estimular a presença de filmes brasileiros em festivais. Ou seja: apesar da inanição de bilheteria destinada à maior parte dos filmes brasileiros, a situação está mais para boa que para ruim agora. Nos primeiros anos da década de 1990, as salas passavam meses e meses sem nenhum filme brasileiro para botar na tela. Já hoje, dificilmente há um fim de semana sem estreia de um filme feito aqui, principalmente documentários – mais barato e fácil de fazer, esse gênero agora é o arroz de festa nacional nos guias de entretenimento. Mas há também filmes de ficção: comédias, romances, filmes de arte, suspense, roteiros espíritas (um subgênero que balança entre o drama e o sobrenatural, com bons resultados

de bilheteria). E há uma quantidade cada vez maior de filmes classificados pela crítica entre o mediano e o bom. Lembra? Quantidade traz qualidade.

Hollywood não foi criada em cima de meia dúzia de filmes de arte, claro, mas virou a maior potência do cinema mundial graças a uma base mantida por bons filmes comerciais – como os de Charlie Chaplin. O Brasil pode seguir o mesmo caminho para retomar a cultura de assistir aos nacionais existente na época das chanchadas e, assim, provar que temos motivo para provocar inveja também. Como Glauber Rocha já mostrou, lá nos anos 1960 – uma época em que o Brasil criou seus melhores filmes de todos os tempos. E times de futebol que pareciam coisa de cinema.

QUANDO ÉRAMOS REIS

Embora estendesse o conceito para o país todo, Nelson Rodrigues pensava no futebol quando criou o termo “complexo de vira-latas”. Na Copa do Mundo de 1958, a opinião geral era de que íamos para a Europa escorregar no tomate. “Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”, escreveu o cronista. “Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: ‘O Brasil não vai se classificar!’.”

Nelson era do ramo. Torcedor fanático do Fluminense, escrevia sobre futebol – e principalmente sobre seu time – no antigo *Jornal dos Sports*. Junto com seu irmão Mário Filho – cujo nome batizou o estádio do Maracanã –, foi o principal responsável pelo prestígio dos confrontos entre Flamengo e Fluminense, o Fla-Flu, que se tornaria um dos clássicos mais tradicionais do futebol brasileiro. Nelson era empolgado. Suas posições sobre futebol eram apaixonadas, radicais, o que ficava evidente em seus textos. A paixão do escritor não se conformava com a cabeça baixa do torcedor diante das possibilidades do escrete nacional, porque Nelson era também um ufanista. “A Europa é uma burrice aparelhada de museus”, dizia.

Segundo ele, sentíamos-nos como cães sarnentos desde a maior vergonha do futebol brasileiro – pelo menos na era pré-Copa de 2014: a derrota para o Uruguai, na final do Mundial de 1950, no Maracanã. De virada. E só precisando do empate. “Obdulio [craque uruguaio] nos tratou a pontapés,

como se vira-latas fôssemos”, disse Nelson. “O problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.”

Nelson Rodrigues, porém, não perdia a fé no time. Principalmente, mantinha a crença quase religiosa em um menino negro de 17 anos, personagem metafísico que, em um América-RJ x Santos, meses antes da Copa do Mundo, havia feito quatro gols, determinando a vitória do visitante por 5 x 3. O desempenho do garoto naquela partida fez com que Nelson o elegesse o “personagem da semana” de sua crônica, na qual cobriu o jogador santista dos elogios mais rasgados. “O que nós chamamos de realza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: a de se sentir rei da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento”. Era a primeira vez na história que alguém chamava Edson Arantes do Nascimento de rei.

Nessa mesma crônica, Nelson já previa que Pelé seria o antídoto para o nosso distúrbio de inferioridade no futebol e que isso faria a diferença na Copa de 1958. “Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.”

Nelson foi profético. Após um empate preocupante com a Inglaterra na segunda partida da Copa de 58, os próprios jogadores do time pediram ao treinador Vicente Feola que colocasse para jogar dois garotos que, até então, só estavam esquentando o banco de reservas. O técnico topou, apesar do temor que a seleção da União Soviética impunha a jornalistas do Brasil inteiro – por aqui, a impressão era de que seríamos varridos da Europa pelo “futebol científico” dos soviéticos, adversários quase robôs, máquinas de jogar, frios e inabaláveis. Só faltou combinar com os dois novatos da seleção brasileira. Na primeira bola que recebeu, logo no início do jogo, Garrincha driblou o time inteiro da União Soviética e mandou um tiro na trave. Ih... E a receptividade do brasileiro? Que desrespeito! Agora os russos iriam se vingar...

Mas não. Nem tinham como. Porque no meio daquele ano começara uma das histórias mais fantásticas do futebol mundial: a seleção brasileira jamais perderia um jogo se Pelé e Garrincha estivessem juntos em campo. A parceria imbatível durou de maio de 1958 a julho de 1966, e 40 jogos – 36 vitórias e quatro empates. Nesse caminho, atropelou o futebol científico dos soviéticos: 2 x 0.

A partir dali, nós é que seríamos invejados. A semifinal, contra a França, foi páreo duro. Os franceses eram uma das maiores forças do torneio, e tinham o artilheiro da Copa, Just Fontaine. O Brasil nem tomou conhecimento. O primeiro tempo terminou 2 x 1 para a nossa seleção e a segunda etapa foi uma aula de futebol dada por aquele adolescente do Santos: três gols de Pelé, aos 8, 19 e 31 minutos. Goleada: Brasil 5 x 2 França.

Na final, contra os suecos donos da casa, *replay* do jogo anterior: nova humilhação por 5 x 2, com mais dois gols de Pelé (participante de apenas quatro partidas, ele marcaria seis gols na Copa da Suécia). O rei-menino, gênio de sua arte, era também artilheiro.

Assim, o futebol brasileiro chutava o complexo de vira-lata com uma bota de ferro. Pela primeira vez, uma seleção vencia fora de seu continente – de uma forma que afundava na lixeira qualquer coitadismo.

A Copa seguinte, no Chile, viria a consolidar nossa posição de cabeça erguida diante do mundo. Brasil bicampeão. Sem Pelé, que se machucara no comecinho da competição, mas com um show de Garrincha.

Naqueles anos 1960, as vitórias do Brasil não deviam deixar mais dúvida: coitados são os outros, não nós. Mas bastou uma desclassificação prematura na Copa de 1966 – não dá para ganhar todas, certo? – para que nova desconfiança contaminasse cada manchete de jornal, cada discussão de botequim. Éramos incapazes de novo. Mais uma vez, a torcida e a crônica esportiva decretariam: o Brasil estava acabado. Bom mesmo era o futebol brucutu do time inglês – que vencera a Copa em casa, com juiz roubando a favor. O torneio de 1970 prometia ser um naufrágio. E Pelé já teria quase 30 anos.

Faltava ao espírito do país alguém que não tivesse inveja do futebol inglês, alemão ou italiano. Faltava alguém que acreditasse que o Brasil, autoconfiante, não perdia para ninguém. Faltava João Saldanha.

Jornalista e ex-técnico do Botafogo, apelidado de João Sem Medo por Nelson Rodrigues, Saldanha tinha uma personalidade forte. Andava armado, não era de meias palavras e achava o fim do mundo quando lhe diziam para imitar o futebol europeu. Convidado a ser o novo técnico da seleção brasileira, Saldanha estava convicto de que o Brasil em campo podia ser imbatível sempre – e jogando futebol tipicamente brasileiro. Em sua primeira convocação, surpreendeu já anunciando de cara quais seriam os 11 titulares. Montou um grupo que ficou conhecido como “as feras do Saldanha”.

Essas feras foram disputar as eliminatórias da Copa do Mundo. Já no segundo jogo, contra a Venezuela, o Brasil dominava a partida de tal modo que passou a jogar displicentemente. O primeiro tempo acabou em 0 x 0. Quando os jogadores foram para o intervalo, embaixo de chuva, quem estava esperando à frente da porta do vestiário, com a chave na mão? O técnico do time, dizendo que, para jogar aquele futebolzinho, ninguém precisava trocar de roupa ou descansar. E mandou os jogadores de volta para o campo, esperar o reinício do jogo sob chuva. Pelé e companhia. Se isso mudou a atitude para o segundo tempo? O resultado fala por si: Brasil 5 x 0.

O grupo autoconfiante de Saldanha, jogando um futebol ofensivo, com dois pontas abertos – futebol brasileiro puro –, foi arrasador durante toda a campanha das eliminatórias. O que mais teve foi goleada: o Brasil marcou 23 gols e só tomou dois – sendo que Tostão, sozinho, fez dez. No último jogo, em casa, o complexo de vira-lata e a inveja do futebol jogado na Europa eram coisas do passado, tanto que um público superlativo de mais de 200 mil pessoas lotou o Maracanã para assistir às feras impondo outra derrota, dessa vez ao Paraguai. Era um futebol mágico, praticado por gênios do esporte – Pelé, Tostão, Gérson, Jairzinho... –, comandados por um homem que, anos depois, perguntado se era otimista sobre o Brasil, responderia: “Claro, se eu não fosse, já tinha me naturalizado dinamarquês”.

João Saldanha não veria a Copa do Mundo junto à comissão técnica da seleção. Mesmo vitorioso, foi demitido e substituído por Zagallo em um caso até hoje mal explicado, mas cujos rumores dão a entender que ele haveria se recusado a convocar o atacante Dadá Maravilha, xodó de Médici, o presidente militar da época. Há também quem diga que a

demissão era questão de tempo. Afinal, Saldanha era membro do Partido Comunista – e ainda atuava na clandestinidade mesmo à frente da seleção, durante a fase mais pesada de toda a ditadura. Era improvável que os milicos fossem deixar um comunista levar o time de futebol ao tricampeonato mundial. De fato, ele não levou. Foi impedido. Mas, ao recuperar a autoestima do nosso futebol, foi João Saldanha, João Sem Medo, quem preparou o terreno para as exhibições de gala que o Brasil realizaria durante a Copa no México, onde ganhou com um brilho jamais repetido.

Hoje, o Brasil vive uma situação ambígua no futebol. É o maior vencedor da história das Copas do Mundo. O único pentacampeão – pelo menos no momento em que este livro está sendo escrito, em 2015. Tem em seu passado o melhor jogador da história. E, no presente, um dos melhores do mundo: Neymar, outro garoto vindo do Santos. Mas é também a seleção mais humilhada dos últimos tempos. A seleção dos 7 x 1.

Há motivos para explicar a superioridade da Alemanha na Copa de 2014. O investimento do governo alemão na preparação de atletas e técnicos, na criação de campinhos para os meninos praticarem, na organização de seus campeonatos, na manutenção de seus melhores jogadores – que não debandaram para outros países, como acontece no Brasil. Mesmo assim, a goleada diante da seleção brasileira, em pleno Mineirão, é daquelas coisas que só acontecem no futebol – talvez o mais imprevisível dos esportes. Imediatamente, a crônica esportiva, que até então vivia apostando em uma final Brasil x Argentina, passou a destacar o quanto devíamos nos curvar à excelência dos germânicos. Nossos zagueiros viraram chorões, nossa comissão técnica, inútil. Como dizia uma antiga publicidade do jornal *Folha de S.Paulo*, dá para contar uma grande mentira falando apenas verdades.

A seleção brasileira saiu dessa Copa com a imagem manchada. É claro. E esperamos que a surra inspire a inveja benigna que desperta os competidores de alto desempenho. Desde 1958, a seleção conquistou Copas em quase todas as décadas. E, em uma que não ganhou, a seleção de Telê, Zico e Sócrates presenteou o mundo com um futebol poético, vistoso, quase malabarista. Foi um futebol tão bonito que deixou os vencedores da Copa de 1994 com inveja. Parecia preferível ter perdido em 1982 – com uma

imperfeição tão perfeita que foi chamada de “futebol-arte” – do que vencido burocraticamente com Parreira e Dunga.

Podemos ter tido nossos maus momentos – e um especialmente catastrófico – com a seleção. Mas um país que teve Pelé e Garrincha jogando juntos, com a mesma camisa, nunca poderia se sentir um vira-lata, nem ter inveja de ninguém. Pelo menos, não no futebol.

FELICIDADE À BRASILEIRA

O verdadeiro 7 x 1 que os alemães nos impõem não é no gramado dos estádios. É em todo o resto. Um exemplo: nos últimos 25 anos, a produtividade industrial no Brasil cresceu, na média anual, só 1%. Já na Alemanha, o governo chamou para discussão os sindicatos de trabalhadores, as universidades e as entidades empresariais para formar um pacto com a finalidade de aumentar a produtividade do país em 50% até 2020. Isso mesmo que você leu: 50%. Em cinco anos.

O país europeu também nos dá outro show de bola em um produto tão cotidiano que consideramos nosso (assim como o futebol): o café. Um terço dos cafezinhos que o planeta bebe sai do nosso porto de Santos. E o maior comprador é... Sim, a Alemanha. Só que eles não bebem tudo isso – até porque muitos naquele país preferem cerveja no café da manhã. Os alemães revendem a maior parte: importam 18 milhões de sacas e revendem 12 milhões na Europa, com a ajuda de sua excelente malha ferroviária. Pagam, em valores de 2014, 400 reais por saca e revendem por 800. Isso faz do país europeu o terceiro maior exportador de café do planeta – sem jamais ter plantado um pé. Jogada de Pelé, certo? Ou de Beckenbauer.

Mas também é fato que estamos dando nossos passos na construção de um país mais próximo do ideal. Em uma pesquisa sobre mobilidade urbana feita pelo Ibope no segundo semestre de 2014, nove em cada dez paulistanos se disseram favoráveis à construção e ampliação das ciclovias. Uma percepção importante para que as coisas comecem a entrar nos eixos – e estejamos um pouco mais próximos de Amsterdã na convivência harmoniosa entre bicicletas, pedestres, carros e ônibus.

Já a nossa comida está encantando o mundo. Além das premiações já citadas, vale lembrar que o chef Alex Atala foi apontado em 2013 pela

revista *Time* como uma das cem personalidades mais influentes do mundo – ao lado de gente como Sheryl Sandberg, a chefe de operações do Facebook, e Barack Obama. No texto de apresentação de Atala, René Redzepi, chef do Noma, restaurante dinamarquês considerado o melhor do planeta, exaltou justamente a filosofia de usar ingredientes nativos brasileiros em receitas da alta cozinha.

E nosso cinema nunca lançou tantos filmes de boa qualidade, que refletem o perfil múltiplo do povo brasileiro. Além dos documentários, lançados em profusão, há dramas sensíveis sobre cariocas, baianos, gaúchos, paulistas e até índios do Xingu. Pernambuco surgiu como um novo polo produtivo, com uma linha de filmes de alto padrão, como *O Som ao Redor*, de Kleber Mendonça Filho, vencedor da edição 2012 do Festival do Rio.

Tudo isso sem falar que *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, não sai da lista dos 250 melhores filmes de todos os tempos do Internet Movie Database (IMDB), o ranking de filmes mais popular no mundo (que vai mudando conforme saem produções novas). No começo de 2015, a obra-prima de Meirelles estava na 21ª posição no IMDb, dividindo o alto da lista com obras de dimensão histórica, como *O Poderoso Chefão* (1972) e *Os Sete Samurais* (1954). E não costuma estar sozinho ali: *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha, também é um frequentador assíduo da lista. Ué, mas eles não têm Oscar! Não, e nem precisam.

E, no futebol, os atletas brasileiros – cujo comportamento habitual era bovino até a medula – finalmente se uniram em um movimento chamado Bom Senso F.C. para exigir melhorias, como campeonatos mais bem-organizados, calendários viáveis, responsabilidade financeira dos clubes e investimentos na formação da base dos nossos jogadores. Se o governo se sensibilizar com essas demandas, nossa inveja no âmbito futebolístico será apenas entre os torcedores de clubes rivais: uma inveja impossível de exterminar, mas que abriga o verdadeiro espírito do futebol.

O Brasil real é melhor do que o brasileiro acha. Ruim e bom ao mesmo tempo, invejoso e invejado. De praias lindas, inventividade e gente exigindo melhorias. Também de cidades violentas e congestionadas, políticos corruptos e empresários corruptores – tudo o que dá argumento a um autoexílio como o de Tom Jobim, nosso maestro bossa-nova e pensador da brasilidade, que dizia: “Viver no exterior é bom, mas é uma merda. Viver no Brasil é uma merda, mas é bom”.

Esteja Tom certo ou não, o importante é que o Brasil faça como Lennon e McCartney ensinaram lá nos anos 1960, no auge de sua produção criativa: use o lado bom da inveja para consertar o que há de errado. E para não se dar por satisfeito com o que é tão somente bom. Porque sem uma dose desse pecado ninguém chega a lugar algum.

BIBLIOGRAFIA

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ALMEIDA, João Ferreira de (tradutor). *Bíblia Sagrada*. Centaur Editions, 2012.
- ALY, Götz. *Why the Germans? Why the Jews?* Nova York: Henry Holt and Company, 2014.
- AQUINO, Tomás de. *Sobre o Ensino (De Magistro) / Os Sete Pecados Capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BELLOS, Alex. *Alex through the Looking-Glass*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014.
- BESSEL, Richard. *Nazismo e Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- CABRAL, Sérgio. *Antonio Carlos Jobim: uma biografia*. São Paulo: Lazuli Editora, 2008.
- CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- COUSINS, Mark. *História do Cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- DAVIES, Hunter. *As Cartas de John Lennon*. São Paulo: Planeta, 2012.
- DOGGETT, Peter. *A Batalha pela Alma dos Beatles*. Curitiba: Nossa Cultura, 2012.
- DOYLE, Tom. *Man on the Run: Paul McCartney nos anos 1970*. São Paulo: LeYa, 2014.
- EPSTEIN, Joseph. *Inveja*. São Paulo: ARX, 2004.
- FELDMAN, Burton. *The Nobel Prize: A History of Genius, Controversy, and Prestige*. New York: Arcade Publishing, 2000.
- FORSDYKE, Sara. *Exile, Ostracism, and Democracy: The Politics of Expulsion in Ancient Greece*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KLEIN, Carlos Jeremias. *A História do Pecado na Teologia e na Igreja Cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- KLEIN, Melanie. *Envy and Gratitude*. Nova York: Vintage, 1997.
- LUTERO, Martinho. *Dos Judeus e suas Mentiras*. Porto Alegre: Editora Revisão, 1993.
- McMILLIAN, John. *Beatles vs. Stones*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.
- McRANEY, David. *You are not so Smart*. Nova York: Penguin Books, 2011.
- MEYERS, Morton A. *Prize Fight: The Race and The Rivalry to Be The First in Science*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.
- MORRISON, Donald R. (Org.). *The Cambridge Companion to Socrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- NORDLINGER, Jay. *Peace, They Say*. Londres: Encounter Books, 2012.
- PANATI, Charles. *Sacred Origins of Profound Things*. Nova York: Penguin Books, 1996.
- PHILIP, Norman. *John Lennon: The Life*. Nova York: HarperCollins, 2008.
- PIZA, Daniel. *Carlos Chagas: a ciência nos trópicos*. São Paulo: Ediouro, 2010.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. LL Library, 2013.
- _____. *Críton*. LL Library, 2013.
- _____. *Eutífrone*. LL Library, 2013.
- _____. *Fédon*. LL Library, 2013.
- PLUTARCO. *Plutarch: Lives of The Noble Grecians and Romans*. Amazon (domínio público).

RILEY, Tim. *Tell me Why*. Boston: Da Capo Press, 2002.
RODRIGUES, Nelson. *A Pátria de Chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
SCHOECK, Helmut. *Envy: A Theory of Social Behaviour*. Indianapolis: Liberty Fund, 1987.
SHÔNAGON, Sei. *O Livro do Travesseiro*. São Paulo: Editora 34, 2013.
STONE, I.F. *O Julgamento de Sócrates*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
TOMEI, Patrícia Amélia. *Inveja nas Organizações*. São Paulo: Makron Books, 1994.
TURNER, Steve. *The Beatles: A História Por Trás De Todas As Canções*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
VASARI, Giorgio. *Life of Michelangelo*. São Paulo: St Pauls, 2002.
VENTURA, Zuenir. *Mal Secreto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
VIANNA, Antonio Moniz. *Um Filme por Dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
WAGNER, Richard. *El Judaísmo en la Música*. Madri: Hermida Editores, 2013.
WATES, Royce E. *Mozart: An Introduction to The Music, The Man, and The Myths*. Milwaukee: Amadeus Press, 2010.
WILCOX, Clifton. *Envy: A Deeper Shade of Green*. Bloomington: Xlibris, 2012.
XENOFONTE. *The Apology of Socrates*. Tradução: Ken Wolfe, 2012. Amazon (domínio público).

FILMES

CAPRONI, Leandro. *Complexo de Vira-Latas*. 2014.
FINCHER, David. *A Rede Social*. 2010.
FORMAN, Milos. *Amadeus*. 1984.
LEAF, David. *Beautiful Dreamer: Brian Wilson and The story of Smile*. 2004.
MACEDO, Beto; SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha – O filme*. 2012.
PIOTTO, Adalberto. *Orgulho de Ser Brasileiro*. 2013.
SPIELBERG, Steven. *A Lista de Schindler*. 1993.
VÁRIOS. *The Beatles Anthology*. 1995.
WHITE, Ryan. *Good Ol' Freda*. 2013.